

FONOLOGIA E MORFOLOGIA DA LÍNGUA KAINGÂNG:  
O DIALETO DE SÃO PAULO COMPARADO COM O DO PARANÁ

por

MARITA PÔRTO CAVALCANTE

Tese apresentada ao  
Departamento de Linguística  
do Instituto de Estudos da  
Linguagem da Universidade  
Estadual de Campinas como  
requisito parcial para obten  
ção do grau de Doutor em  
Ciências.

Campinas

1987

*Este exemplar é a redação  
final de Tese defendida  
por MARITA PÔRTO CAVALCANTE  
e aprovada pela Comissão  
juizadora em 30.07.87*

*Prof. Dr. ARYON D.  
Rodrigues*

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

Agradeço o apoio recebido, em forma de bolsa de estudos ou de auxílio à pesquisa, da FAPESP, da CAPES e CEP-PUCSP.

Agradeço também ao meu orientador, Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues, e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

## RESUMO

### Fonologia e Morfologia da língua Kaingãng: o dialeto de São Paulo comparado com o do Paraná.

Este trabalho é um ensaio de análise fonológica do dialeto de São Paulo da língua Kaingãng (família lingüística Jê) em comparação com o dialeto do Paraná. A análise do dialeto paulista se baseia inteiramente em dados colhidos pela autora em trabalho de campo realizado no Posto Indígena Vanuíre, município de Tupã, SP. A fonologia do dialeto do Paraná foi reanalisada a partir dos estudos de Wieseemann e Kindell. A análise fonológica foi estendida aos processos morfológicos, particularmente desenvolvidos no dialeto do Paraná. As descrições fonológicas dos dois dialetos, feitas segundo a fonologia gerativa standard de Chomsky e Halle, são apresentadas nos capítulos I (São Paulo) e II (Paraná). No capítulo III são descritos os processos morfológicos dos dois dialetos. O capítulo IV representa uma tentativa de formalização dos processos fonéticos intrassegmentais, dos quais o modelo gerativo standard não dá conta. Por outra parte, com base no confronto dos dois dialetos, levanta-se a hipótese de que o estado de obsolescência em que se encontra o dialeto de São Paulo é responsável pela grande margem de flutuação no desempenho fonético de seus falantes e pela redução ou eliminação de processos morfológicos que o caracterizam.

Autor: Marita Pôrto Cavalcante

Orientador: Prof.Dr.Aryon Dall'Igna Rodrigues

## ÍNDICE

RESUMO		
INTRODUÇÃO		
CAPÍTULO I		
	Descrição fonológica do Kaingãng de São Paulo	3
1.1.	A representação fonológica	3
1.1.1.	A matriz fonológica	7
1.1.1.1.	Segmentos consonantais	7
1.1.1.2.	Segmentos não consonantais	8
1.1.2.	Constituição silábica	9
1.1.3.	Colocação de acento	13
1.1.4.	Regras fonológicas para o Kaingãng de São Paulo	15
1.1.4.1.	Regras de definição implicativas independentes do contexto	15
1.1.4.2.	Regras de definição implicativas dependentes do contexto	16
1.1.4.3.	Regras de definição de flutuação independentes do contexto	22
1.1.4.4.	Regras de definição de flutuação dependentes do contexto	23
1.1.4.5.	Regras táticas	24
1.2.	A matriz fonética para o Kaingãng de São Paulo	28
CAPÍTULO II		
	Descrição fonológica do Kaingãng do Paraná	29
2.1.	A representação fonológica	29
2.1.1.	A matriz fonológica	30

2.1.1.1.	Segmentos consonantais	30
2.1.1.2.	Segmentos não consonantais	30
2.1.2.	Constituição silábica	31
2.1.3.	Colocação de acento	34
2.1.4.	Regras fonológicas para o Kaingãng do Paraná	34
2.2.	A matriz fonética para o Kaingãng do Paraná	45

### CAPÍTULO III

	Aspectos morfológicos do Kaingãng	46
3.1.	O verbo	46
3.1.1.	Ativação em Kaingãng	46
3.1.2.	A formação do plural verbal	58
3.1.3.	Alternância em certos temas verbais	82
3.2.	O nome	87
3.2.1.	Alternância em substantivos e descritivos	87

### CAPÍTULO IV

	Ensaio de formalização dos processos fonéticos intrassegmentais do Kaingãng	91
4.1.	Subespecificação fonética de fonemas complexos	91
4.2.	Os processos fonéticos intrassegmentais no Kaingãng de São Paulo	97
4.2.1.	Processos fonéticos que afetam os segmentos consonantais nasais	98
4.2.1.1.	Assimilação	98
4.2.1.2.	Zeração	103
4.2.2.	Processos fonéticos que afetam os segmentos consonantais palatais	106

4.2.2.1.	Assimilação	106
4.2.2.2.	Zeração	107
4.2.3.	Processos fonéticos que afetam as vo- gais	108
4.2.3.1.	Assimilação	108
4.2.3.2.	Zeração	109
4.2.4.	Processos fonéticos que afetam as a- proximantes	110
4.2.4.1.	Silabificação	110
4.2.4.2.	Zeração	113
4.3.	Os processos fonéticos intrassegmentais no Kaingãng do Paraná	114
4.3.1.	Processos fonéticos que afetam os seg- mentos consonantais nasais	114
4.3.1.1.	Assimilação	114
4.3.1.2.	Zeração	117
4.3.2.	Processos fonéticos que afetam os seg- mentos consonantais palatais	118
4.3.2.1.	Assimilação	118
4.3.2.2.	Zeração	119
4.3.3.	Processos fonéticos que afetam as vo- gais	119
4.3.3.1.	Assimilação	119
4.3.3.2.	Zeração	120
4.3.4.	Processos fonéticos que afetam as apro- ximantes	120
4.3.4.1.	Silabificação	120
4.3.4.2.	Zeração	121
4.4.	Exemplicação de derivações intrasseg- mentais	122

CONCLUSÃO	128
NOTAS	134
BIBLIOGRAFIA	141

## INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é a identificação e descrição dos processos fonológicos e morfofonológicos da língua Kaingãng (família lingüística Jê), com base em dados do dialeto de São Paulo, por nós colhidos em trabalho de campo, e em dados do dialeto do Paranã, registrados e analisados por Wieseemann e Kindell.

Os Kaingãng de São Paulo, que na década de 1910 foram vítimas de violentos conflitos com os brancos e tiveram seu número drasticamente reduzido, constituem hoje uma população diminuta, da qual cerca de 50 pessoas vivem no Posto Indígena Vanuíre, no município de Tupã, mas com algumas famílias vivendo também no Posto Icatu, no município de Braúnas. Mesmo no Posto Vanuíre, onde realizamos nosso trabalho de campo, os Kaingãng vêm cruzando-se com outros índios e com brancos, situação que tem favorecido progressivamente o uso da língua portuguesa, com crescente restrição do uso da língua indígena, a qual poderá dentro de alguns anos ser substituída inteiramente pelo português<sup>1</sup>. Poucos dominam ainda o Kaingãng. Pudemos contar, realmente, com apenas cinco informantes adequados à coleta de dados. Ao todo fizemos cinco visitas ao Posto Vanuíre, gravando em média três horas e meia em cada visita, durante o período de novembro de 1978 a novembro de 1981.

Quanto à descrição da língua, deter-nos-emos mais pormenorizadamente na análise fonológica. Nos três primeiros capítulos o tratamento dado à análise adere, tanto quanto possível, ao modelo teórico contido no Sound Pattern of English de Chomsky e Halle (1968). No cap. IV, porém, é ensaiado um tratamento mais adequado para dar conta da



constituição complexa dos segmentos da língua Kaingãng. Consideraremos também alguns aspectos morfofonológicos, dos quais o Kaingãng de São Paulo apresenta ainda alguns vestígios.

Segundo U. Wieseemann (1971), cinco dialetos compõem a língua Kaingãng:

- a) dialeto de São Paulo - falado ao norte do rio Paranapanema, no Estado de São Paulo;
- b) dialeto do Paraná - falado na área compreendida entre os rios Paranapanema e Iguaçu;
- c) dialeto Central - falado na área compreendida entre os rios Iguaçu e Uruguai;
- d) dialeto Sudoeste - falado ao sul do rio Uruguai e oeste do rio Passo Fundo;
- e) dialeto Sudeste - falado ao sul do rio Uruguai e leste do rio Passo Fundo.

Os melhores estudos publicados sobre a língua Kaingãng incidem sobre o dialeto do Paraná (Kindell 1972, Wieseemann 1971, 1972, 1978, 1980). É também deste dialeto o dicionário de Fr. Mansuetto Barcatta de Valfloriana (1920), assim como as notas pioneiras de Borba (1908). Sobre o dialeto central são dignas de nota as contribuições de Baldus (1935, 1947, 1952, 1953) e Guérios (1942).

Estreitamente aparentada ao Kaingãng é a língua dos Xoklêng de Santa Catarina, objeto dos estudos de Jules Henry (1935, 1941, 1948).

## CAPÍTULO I

### Descrição fonológica do Kaingãng de São Paulo

Neste capítulo apresentaremos a matriz fonológica para o Kaingãng de São Paulo (1.1.1), a estrutura silábica (1.1.2), a colocação de acento nesse dialeto (1.1.3) e as regras fonológicas necessárias à derivação das realizações fonéticas (1.1.4).

#### 1.1. A representação fonológica

Para a especificação das propriedades fonológicas distintivas no Kaingãng de São Paulo vamos tomar como quadro referencial geral o que foi elaborado por Chomsky e Halle em The Sound Pattern of English (1968). Entretanto, alguns desvios desse quadro serão empreendidos, tanto em vista de críticas já feitas por outros autores a inadequações de certas propriedades nele definidas, quanto em resposta à natureza dos fatos que nos oferece a língua Kaingãng.

Para o estabelecimento das classes principais de segmentos ('major classes') Chomsky e Halle (1968: 298ss.) propõem as propriedades [sonorante], [silábico]<sup>1</sup> e [consonantal]. Utilizaremos as duas últimas, mas não a primeira.

Ao empregarmos a propriedade consonantal reconsideramos sua aplicação ao segmento /r/. Em Kaingãng /r/, /y/ e /w/ formam uma classe natural, submetendo-se às mesmas regras fonológicas, tais como 'nasalização de r, y e w' (R.13) e 'cópia de vogal' (R.24). O uso da pro-

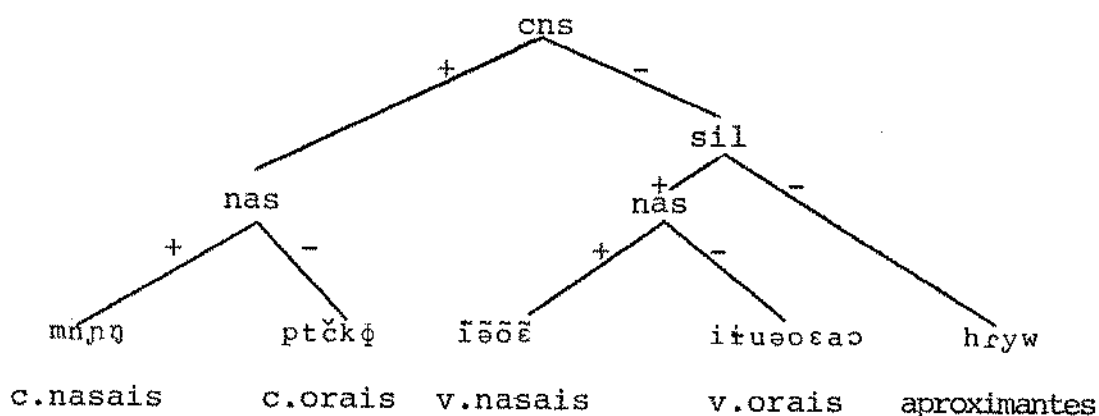
priedade [consonantal] por Chomsky e Halle leva a distinguir as líquidas e as consoantes dos glides e das vogais (cf. Chomsky e Halle 1968:302-303); /r/, incluído entre as líquidas, seria caracterizado, por conseguinte, como [+cns], enquanto que /y/ e /w/, sendo glides, se caracterizariam como [-cns]. Isto separaria, de modo radical, os membros do que é, no Kaingãng de São Paulo, claramente uma classe natural.

Além desse argumento de natureza fonológica, temos ainda argumento de natureza fonética. O [r] kaingãng é o que Ladefoged (1971:46-47) chama de aproximante, uma classe de sons por ele definida como produzida por 'approximation of two articulators without producing a turbulent airstream', abrangendo essa categoria articulatória sons que outros lingüistas têm chamado de 'semivowels, laterals, and frictionless continuants (as well as vowels)'. Durante a produção de um [r] kaingãng do dialeto de São Paulo, realmente não percebemos contato entre os articuladores, e essa característica articulatória o aproximaria mais de uma vogal do que de uma consoante<sup>2</sup>. Esta interpretação é reforçada pelo fato de ter sido registrada no Kaingãng do Rio Grande do Sul (dialeto de Nonoai) variação livre entre [r̄] e [ã] como em [r̄īr̄] e [r̄īã] 'viver' (comunicação pessoal de Rodrigues). Caracterizaremos então o /r/ kaingãng paulista como [-consonantal].

Empregaremos a propriedade [silábico] com a finalidade - já apontada por Chomsky e Halle (1968:353.355) ao substituírem a propriedade [vocálico] por [silábico] - de separar sons que podem constituir núcleo silábico dos que nunca o fazem. No Kaingãng somente as vogais podem

constituir núcleo de sílaba, sendo portanto, [+sil]; os outros fonemas da língua, que formam aliás a classe de fonemas iniciais: /p t č k φ m n ŋ h r y w/, têm [-sil] como propriedade comum.

Evitamos empregar a propriedade [sonorante], por duas razões: a) essa propriedade é aplicada por Chomsky e Halle de modo discutível a diversas categorias de sons, como a oclusiva e a fricativa glotais e as vogais surdas (presumivelmente também as líquidas surdas, as nasais surdas e as aproximantes surdas), como já foi arguido, entre outros, por Ladefoged (1971:109)<sup>3</sup>, Anderson (1974:298)<sup>4</sup> e Hyman (1975:45)<sup>5</sup>, o que indica que é problemática sua constituição em propriedade definidora de classes fonológicas maiores ('major class feature') (cf. também Istre 1980: 105-106); b) além das propriedades [consonantal] e [silábico], é a propriedade [nasal] que propicia uma divisão mais fundamental dos fonemas do Kaingãng de São Paulo, no sentido de permitir identificar classes maiores fonologicamente relevantes:



Para dar conta dos modos de articulação dos fonemas do Kaingãng de São Paulo usaremos duas propriedades:

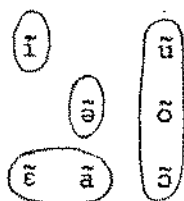
[vozeado] e [contínuo], adotando aqui as respectivas definições propostas por Chomsky e Halle (1968). A necessidade da propriedade [vozeado] decorre do fato de serela o elemento apropriado para a divisão da classe das aproximantes, partindo-se em dois subgrupos, um constituído apenas pela não vozeada (/h/)<sup>6</sup> e o outro constituído pelas vozeadas (/r y w/). Além disso, [+vozeado] é a propriedade comum aos fonemas que na representação básica ocorrem em final de sílaba: /m n ɲ ŋ r y w V/<sup>7</sup>. A propriedade[contínuo], finalmente, separa /ϕ/ das demais consoantes o-rais.

A caracterização dos pontos de articulação nos faz admitir a conveniência de elaborar matrizes separadas para os segmentos consonantais e os não consonantais, visto que a única propriedade comum seria [nasal]. As propriedades [contínuo] (Chomsky e Halle, 1968: 317), [anterior] e [coronal] (Chomsky e Halle, 1968: 304) aplicam-se exclusivamente a segmentos consonantais, sendo, portanto, irrelevantes para a especificação dos segmentos não consonantais. Além disso, propriedades como [alto], [baixo], [posterior] e [arredondado], aplicáveis tanto a segmentos consonantais como a segmentos não consonantais, são, no caso do Kaingãng, inteiramente redundantes e, portanto, irrelevantes para a especificação mínima dos segmentos consonantais.

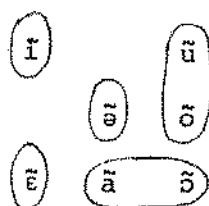
Por outro lado, a constatação de que o inventário dos segmentos não consonantais nasais difere nos dois dialetos (o de São Paulo e o do Paranã), nos levará a uma hierarquização diferente na aplicação dos traços para esses segmentos. A diferença no inventário de tais segmen-

tos se deve à neutralização de propriedades diferentes, como demonstram os esquemas abaixo, onde segmentos contidos num mesmo conjunto são alofones de um mesmo fonema:

Kaingãng de São Paulo



Kaingãng do Paraná



Assim, no dialeto de São Paulo<sup>8</sup>, há quatro vogais nasais, que representamos por /i, e, õ, ã/. Aplicando-se a propriedade [arredondado] em primeiro lugar, já caracterizaremos /õ/, separando-o das demais vogais nasais. A grande vantagem é não ter que aplicar a propriedade [alto] a essa vogal, uma vez que ela possui alofones que variam de [ũ] a [õ] (cf. R.19). Além disso não há necessidade de aplicar-se a propriedade [posterior] para caracterizar as vogais nasais. Na realidade essa propriedade não é distintiva para elas, pois, por um lado, o fonema /ẽ/ possui os alofones [ẽ] e [ã] em flutuação (cf. R.18); por outro lado, no fonema /õ/, já caracterizado como [+arredondado], a propriedade [+posterior] é redundante.

### 1.1.1. A matriz fonológica

Chegamos, então, às seguintes matrizes fonológicas para o Kaingãng de São Paulo:

#### 1.1.1.1. Matriz fonológica dos segmentos consonantais:

	p	t	č	k	ɸ	m	n	ɲ	ŋ
cns	+	+	+	+	+	+	+	+	+
nas	-	-	-	-	-	+	+	+	+
cnt	-	-	-	-	+				
ant	+	+	-	-		+	+	-	-
cor	-	+	+	-		-	+	+	-

1.1.1.2. Matriz fonológica dos segmentos não consonantais:

	h	r	y	w	i	ɨ	u	e	ɛ	o	ɔ	a	ɔ	ĩ	ẽ	õ	ẽ
cns	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
sil	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
nas					-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+
voz	-	+	+	+													
arr	-	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-	+	-	-
alt	-	+			+	+	+	-	-	-	-	-	-	+	-		-
bai								-	-	-	+	+	+		-		+
pos					-	+		-	+		-	+					

Além dos segmentos acima caracterizados, é conveniente especificar algumas propriedades das pausas relevantes para a representação fonológica do Kaingãng, particularmente a silabicidade, a voz e a nasalidade. As pausas caracterizam-se como: [-sil], [-voz] e [+nas].

Quanto à caracterização da pausa como [+nas], veja-se Rodrigues (1983) que se refere a fatos fonológicos que têm, entre outras, a "seguinte implicação para a teoria fonológica: ... a nasalização de consoantes no início ou no fim de palavras ou de enunciados, como em Pirahã, Iranxe, Rikbaktsa, Suruí, Xetã, Assurini, Tapirapê, indica que a propriedade nasal deve ser reconhecida como característica fonética de alguns tipos de fronteiras ou junturas."

Identificamos três tipos de fronteira no Kaingãng: fronteira de enunciado representada por ## (pausa obrigatória), fronteira de palavra representada por # (pausa potencial) e fronteira morfêmica representada por + (ausência de pausa).

Exemplos:

(1.1) ## iɲ## wẽ## tĩ## nĩ## ## 'até logo', literalmente 'eu vou indo';

(1.2) # # ko # ra # # 'coma!';

(1.3) # # pɐuy + pɐuy # hæ # # 'lisinho'

### 1.1.2. Constituição silábica

Para dar conta da divisão silábica no nível fonológico formulamos a seguinte regra:

R.1, inserção de fronteira silábica:

$$\emptyset \rightarrow \$/ \left\{ \begin{array}{l} [+sil] \left( \begin{array}{l} [-sil] \\ +nas \end{array} \right) \text{ ——— } \left( [-sil] \left( \begin{array}{l} [-sil] \\ +voz \\ -alt \end{array} \right) \right) [+sil] \\ \# \end{array} \right\}$$

(a fronteira silábica se acha (a) entre uma vogal seguida opcionalmente de consoante nasal e outra vogal precedida opcionalmente de consoante ou de consoante e da aproximante *r*, ou (b) contígua a pausa).

Esta regra estabelece os seguintes padrões silábicos (C = [-sil], V = [+sil]):

V - Exemplos:

(1.4) /e/ → /#e#/ 'muitos'

(1.5) /õ/ → /#õ#/ 'quem'

CV - Exemplos:

(1.6) /tí/ → /#tí#/ 'ele'

(1.7) /wã/ → /#wã#/ 'marcador de sujeito'

CVC - Exemplos:

(1.8) /'kím/ → /#kím#/ 'cortar'

(1.9) /pen'kar/ → /#pen#kar#/ 'contar'

CCV - Exemplos:

(1.10) /'pra/ → /#pra#/ 'morder'

(1.11) /ku'pri/ → /#ku#pri#/ 'branco'



(1.12) /'mɾɛ/ → /\$mɾɛ\$/ 'com'

(1.13) /ŋɾɛ'ɕɪ/ → /\$ŋɾɛɕɪ\$/ 'ovo'

CCVC - Exemplos:

(1.14) /'kɾĩŋ/ → /\$kɾĩŋ\$/ 'estrela'

(1.15) /kɾɛɲ'kõ/ → /\$kɾɛɲkõ\$/ 'cavar'

(1.16) /'ŋɾun/ → /\$ŋɾun\$/ 'gato'

Se considerarmos, contudo, uma palavra como /ɾẽŋ'ɾɔ/ 'comida', defrontar-nos-emos com ambigüidade na separação silábica, quer usemos critério fonético, quer u semos critério fonológico.

Do ponto de vista fonológico, servindo-nos de um argumento distribucional, chegaríamos igualmente a duas alternativas:

- a) \$ɾẽŋɾɔ\$, se considerarmos palavras como /ŋɾɛ'ɕɪ/ 'ovo', /'mɾɛ/ 'com', que têm ŋɾ e mɾ em início de sílaba;
- b) \$ɾẽŋɾɔ\$, se considerarmos palavras como /'ɾẽ/ 'sol', /'ɾɔɾ/ 'redondo', que começam por ɾ-, e palavras como /'kɾĩŋ/ 'estrela', que terminam por -ŋ.

Compare-se a situação no dialeto do Paraná (2.1.2).

Outro fato que nos chama a atenção no Kaingãng, ainda relativamente à sílaba, é a descoincidência entre o número de sílabas ao nível fonológico e ao nível fonético.

Descoincidência no número de sílabas ocorre:

- a) Em casos de "cópia de vogal" (cf. R.24), que podem ser

exemplificados por:

- (1.17) /ko'yor/ → ko'yoro 'anta'<sup>9</sup>  
 (1.18) /ko'ɸər/ → ko'ɸərə 'peixe'  
 (1.19) /'ɸey/ → 'ɸeye 'flor'  
 (1.20) /tõŋ'tõw/ → tõŋ'tõwõ 'vomitar'<sup>10</sup>

A partir dos exemplos acima notamos que no nível fonético essas palavras apresentarão sempre uma sílaba a mais do que no nível fonológico. Daí a necessidade de distinguirmos uma sílaba fonológica (fonêmica) de uma sílaba fonética. Assim:

- (1.21) /ɸkoɸ'yorɸ/ = [ko.'yo.ro] 'anta'  
 (1.22) /ɸkoɸ'ɸərɸ/ = [ko.'ɸwə.rə] 'peixe'  
 (1.23) /ɸ'ɸeyɸ/ = ['ɸe.ye] 'flor'  
 (1.24) /ɸtõŋɸ'tõwɸ/ = [tõŋg.'tõ.wõ] 'vomitar'

b) Em palavras iniciadas por r-, casos em que se dá silabificação desse r- (cf. R.23), como nos exemplos:

- (1.25) /'rẽ/ → ə'rẽ 'sol'  
 (1.26) /'ror/ → ə'ror 'redondo'

Aqui haverá, igualmente, descoincidência entre o número de sílabas do nível fonológico e do nível fonético, apresentando este uma sílaba a mais, pois:

- (1.27) /ɸrẽɸ/ = [ʔə.'rẽ] 'sol'  
 (1.28) /ɸrorɸ/ = [ʔə.'ro.ro] 'redondo'

Considerando-se a seguir os tipos de sílabas que podem ocorrer no meio e no final da palavra em Kaingãng, teremos que restringir o uso de sílabas CVC (ou CCVC), cuja última consoante for r, y ou w, à posição fi

nal da palavra, ou seja, antes de pausa. Quando, porém, essa última consoante for diferente de *r*, *y* ou *w*, a saber, *m*, *n*, *ɲ* ou *ŋ*, a sílaba CVC (ou CCVC) poderá ocorrer no meio da palavra. Não há restrições quanto à ocorrência de sílabas abertas, isto é, terminadas em vogal, podendo elas ocorrer tanto no meio como no final de palavra.

Finalmente, levando-se em consideração a distribuição dos fonemas consonantais na sílaba, poderemos elaborar o seguinte quadro:

ɤ-	-ɤ	
	no interior de palavra (-ɤ seg.)	no final de palavra (-ɤ ≠)
ptɔ̃kɸh		
mɲɲŋ	m n ɲ ŋ	m n ɲ ŋ
ryw		r y w

Note-se que os segmentos nasais, quando precedem, no fim de uma sílaba, um segmento obstruinte que inicie a sílaba seguinte, são substituídos por realizações fonéticas não sonorantes, pois perdem a nasalidade e a voz, mas mantêm sua propriedade [-tenso], pelo que continuam a distinguir-se dos segmentos obstruintes como nos exemplos abaixo:

(1.29) /kaɲ'kẽ/ = [kay̥'kẽ]. 'céu'

(1.30) /tẽŋ'tõ/ = [tẽg̥'tõ] 'três'

(1.31) /pɛn'kar/ = [pɛd̥'kara] 'contar'

Observa-se no Kaingãng de São Paulo a simpli

ficação opcional de seqüências de segmentos assilábicos homorgânicos. A seguinte regra dará conta desse fato:

R.2, queda de segmento assilábico antes de fronteira de palavra seguido por consoante homorgânica:

$$\left[ \begin{array}{l} -\text{sil} \\ \text{aponto} \end{array} \right] \rightarrow (\emptyset) / \text{---} \# \left[ \begin{array}{l} -\text{sil} \\ \text{aponto} \end{array} \right]$$

(um segmento assilábico cai opcionalmente em final de palavra quando seguido por segmento assilábico homorgânico).

Exemplos:

(1.32) /kran'kran#nĩ/ → kran'kranĩ 'está doente'

(1.33) /'kron#tĩ/ → ['krotĩ] 'vai beber'

(1.34) /yun#'tõ #nĩ/ → yu'tõnĩ 'não chegar'

### 1.1.3. Colocação de acento

Ao observarmos a ocorrência lexical do acento de intensidade no Kaingãng, verificamos que há uma correlação entre o acento e as classes de palavras:

a) palavras principais - nomes, descritivos e verbos - apresentam o acento de intensidade na última sílaba fonológica:

(1.35) nĩ'ŋɛ [ni'ŋɛ] 'mão' (nome)

(1.36) ko'yor [ko'yorɔ] 'anta' (nome)

(1.37) 'ka ['ka] 'árvore' (nome)

(1.38) ku'pri [ku'pri] 'branco' (descritivo)

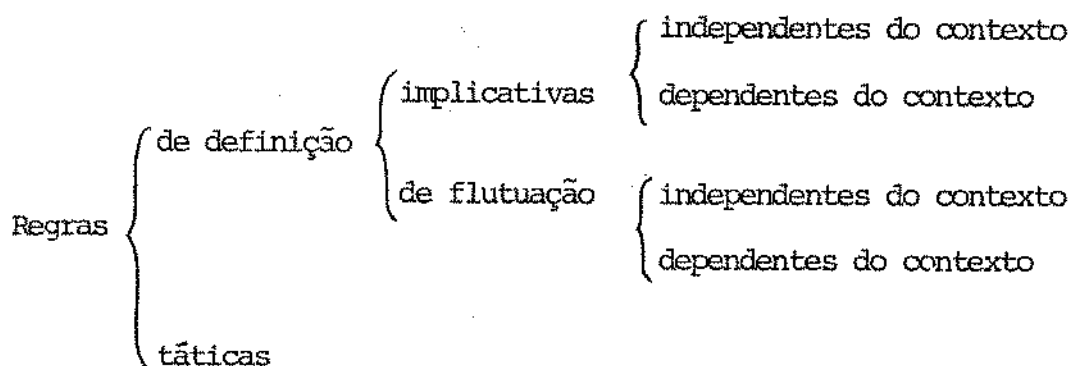
(1.39) 'tey ['teye] 'comprido' (descritivo)



#### 1.1.4. Regras fonológicas para o Kaingãng de São Paulo

Trataremos nesta seção das regras necessárias para a caracterização dos segmentos e para a derivação das realizações fonéticas do Kaingãng de São Paulo<sup>11</sup>. Constituem essas regras dois grupos distintos: as regras de definição, que caracterizam os segmentos da língua, e as regras táticas, que tratam de fenômenos como eliminação, acréscimo ou substituição de segmentos.

As regras de definição podem ser subdivididas em dois subgrupos: as implicativas que estipulam as restrições sistemáticas na constituição dos segmentos e as de flutuação, que definem realizações alternativas de um mesmo segmento. Cada um desses subgrupos, por sua vez, pode ser de dois tipos: independentes do contexto e dependentes do contexto. Esquemáticamente temos:



##### 1.1.4.1. Regras de definição implicativas independentes do contexto.

R.4  $\left[ \begin{array}{c} +cns \\ +nas \end{array} \right]$   
 $\downarrow$   
 $[+voz]$

(os fonemas consonantais nasais são também vozeados).

$$\text{R.5, } \begin{bmatrix} +\text{cns} \\ -\text{cnt} \\ -\text{nas} \end{bmatrix} \\ \downarrow \\ [-\text{voz}]$$

(os fonemas consonantais não contínuos orais são também surdos). Exclui-se o segmento contínuo  $\emptyset$ , que pode ser vozeado (cf.R.15).

$$\text{R.6, } \begin{bmatrix} +\text{cns} \\ +\text{ant} \\ -\text{cor} \end{bmatrix} \\ \downarrow \\ [+lab]$$

(os fonemas consonantais anteriores não coronais são também labiais).

#### 1.1.4.2. Regras de definição implicativas dependentes do contexto

R.7, alteração de altura vocálica:

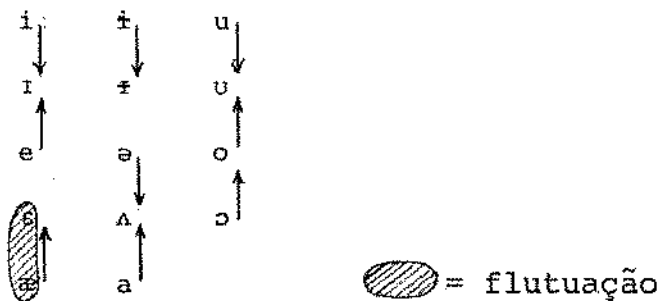
$$\begin{bmatrix} +\text{sil} \\ \alpha\text{alt} \\ \beta\text{bai} \end{bmatrix} \rightarrow \left( \begin{bmatrix} -\text{alt} \\ -\text{bai} \end{bmatrix} \right) / \left[ \begin{array}{c} \text{---} \\ -\text{ace} \end{array} \right]$$

Exemplos:

- (1.51) /kɨ'čɛ/ → kɨ'čɛ ~ kɨ'če 'lua'  
 (1.52) /kɨ'rõ/ → kɨ'rõ ~ kɨ'rũ 'moço'  
 (1.53) /ku'ka/ → [ku'ka] ~ [kʊ'ka] 'osso'  
 (1.54) /ka'nẽ/ → ka'nẽ ~ kʌ'nẽ 'olho'  
 (1.55) /ti#mi/ → [ti'mɨ] ~ [tɨ'mɨ] 'rabo dele'  
 (1.56) 'čõrõ → 'čõrõ ~ 'čõrũ 'curto'<sup>12</sup>  
 (1.57) ka'feyɛ → [ka'feyɛ] ~ [kʌ'feyɛ] 'folha'

- (1.58) ka'ɲiri → ka'ɲiri ~ ka'ɲiri      'brincar'  
 (1.59) kæ'kæyæ → [kæ'kæyæ] ~ [kæ'kæye]      'canoa'  
 (1.60) ko'ɸərə → ko'ɸərə ~ ko'ɸərə      'peixe'  
 (1.61) pɛd̥'kara → [pɛd̥'kara] ~ [pɛd̥'karɔ]      'contar'  
 (1.62) 'roro → ['roro] ~ ['roru]      'redondo'  
 (1.63) 'tere → ['tere] ~ ['teri]      'morrer'

A regra R.7 acima reflete um movimento interesante de vogais no Kaingãng de São Paulo: as vogais anteriores e posteriores altas descem um grau e as anteriores e posteriores médias e baixas sobem um grau, enquanto que as vogais centrais altas e médias descem um grau e as centrais baixas sobem um grau. Esquemáticamente temos:



O comportamento diferente das vogais centrais no Kaingãng poderia tomar-se como um argumento a favor da classificação tradicional das vogais em anteriores, centrais e posteriores, em contraposição à divisão em posteriores e não posteriores, decorrente do uso de propriedades binárias. Não obstante, vide a R.14 (a distribuição de [ɸ] e [ɸ<sup>w</sup>] correlaciona-se binariamente com as vogais anteriores e não anteriores, respectivamente).

R.8, prolongamento surdo de vogal final:

$$\emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} -\text{cns} \\ -\text{sil} \\ -\text{voz} \\ +\text{cnt} \\ \alpha \text{ propr.} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} -\text{cns} \\ +\text{sil} \\ +\text{cnt} \\ \alpha \text{ propr.} \end{bmatrix} \text{ ————— } \#$$



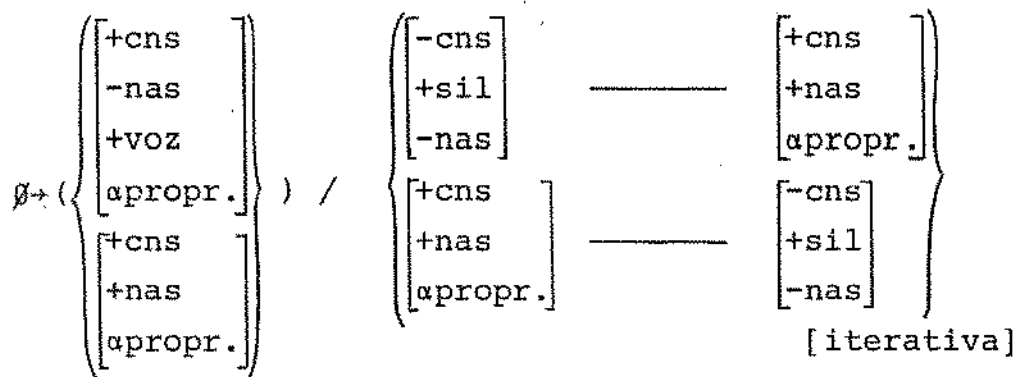
(insere-se, após uma vogal tônica final, uma outra vogal com as mesmas propriedades, mas desvozeada).

Exemplos:

(1.64) /nõ'nẽ/ → [nõ'nẽẽ] 'língua'

(1.65) /ko'φa/ → [ko'φaa] 'velho'

R.9, pré- e pós-desnasalização de consoante:



(insere-se opcionalmente uma consoante não nasal homorgânica vozeada entre uma vogal oral e uma consoante nasal, e vice-versa, ou seja, insere-se uma consoante nasal homorgâmica vozeada entre uma consoante nasal e uma vogal oral).

Exemplos:

(1.66) /ka'ŋa/ → [ka'gŋa] ~ [ka'gŋga] ~ [kã'ŋŋa] ~ [ka'ŋa] 'dor'<sup>13</sup>

(1.67) /wu'nur/ → wu'dnur 'fumaça'

(1.68) /ka'ɲir/ → ka'jɲir 'brincar'

(1.69) /iɲ#mɛn#wɛ/ → iɲ'mɛdnwɛ 'é meu marido'

(1.70) /iɲ#mɛŋ#wɛ/ → iɲ'mɛgŋwɛ 'é meu machado'

(1.71) /'pɔm#yɛ/ → 'pɔbmyɛ 'para rachar'

(1.72) /yaŋ'rẽ/ → [yagŋ'rẽ] ~ [yaŋ'rẽ] 'bonito'

(1.73) /ya'mĩ/ → [ya'bmĩ] ~ [ya'mĩ] 'caminho'

(1.74) /aŋ#wẽ → agŋwẽ ~ aŋwẽ 'eles + marcador de sujeito'

(1.75) /'pɛn#o/ → 'pɛdn'o 'batata'

- (1.76) /'mɛg~~g~~hə/ → ['mɛgɣ'hə] 'grosso'  
 (1.77) /'kɪm~~m~~/ → ['kɪbm] 'cortar'  
 (1.78) /mɾɛ/ → [mbrɛ] ~ [mɾɛ] 'com'  
 (1.79) /'ŋa/ → ['ŋga] ~ ['ŋga] ~ ['ŋa] 'terra'  
 (1.80) /hɛŋɛ/ → [hãŋɛ] ~ [hãŋgɛ] 'qual?'  
 (1.81) /tɛŋ'tõ/ → tɛŋg'tõ 'três'  
 (1.82) /hɛm'key/ → hɛmb'key 'respirar'  
 (1.83) /yɛn'kɪ/ → yɛnd'kɪ 'boca'

Aparentemente, a seqüência teoricamente possível de três nasais (p.ex.[kaŋŋa]) está sujeita a uma restrição pela qual uma das nasais é eliminada, deixando só duas nasais (pelo menos, a percepção da pronúncia do Kaingãng, refletida em nossa transcrição fonética, não permitiu distinguir mais que [ŋ] e [ŋŋ], ou seja,[ka'ŋa] e [ka'ŋŋa]).

R.10, desvozeamento de consoante:

$$[+cns] \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [-voz] \\ ([-voz]) \end{array} \right\} / \text{---} \left\{ \begin{array}{l} [+cns] \\ [-nas] \\ \langle \langle [-cns] \rangle \rangle \\ \langle \langle [-síl] \rangle \rangle \\ \# \end{array} \right\}$$

(uma consoante torna-se obrigatoriamente desvozeada diante de consoante não nasal e opcionalmente desvozeada diante de aproximante ou de pausa).

Exemplos:

- (1.84) /kaŋ'kẽ/ → kaŋ'kẽ 'céu'  
 (1.85) /pɛn'kar/ → pɛn'kar 'contar'  
 (1.86) tɛŋg'tõ → [tɛŋg'tõ] 'três'

- (1.87) hẽmb'key → hamb'key 'respirar'  
 (1.88) yẽnd'ki → [yẽnd'kɪ] 'boca'  
 (1.89) /'pen#'o/ → 'pen'o 'batata'  
 (1.90) /'mẽ#'hẽ/ → 'mẽ'hẽ 'bem grande'  
 (1.91) /'kim#/ → 'kim 'cortar'

R.11, desnasalização de consoante nasal diante de segmento assilábico ou pausa:

$$\begin{bmatrix} +cns \\ +nas \end{bmatrix} + [-nas] / \text{ ——— } [-sil] \neq$$

(uma consoante nasal perde sua nasalidade diante de segmento assilábico ou de pausa).

Exemplos:

- (1.92) /'yũmi/ → ['yũmi] 'pitanga'  
 (1.93) /'krẽmi/ → ['krẽmi] 'porco'  
 (1.94) kaŋ'kẽ → kaŋ'kẽ 'céu'  
 (1.95) pen'kar → ped'kar 'contar'  
 (1.96) 'pen'o → 'ped'o 'batata'  
 (1.97) 'mẽ'hẽ → ['mẽ'hẽ] 'bem grande'  
 (1.98) 'kim → ['kɪb] 'cortar'

R.12, desnasalização de consoante nasal depois de r:

$$\begin{bmatrix} +cns \\ +nas \end{bmatrix} + [-nas] / \begin{bmatrix} -cns \\ -sil \\ +voz \\ -arr \\ -alt \end{bmatrix} \text{ ——— }$$

(uma consoante nasal perde sua nasalidade quando precedida de *r*).

Exemplo:

(1.99) /ko'ʃar'məŋ/ → ko'ʃar'bəŋ 'peixe grande'

R.13, nasalização de *r* *y* e *w*:

$$\begin{bmatrix} -\text{cns} \\ -\text{sil} \\ +\text{voz} \end{bmatrix} \rightarrow [+nas] / [+nas]$$

(as aproximantes vozeadas tornam-se nasais em contigüidade com segmentos nasais).

Exemplos:

(1.100) pōr → 'pōr 'queimar'

(1.101) tōŋg'tōw → tōŋg'tōw̃ 'vomitar'

(1.102) /'rẽ/ → 'rẽ̃ 'sol'

(1.103) /nĩ'yẽ/ → [nĩ'yẽ̃] 'nariz'

(1.104) /wã/ → [wã̃] 'marcador de sujeito'

(1.105) /'yã/ → ['yã̃] 'mãe'

R. 14, arredondamento de  $\phi$ :

$$\begin{bmatrix} +\text{cns} \\ -\text{sil} \\ +\text{cnt} \end{bmatrix} \rightarrow [+arr] / \begin{bmatrix} +\text{sil} \\ +\text{pos} \end{bmatrix}$$

(a consoante contínua torna-se arredondada  
diante de vogal posterior).

Exemplos:

- (1.106) /'f̄ɨ/ → ['f̄wɨ] 'semente'  
 (1.107) /ko'f̄əɾ/ → ko'f̄wəɾ 'peixe'  
 (1.108) /'f̄ɔŋ/ → 'f̄wɔŋ 'civilizado'  
 (1.109) /'f̄a/ → 'f̄wa 'perna'

#### 1.1.4.3. Regras de definição de flutuação in- dependentes do contexto.

$$R.15, \begin{bmatrix} +cns \\ +cnt \end{bmatrix} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [-voz] \\ [+voz] \end{array} \right\}^{14}$$

(os segmentos  $\phi$  e  $\beta$  estão em flutuação)

Exemplos:

- (1.110) /'f̄ɛɾ/ → f̄ɛɾ ~ βɛɾ 'asa'  
 (1.111) /f̄i/ → [f̄i] ~ [βi] 'ela'  
 (1.112) /ka'f̄ɛy/ → ka'f̄ɛy ~ ka'βɛy 'folha'

$$R.16, \begin{bmatrix} -cns \\ -sil \\ +voz \\ -alt \end{bmatrix} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [-lat] \\ [+lat] \end{array} \right\}$$

(os segmentos  $r$  e  $l$  estão em flutuação).

Exemplos:

- (1.113) /'rɛ/ → 'rɛ ~ 'lɛ 'sol'  
 (1.114) /'roɾ/ → 'roɾ ~ 'loɾ 'redondo'  
 (1.115) /rɛɲ'ri/ → rɛɲ'ri ~ rɛɲ'li ~ lɛɲ'li ~ lɛɲ'li 'no-  
me próprio feminino'

$$R.17, \begin{bmatrix} +sil \\ -nas \\ -arr \\ -alt \\ +bai \\ -pos \end{bmatrix} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [2alt] \\ [1alt] \end{array} \right\}^{12}$$

(os segmentos  $\epsilon$  e  $\text{æ}$  estão em flutuação).

Exemplos:

(1.116) /nĩ'pɛ/ → [nĩ'pɛ] ~ [nĩ'pæ] 'mão'

(1.117) /kĩ'fɛy/ → [kĩ'fɛy] ~ [kĩ'fæy] 'sangue'

$$R.18, \begin{bmatrix} +sil \\ +nas \\ -arr \\ -alt \\ +bai \end{bmatrix} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [2 alt] \\ [1 pos] \\ [1 alt] \\ [1 pos] \\ [1 alt] \\ [2 pos] \end{array} \right\}$$

(os segmentos  $\tilde{e}$ ,  $\tilde{a}$  e  $\tilde{ã}$  estão em flutuação).

Exemplos:

(1.118) /'pẽp/ → ['pẽp] ~ [pãp] ~ ['pãp] 'cabelo'

(1.119) /ka'nẽ/ → [ka'nẽ] ~ [ka'nã] ~ [ka'nã] 'olho'

$$R.19, \begin{bmatrix} +sil \\ +nas \\ +arr \end{bmatrix} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [5 alt] \\ [4 alt] \\ [3 alt] \\ [2 alt] \end{array} \right\}$$

(os segmentos  $\tilde{u}$ ,  $\tilde{õ}$  e  $\tilde{õ}$  estão em flutuação).

Exemplos:

(1.120) tẽŋ'tõ → [tẽŋg'tõ] ~ [tẽŋg'tũ] ~ [tẽŋg'tũ] 'três'

(1.121) /mõ/ → [mõ] ~ [mũ] 'partícula aspectual'

(1.122) tõŋg'tõwõ → [tõŋg'tõwõ] ~ [tõŋg'tõwõ] 'vomitar'

#### 1.1.4.4. Regras de definição de flutuação dependentes do contexto

R.20, ensurdecimento de vogal final:

$$[+sil] \rightarrow ([-voz]) / \left[ \frac{\quad}{-ace} \right] \#$$

(uma vogal átona final torna-se opcionalmente desvozeada)

Exemplos:

(1.123)  $nĩ, \eta eped'ka\Lambda \rightarrow [nĩ, \eta eped'ka\Lambda] \sim [nĩ, \eta eped'ka\Lambda]$   
'cinco'

(1.124)  $ĩn'kēki \rightarrow [ĩn'kēki] \sim [ĩn'kēki]$  'dentro de casa'

(1.125)  $ĩ\eta \# mo'mē \# tĩti \rightarrow [ĩ\eta mo'mētĩti] \sim [ĩ\eta mo'mētĩti]$  'eu tenho medo'

(1.126)  $a\eta \# wā \# kamō \# 'tō \# nĩ \rightarrow [a\eta wēkamō'tōnĩ] \sim [a\eta wēkamō'tōnĩ]$   
'eles não vão'

R.21, ensurdecimento de aproximante antes de vogal surda:

$$\begin{bmatrix} - \text{cns} \\ - \text{sil} \\ + \text{voz} \\ - \text{arr} \end{bmatrix} \rightarrow ([-voz]) / \text{—————} \begin{bmatrix} + \text{sil} \\ - \text{voz} \end{bmatrix} \#$$

(uma aproximante não arredondada torna-se opcionalmente desvozeada antes de vogal desvozeada).

Exemplos:

(1.127)  $y\sigma'pə\epsilon \rightarrow [y\sigma'pə\epsilon] \sim [y\sigma'pə\epsilon]$  'molhado'

(1.128)  $nĩ, \eta eped'ka\Lambda \rightarrow [nĩ, \eta eped'ka\Lambda] \sim [nĩ, \eta eped'ka\Lambda]$   
'cinco'

(1.129)  $ka'fey\epsilon \rightarrow [ka'fey\epsilon] \sim [ka'fey\epsilon]$  'flor'

(1.130)  $?iyj'kur\upsilon \rightarrow [?iyj'kur\upsilon] \sim [?iyj'kur\upsilon]$  'minha roupa'

#### 1.1.4.5. Regras táticas

R.22, inserção de oclusiva glotal:

$$\emptyset \rightarrow ?/\$ \text{ ——— } [+sil]^{16}$$

(insere-se uma oclusiva glotal entre fronteira silábica e vogal).

Exemplos:

- (1.131) /\$hə\$'ə/ → [hə'ʔə] 'de nada'  
 /\$ẽŋ\$/ → [ʔẽŋ] 'nós'  
 \$'pɛdn\$'ɔ\$ → ['pɛdn'ʔɔ] 'batata'  
 \$'pɛd\$'ɔ\$ → ['pɛd'ʔɔ] 'batata'

R.23, inserção de ə antes de r inicial:

$$\emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} - \text{cns} \\ + \text{sil} \\ - \text{alt} \\ - \text{bai} \\ + \text{pos} \\ - \text{arr} \end{bmatrix} / \# \text{ — } \begin{bmatrix} - \text{cns} \\ - \text{sil} \\ + \text{voz} \\ - \text{arr} \\ - \text{alt} \end{bmatrix}$$

(insere-se ə entre pausa e r).

Exemplos:

- (1.135) 'rẽ → ə'rẽ 'sol'  
 (1.136) 'ror → ə'ror 'redondo'

Observamos que há uma correlação articulatória natural entre r e a vogal ə: ambos estão numa posição central, em relação aos pares y-i e w-u:

- y-i (anterior, alta)  
 r-ə (central, não alta)  
 w-u (posterior, alta)

R.24, cópia de vogal:

$$\emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{sil} \\ \alpha \text{ propr} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} + \text{sil} \\ \alpha \text{ propr} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} - \text{cns} \\ - \text{sil} \end{bmatrix} \text{ — } \#$$

(depois de aproximadamente final insere-se uma vogal com as mesmas propriedades da vogal que precede essa aproximante).



Exemplos:

(1.137) /ko'yor/ → ko'yoro 'anta'

(1.138) tōŋg'tōw̃ → tōŋg'tōw̃ō 'vomitar'

(1.139) /φey/ → φeye 'flor'

R.25, assimilação: m → w, ɲ → y<sup>17</sup>

$$\begin{bmatrix} + \text{ nas} \\ \alpha \text{ ant} \\ - \alpha \text{ cor} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} - \text{ cns} \\ - \text{ sil} \\ \alpha \text{ arr} \end{bmatrix} / \text{---} \begin{bmatrix} - \text{ cns} \\ - \text{ sil} \\ \alpha \text{ arr} \end{bmatrix}$$

(uma consoante nasal bilabial se transforma em w e uma consoante nasal palatal se transforma em y antes de w e y, respectivamente).

Exemplos:

(1.140) /iɲ # 'yɔŋ/ → iy'yɔŋ 'meu pai'

(1.141) /iɲ # 'yẽ/ → iy'yẽ 'minha mãe'

(1.142) /,tɔm # wẽy'wo # ye/ → [,tɔwwẽy'woye] 'vamos correr'

(1.143) /,hɔm # wa # 'tĩ/ → [,hɔwwa'tĩ] 'carregue essa mesa'

R.26, fusão de ɲ e t :

$$\begin{bmatrix} + \text{ cns} \\ + \text{ nas} \\ - \text{ ant} \\ + \text{ cor} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} + \text{ cns} \\ - \text{ nas} \\ + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} - \text{ cns} \\ + \text{ sil} \\ - \text{ ace} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{ cns} \\ - \text{ nas} \\ - \text{ ant} \\ + \text{ cor} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} - \text{ cns} \\ + \text{ sil} \\ - \text{ ace} \end{bmatrix}$$

(a consoante nasal palatal seguida de consoante dental não nasal funde-se com esta em posição átona, resultando na consoante palatal não nasal č).

Exemplos:

(1.144) ?iyntōwẽ → ?iyčōwẽ 'é meu'

R.27, inserção de y:

$$\emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} - \text{cns} \\ - \text{sil} \\ + \text{voz} \\ - \text{arr} \\ + \text{alt} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} - \text{cns} \\ + \text{sil} \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} + \text{cns} \\ - \text{ant} \\ + \text{cor} \end{bmatrix}$$

(insere-se uma aproximante vozeada não arredondada alta antes de consoante palatal).

Exemplos:

- (1.145) /čə'čə/ → [čəy'čə] 'preto'  
 (1.146) /ku'čõ/ → [kuy'čõ] 'vermelho'  
 (1.147) /ka'nir/ → kay'nir 'brincar'  
 (1.148) /kaŋ'kẽ/ → kayŋ'kẽ 'céu'  
 (1.149) /kẽŋ'par/ → kẽyŋ'par 'inchar'  
 (1.150) /'təŋ/ → 'təyŋ 'verde'

R.28, inserção de consoante nasal homorgânica:

$$\emptyset \rightarrow \left( \begin{bmatrix} + \text{cns} \\ + \text{nas} \\ \alpha \text{ ponto} \end{bmatrix} \right) / \begin{bmatrix} + \text{sil} \\ + \text{nas} \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} + \text{cns} \\ - \text{nas} \\ - \text{cnt} \\ \alpha \text{ ponto} \end{bmatrix}$$

(insere-se opcionalmente uma consoante nasal homorgânica entre uma vogal nasal e uma consoante não nasal).

Exemplos:

- (1.151) /ẽ # 'hẽ # tẽ # nĩ/ → ẽ'hẽntẽnĩ ~ ẽ'hẽtẽnĩ 'onde  
 você mora?'  
 (1.152) /ya'pẽ # ra/ → ya'pẽra ~ yapẽra 'para a roça'



## CAPÍTULO II

### Descrição fonológica do Kaingãng do Paraná

Com o objetivo de estabelecer um confronto sistemático com a fonologia do dialeto do Paraná, procedemos à reanálise dos dados publicados por Wieseemann (1971 e 1972), à luz da mesma teoria gerativa que informou a análise da fonologia do dialeto de São Paulo no capítulo anterior.

#### 2.1. A representação fonológica

No dialeto do Paraná há ocorrência de /ɣ/ em vez do /ç/ do dialeto paulista. Não obstante essa diferença, as consoantes do primeiro dialeto se submetem à mesma ordem de aplicação das propriedades usadas na matriz fonológica dos segmentos consonantais elaborada no capítulo 1 para o Kaingãng de São Paulo.

As vogais nasais do Kaingãng do Paraná, contudo, não se comportam da mesma forma que as do dialeto paulista. No dialeto do Paraná, por exemplo, a flutuação entre os alofones do fonema /õ/ não abrange a realização [õ̃]. Este som é alofone do fonema /ã/.

Esta diferença na alofonia nos levará a alterar a ordem das propriedades na matriz fonológica, para os segmentos não consonantais do Kaingãng do Paraná. Não conviria aplicar [arredondado] em primeiro lugar, como fizemos para o Kaingãng de São Paulo, pois /ã/ seria especificado como [-arr], embora no caso desse fonema a propriedade [arredondado] não seja distintiva, uma vez que /ã/ possui os alofones [ã] e [õ̃]. Para a especificação mais econômica das vogais do Kaingãng

do Paraná a propriedade [arredondado] deve ser ordenada após não só [posterior] , mas também após [alto] e [baixo].

### 2.1.1. A matriz fonológica

As matrizes fonológicas para o Kaingãng do Paraná serão as seguintes:

#### 2.1.1.1. Matriz fonológica dos segmentos consonantais:

	p	t	k	ɸ	ʃ	m	n	ɲ	ŋ
cns	+	+	+	+	+	+	+	+	+
nas	-	-	-	-	-	+	+	+	+
cnt	-	-	-	+	+				
ant	+	+	-	+	-	+	+	-	-
cor	-	+(-)	(+)	-	+	+	-		

Incluimos a propriedade redundante [-cor] na matriz fonológica dos segmentos consonantais do Kaingãng do Paraná para caracterizar k e ŋ, uma vez que necessitamos adiante (vide 3.1.2) de uma propriedade comum que separe as labiais m e p e as velares ŋ e k das dentais n e t e das palatais ɲ e ʃ. E essa propriedade é [-cor] (para nos atermos às propriedades de Chomsky e Halle (1968), pois as labiais e as velares são [-cor] , enquanto que as dentais e as palatais são [+cor]. Por razão análoga incluimos também a propriedade redundante [+cor] na especificação do segmento /ʃ/ desse mesmo dialeto (vide R.37).

#### 2.1.1.2. Matriz fonológica dos segmentos não consonantais:

	h	r	y	w	i	ɨ	u	e	ə	o	ɛ	a	ɔ	ĩ	ẽ	õ	ẽ	ã
cns	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
sil	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
nas					-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+
voz	-	+	+	+														
pos	-	-	+	-	+	+	-	+	+	-	+	+	-	+	+	-	+	+
alt	-	+		+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	+				
bai							-	-	-	+	+	+		-	-			+
arr					-	+		-	+		-	+		-	+			

### 2.1.2. Constituição silábica

U. Wieseemann (1972: 52-55) apresenta os seguintes exemplos de sílaba para o Kaingãng do Paraná:<sup>1</sup>

a) sílaba aberta ("offene Silbe"):

(2.1) kutay 'muito escuro', kutay? 'muito escuro?'<sup>2</sup>

(2.2) ka 'mosquito', ka? 'mosquito?'

(2.3) kre 'cesta', kre? 'cesta?'

b) sílaba semifechada ("halbgeschlossene Silbe"):

(2.4) ?ayn 'um?ayn (espécie de ave)', ?ayn? 'um ?ayn?'

(2.5) màg 'grande', mag? 'grande?'

(2.6) kràg 'porco do mato', kràg? 'porco do mato?'

c) sílaba fechada ("geschlossene Silbe"):

(2.7) fyr 'cantos', fyr? 'cantos?'

(2.8) fyrn 'cantos-eles', fyrn? 'os cantos?'

(2.9) prur 'limpo', prur? 'limpo?'

(2.10) prurn 'limpo-ela', prurn? 'a limpeza?'

Quanto à separação silábica, Wieseemann (1972: 57) alega que "as fronteiras silábicas não são sempre claramente separáveis; muitas vezes é impossível determinar o ponto de limite exato entre as sílabas"<sup>3</sup>. Ela apresenta, contudo, sete casos em que se pode determinar com precisão a fronteira silábica (1972: 57-58). Mais adiante, na pág. 58, ela apresenta três casos em que, no seu entender, não se pode determinar a fronteira silábica com precisão, casos estes ilustrados pelos exemplos abaixo:

(2.11) kremàg 'cesto grande'<sup>4</sup>

(2.12) togàghe 'ele boceja'

(2.13) kũmmũ 'cavando'

Pensamos, porém, que não há ambigüidade na se paração silábica das palavras acima, uma vez que se opere no nível fonológico apenas; a divisão se efetuará entre os fonemas e não entre os segmentos fonéticos destes. Assim:

(2.14) /\$kre\$màg\$/

(2.15) /\$tò\$ñãñ\$he\$/

(2.16) /\$kũm\$mũ\$/

O problema apontado por Wieseemann, então, parece decorrer do fato de querer ela conciliar os dois níveis, o fonético e o fonológico.

A regra de inserção de fronteira silábica formulada para o Kaingãng de São Paulo (cf.R.1) dará conta da divisão silábica no Kaingãng do Paraná, estabelecendo praticamente os mesmos padrões silábicos para este dialeto.

(2.17) CV - Exemplo: /ka/ 'mosquito'<sup>5</sup>

(2.18) CVC - Exemplo: /màg/ 'grande'

(2.19) CCV - Exemplo: /kre/ 'cesto'

(2.20) CCVC - Exemplo: /pcur/ 'limpo'

(2.21) CCVCC - Exemplo: /pcurn/ 'limpos-eles'

A situação de divisão silábica ambígua existente no Kaingãng de São Paulo, em palavras como /rẽñ'ro/ (vide 1.1.2), não se verifica no dialeto do Paraná. Neste, ocorrem duas situações contrastivas, cada uma delas associada com uma das duas divisões silábicas possíveis. Wieseemann (1972:58) oferece os seguintes dados:

(2.22) VN.rV [řegñ.ře] 'dois'

(2.23) V.NrV [ngři.gngře] 'dançar' (poderia também ser interpretado como VN.NrV)

(2.24)  $\tilde{V}N.rV$  [řãŋ.řɔ] 'feijão'

(2.25)  $\tilde{V}.NrV$  [ʔã.mbřɛ] 'contigo'

Como se vê, dado que os alofones pós-desnasalizados ([ŋg] ~ [gŋg]) só ocorrem precedendo imediatamente V ou rV, considera-se que eles iniciam as sílabas em que se acham as vogais orais, ao passo que os alofones não pós-desnasalizados ([ŋ] ~ [gŋ]); não podendo iniciar sílabas com V (mas só com  $\tilde{V}$ ), quando diante de rV, pertencem à sílaba precedente.

Esse contraste não existe no dialeto de São Paulo porque nele os alofones não pós-desnasalizados podem ocorrer em qualquer ambiente. Assim, enquanto o dialeto do Paraná distingue foneticamente [řãŋ.rɔ] 'feijão' e [ní.ŋgru] 'unha', o dialeto de São Paulo tem [rãŋrɔ] e [níŋru], sem qualquer diferença fonética aparente nas seqüências  $\tilde{V}NrV$ .

As demais considerações a respeito da constituição silábica do Kaingãng de São Paulo (vide 1.1.2), ou seja, quanto a: (1) descoincidência entre o número de sílabas ao nível fonológico e ao nível fonético, (2) restrição do uso de sílabas CVC (ou CCVC), cuja última consoante for r, y ou w, à posição final da palavra e (3) distribuição dos fonemas na sílaba, aplicam-se igualmente ao Kaingãng do Paraná.

Quanto à R.2 (queda de segmento assilábico antes de fronteira de palavra seguido por consoante homorgânica), esta deverá ser modificada, a fim de tornar-se obrigatória e de abrenger a simplificação de seqüências de segmentos assilábicos homorgânicos também no meio da palavra.



Temos assim:

R.29, queda de segmento assilábico em final de sílaba e antes de consoante homorgânica

$$\left[ \begin{array}{c} -\text{sil} \\ \text{aponto} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \text{---} \text{ } \text{\$} \left[ \begin{array}{c} -\text{sil} \\ \text{aponto} \end{array} \right]$$

(um segmento assilábico cai em final de sílaba quando seguido de consoante homorgânica).

Exemplos:

(2.26) kɾɔŋ\$krɔm → kɾɔ'krɔm

(2.27) kiŋ\$kiw → ki'kiw

(2.28) wɛɲ # šuŋ/ → wɛšuŋ

### 2.1.3. Colocação de acento

A R.3, ou seja, a regra de colocação de acento de intensidade aplica-se, sem alterações, ao Kaingãng do Paraná.

Exemplos:

(2.29) ni'ŋɛ [ni'ŋɛ] 'mão' (nome)

(2.30) ?ɔ'yɔɾ [?ɔ'yɔɾɔ] 'anta' (nome)

(2.31) 'krĩ [ 'krĩ] 'cabeça' (nome)

(2.32) ku'pri [ku'pri] 'branco' (descritivo)

(2.33) 'rɔɾ [ 'rɔɾɔ] 'redondo' (descritivo)

(2.34) 'šĩ [ 'šĩ] 'pequeno' (descritivo)

(2.35) yɛ'kɾɛn [yɛ'kɾɛdn] 'pensar' (verbo)

(2.36) 'tɛɾ [ 'tɛɾɪ] 'morrer' (verbo)

(2.37) 'wɛ [ 'wɛ] 'ver' (verbo)

### 2.1.4. Regras fonológicas para o Kaingãng do Paraná

No capítulo 1, além de duas regras relativas

à constituição silábica e de uma regra de acento, formula<sub>u</sub>mos vinte e quatro regras para dar conta das realizações fonéticas do Kaingãng de São Paulo. Uma reanálise dos dados apresentados por Wieseemann (1971 e 1972) nos levou à seguinte conclusão: dessas vinte e cinco regras acima mencionadas,

a) oito são regras exclusivas do dialeto de São Paulo, pois nem Wieseemann (1971 e 1972) nem Kundell (1972) se referem a elas. Trata-se das seguintes regras:

R.8, prolongamento surdo de vogal final;

R.12, desnasalização de consoante nasal depois de r;

R.15, flutuação entre  $\phi$  e  $\beta$ ;

R.16, flutuação entre r e l;

R.18, flutuação entre  $\tilde{e}$ ,  $\tilde{a}$  e  $\tilde{ã}$ ;

R.20, ensurdecimento de vogal final;

R.21, ensurdecimento de aproximante antes de vogal surda;

R.25, assimilação:  $m \rightarrow w$ ,  $n \rightarrow y$ ;

b) oito são regras comuns aos dois dialetos sem restrições. São as seguintes:

R.4, ou seja, os fonemas consonantais nasais são também vozeados;

R.5, ou seja, os fonemas consonantais não contínuos orais são também surdos;

R.6, ou seja, os fonemas consonantais anteriores não coronais são também labiais.

R.13, nasalização de r, y e w:

Exemplos:

(2.38) /'wã/ → ['wã̃] 'taquara'

(2.39) /'rã/ → 'rã 'sol'

(2.40) /'yã/ → ['ỹã] 'dente'

R.14, arredondamento de  $\phi$ :

Exemplos:

(2.41) /'ϕa/ → ['p<sup>w</sup>a] 'perna'

(2.42) /'ϕɔr/ → 'ϕ<sup>w</sup>ɔr 'cheio'

R.17, flutuação entre  $\epsilon$  e  $\text{æ}$ :

Exemplos:

(2.43) /'tɛy/ → 'tɛy ~ 'tæy 'comprido'

R.22, inserção de oclusiva glotal:<sup>6</sup>

Exemplos:

(2.44) aŋ → ?aŋ 'eles'

(2.45) ε'e → ?ε'e 'vomitar'

(2.46) 'pen'o → 'pen'?o 'batata'

R.23, inserção de  $\text{ə}$  antes de r inicial:

Exemplos:

(2.47) /'rɪŋ/ → ə'rɪŋ 'rachar'

(2.48) 'rã → [ə'rã] 'sol'

(2.49) 'rĩĩĩ → [ə'rĩĩĩ] 'viver'

R.24, cópia de vogal:

Exemplos:

(2.50) 'ϕ<sup>w</sup>ɔr → 'ϕ<sup>w</sup>ɔrɔ 'jogado fora'

(2.51) /'tɛy/ → 'tɛyɛ 'comprido'

(2.52) /'ŋɔw/ → 'ŋɔwɔ 'quebrado'

c) uma regra, a R.28 é comum aos dois dialetos, mas opcional em São Paulo e obrigatória no Paraná, razão por que é reformulada para este último dialeto como

R.30, inserção de consoante nasal homorgânica:

$$\emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{ cns} \\ + \text{ nas} \\ \alpha \text{ ponto} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} + \text{ cns} \\ - \text{ nas} \\ - \text{ cnt} \\ \alpha \text{ ponto} \end{bmatrix}$$

(insere-se obrigatoriamente uma consoante na sal homorgânica entre uma vogal nasal e uma consoante não nasal).

Exemplos:

- (2.53) /tãtə/ → [tãntə] 'lá'  
 (2.54) /kõ'kõm/ → [kõŋ'kõm] 'cavar'  
 (2.55) /ã'prĩ/ → [ʔãm'prĩ] 'caminho'

d) sete regras exigem maior reformulação para dar conta dos respectivos fenômenos no Kaingãng do Paraná. São elas:

A R.7 de São Paulo, reformulada para o Paraná como R.31, alteração de altura vocálica:

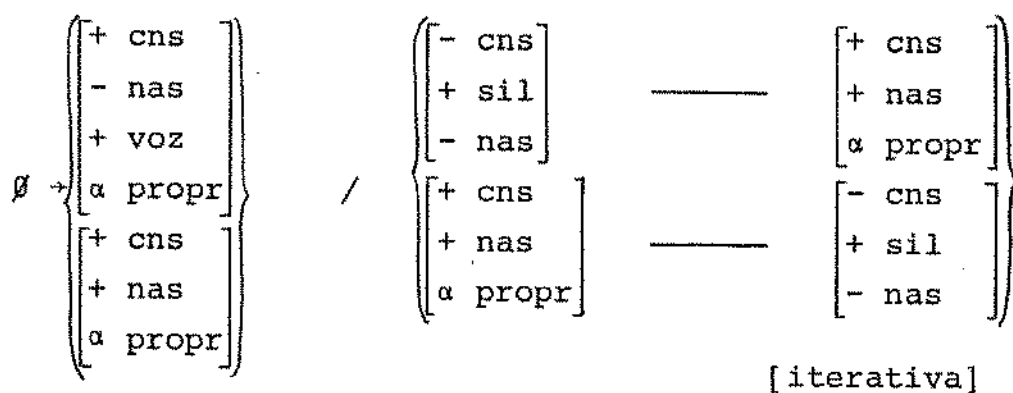
$$\begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ \alpha \text{ arr} \\ - \text{ alt} \\ - \text{ bai} \end{bmatrix} \rightarrow [4. \text{ alt}] / \begin{bmatrix} - \text{ cns} \\ - \text{ sil} \\ + \text{ voz} \end{bmatrix} \xrightarrow{\quad \#} [- \text{ ace}]$$

(as vogais médias orais sobem um grau quando se acham em posição átona final).

Exemplos:

- (2.56) ku'yere → ku'yerɪ 'estendido'  
 (2.57) 'yoyo → 'yoyu 'risco'  
 (2.58) 'rowo → 'rowu 'aberto'  
 (2.59) 'φoro → 'φoru 'jogado fora'

A R.9 de São Paulo, reformulada para o Paraná como R.32, pré- e pós- desnasalização de consoante:

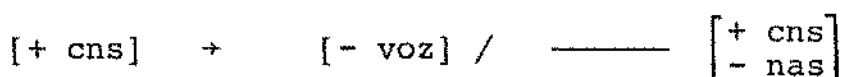


(insere-se obrigatoriamente uma consoante não nasal homorgânica entre uma vogal oral e uma consoante nasal, e vice-versa, ou seja, insere-se uma consoante nasal homorgânica entre uma consoante nasal e uma vogal oral).

Exemplos:

- (2.60) /ka'ŋa/ → [ka'gŋga] 'doente'  
 (2.61) /ko'me/ → [ko'bmbe] 'caldo'  
 (2.62) /kaŋ'rɛn/ → [kaŋg'rɛn] 'tornar grudento'  
 (2.63) /ka'nãn/ → [ka'dnãn] 'alisar'  
 (2.64) /ya'mĩn/ → [ya'bmĩn] 'caminho'  
 (2.65) /pã'tɛn/ → [pã'tɛdn] 'ultrapassar'  
 (2.66) /yaŋ'fɛɲ/ → yaŋ'fɛɲg 'fazer um ninho'  
 (2.67) 'f<sup>w</sup>ɔm → ['f<sup>w</sup>ɔbm] 'criar pus'  
 (2.68) /'ma/ → ['mba] 'molhado'  
 (2.69) /'no/ → ['ndo] 'flecha'  
 (2.70) /'ŋa/ → ['ŋga] 'terra'  
 (2.71) /'mrɛ/ → ['mbrɛ] 'com'  
 (2.72) /kã'me/ → [kã'mbe] 'veado'  
 (2.73) /tãŋ'tõ/ → tãŋg'tõ 'três'

A R.10 de São Paulo, reformulada para o Paraná como R.33, desvozeamento de consoante:



(uma consoante nasal torna-se desvozeada quando ocorre diante de uma consoante oral).

Exemplos:

- (2.74) tãŋg'tõ → tãŋg'tõ 'três'

- (2.75) yaŋ'ɸɪdn → yaŋ'ɸɪdn 'ter acne'  
 (2.76) yaŋ'ɸɛjɲ → yaŋ'ɸɛjɲ 'fazer um ninho'  
 (2.77) ɸun'ɸudn → qun'ɸudn 'criar pus'  
 (2.78) /'kamke/ → 'kamke 'quebrar'  
 (2.79) ʃɔŋ'ʃəbm → ʃɔŋ'ʃəbm 'espinhar'

A R.11 de São Paulo, reformulada para o Paraná como R.34, desnasalização de consoante nasal diante de segmentos assilábico:

$$\begin{bmatrix} + \text{cns} \\ + \text{nas} \end{bmatrix} \rightarrow [- \text{nas}] / \text{---} [- \text{sil}]$$

(uma consoante nasal desnasaliza-se quando seguida de segmento assilábico).

Exemplos:

- (2.80) /'krəŋmɪ/ → ['krəŋmɪ] 'poco-do-mato'  
 (2.81) yaŋ'ɸɪdn → [yaŋ'ɸɪdn] 'ter acne'  
 (2.82) yaŋ'ɸɛjɲ → [yaŋ'ɸɛjɲ] 'fazer um ninho'  
 (2.83) ɸun'ɸudn → [ɸud'ɸudn] 'criar pus'  
 (2.84) 'kamke → ['kabke] 'quebrar'  
 (2.85) ʃɔŋ'ʃəbm → [ʃɔŋ'ʃəbm] 'espinhar'

A R.19 de São Paulo, reformulada para o Paraná como R.35, flutuação entre [õ] [ũ] e [ü]:

$$\begin{bmatrix} + \text{sil} \\ + \text{nas} \\ + \text{arr} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{cases} [5 \text{ alt}] \\ [4 \text{ alt}] \\ [3 \text{ alt}] \end{cases}$$

(os segmentos [õ] [ũ] e [ü] estão em flutuação).

Exemplo:

- (2.86) /tãŋ'tõ/ → tãŋ'tõ ~ tãŋ'tũ ~ tãŋ'tü 'três'

A R.27 de São Paulo, reformulada para o Paraná como R.36, inserção de y:<sup>7</sup>

$$\emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} - \text{cns} \\ - \text{sil} \\ + \text{voz} \\ - \text{pos} \\ + \text{alt} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} - \text{cns} \\ + \text{sil} \end{bmatrix} \text{---} \begin{bmatrix} + \text{cns} \\ + \text{nas} \\ - \text{ant} \\ + \text{cor} \end{bmatrix}$$

(insere-se uma aproximante vozeada não arredondada alta entre vogal e consoante nasal palatal).

Exemplos:

(2.87) 'təjɲ → ['təyʝɲ] 'verde'

(2.88) /ya'kãɲ/ → [ya'kãʝɲ] 'esquerdo'

(2.89) kaɲ'kã → kayɲ'kã 'céu'

A R.26 de São Paulo, reformulada para o Paraná como R.37, fusão de ɲ e t (ou n):

$$\begin{bmatrix} + \text{cns} \\ + \text{nas} \\ - \text{ant} \\ + \text{cor} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} + \text{cns} \\ + \text{ant} \\ + \text{cor} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} - \text{cns} \\ + \text{sil} \\ - \text{ace} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{cns} \\ - \text{ant} \\ + \text{cor} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} - \text{cns} \\ + \text{sil} \\ - \text{ace} \end{bmatrix}$$

(a consoante nasal palatal seguida de consoante dental funde-se com esta em posição átona, resultando numa consoante palatal).

Exemplos:

(2.90) ?iɲtẽ → ?iʃẽ 'por mim'

(2.91) wẽɲnĩ → wẽɲĩ 'carne de alguém'

Hã oito regras exclusivas do dialeto do Paraná. Sua formulação torna-se necessária para dar conta da análise dos dados de Wiesemann e Kindell. São elas:

$$\text{R.38, } \begin{bmatrix} - \text{ant} \\ + \text{cor} \end{bmatrix} \\ \downarrow \\ [+ \text{alt}]$$

(as consoantes não anteriores coronais são também altas).

R.39, anteriorização de ɨ:

$$\begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ - \text{ nas} \\ - \text{ arr} \\ + \text{ alt} \\ + \text{ pos} \end{bmatrix} \rightarrow [+ 1 \text{ pos}] / \begin{bmatrix} - \text{ cns} \\ - \text{ sil} \\ + \text{ voz} \\ - \text{ pos} \\ + \text{ alt} \end{bmatrix}$$

(uma vogal oral não arredondada alta posterior anterioriza-se quando precedida de aproximante vozeada anterior alta).

Exemplos:

(2.92)  $y\acute{i}'k\text{r}\acute{e}d\text{n} \rightarrow y\acute{i}'k\text{r}\acute{e}d\text{n}$  'pensar'

(2.93)  $w\acute{i}y\acute{i}' \rightarrow w\acute{i}y\acute{i}'$  'arco'

R.40, posteriorização de  $i$ :

$$\begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ - \text{ nas} \\ - \text{ arr} \\ + \text{ alt} \\ + \text{ pos} \end{bmatrix} \rightarrow [+ 3 \text{ pos}] / \begin{bmatrix} - \text{ cns} \\ - \text{ sil} \\ + \text{ voz} \\ + \text{ post} \end{bmatrix}$$

(uma vogal oral não arredondada alta posterior posterioriza-se ainda mais quando precedida de aproximante vozeada não anterior).

Exemplos:

(2.94)  $'w\acute{i}d\text{n} \rightarrow 'w\acute{i}'d\text{n}$  'carregar'

(2.95)  $'w\acute{i}y\acute{i}' \rightarrow w\acute{i}'y\acute{i}'$  'arco'

R.41, flutuação entre  $e$  e  $\bar{a}$ ,  $\bar{e}$  e  $\bar{\bar{a}}$ :

$$\begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ - \text{ arr} \\ - \text{ alt} \\ - \text{ bai} \\ + \text{ pos} \end{bmatrix} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [+ 3 \text{ alt}] \\ [+ 2 \text{ alt}] \end{array} \right\}$$



(os segmentos [ə] e [ʌ] estão em flutuação, assim como [ẽ] e [ã]).

Exemplos:

(2.96) /tə/ → [tə] ~ [tʌ] 'de'

(2.97) /pẽn/ → [pẽn] ~ [pãn] 'cobra'

R.42, flutuação entre ã e õ:

$$\begin{bmatrix} + \text{sil} \\ + \text{nas} \\ - \text{arr} \\ - \text{alt} \\ + \text{bai} \\ + \text{pos} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{cases} [2 \text{ alt}] \\ [1 \text{ alt}] \end{cases}$$

(os segmentos [ã] e [õ] estão em flutuação).

Exemplos:

(2.98) /'prã/ → [prã] ~ [prõ] 'morder'

(2.99) 'yã → ['yã] ~ ['yõ] 'afiado'

R.43, supressão de # i- :

$$\# \begin{bmatrix} + \text{sil} \\ - \text{nas} \\ - \text{arr} \\ + \text{alt} \\ - \text{pos} \end{bmatrix} \rightarrow (\emptyset) / \# \text{ ————— } \begin{bmatrix} + \text{cns} \\ + \text{cnt} \\ - \text{ant} \end{bmatrix}$$

(uma vogal oral alta não posterior não arredondada cai opcionalmente quando precedida de pausa e seguida de consoante contínua palatal).

Exemplos:

(2.100) išõ → šõ 'por mim'

(2.101) išɔŋ → šɔŋ 'eu + indicador de sujeito'

R.44, inserção de š :

$$\emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{ cns} \\ + \text{ cnt} \\ - \text{ ant} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} + \text{ cns} \\ + \text{ ant} \\ + \text{ cor} \\ + \text{ alt} \end{bmatrix} \text{ ————— } \begin{bmatrix} + \text{ cns} \\ - \text{ nas} \\ + \text{ cnt} \\ - \text{ cor} \end{bmatrix}$$

(insere-se obrigatoriamente uma consoante contínua palatal entre consoante palatal e consoante contínua bilabial).

Exemplos:

(2.102) tãyp'feyε → tãypš'feyε 'folha de palmeira'

(2.103) ?iyɔ̃'fwa → ?iyɔ̃š'fwa 'minha perna'

R.45, inserção de consoante nasal:

$$\emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{ cns} \\ - \text{ cnt} \\ + \text{ nas} \\ - \text{ alt} \\ + \text{ cor} \end{bmatrix} / \# \text{ ————— } \begin{bmatrix} - \text{ cn̄s} \\ - \text{ sil} \\ + \text{ cnt} \\ + \text{ voz} \\ + \text{ alt} \end{bmatrix}$$

(insere-se uma consoante nasal dental entre pausa e a aproximante vozeada não posterior alta y).

Exemplo:

(2.104) 'yõ → ['nyõ] 'bravo'



CAPÍTULO III

Aspectos morfológicos do Kaingãng

O Kaingãng não apresenta muitos processos morfológicos. Há, porém, alguns interessantes e que valerá a pena descrever<sup>1</sup>, pela contribuição que dão para a descrição da fonologia.

3.1. O Verbo

Consideremos primeiramente o verbo kaingãng, classe na qual podemos observar três fatos principais: um processo de ativação, a formação do plural verbal e uma alternância em certos temas verbais.

3.1.1. Ativação em Kaingãng

Chamaremos de ativação o processo pelo qual um verbo estativo se transforma em ativo<sup>2</sup>, como, por exemplo, em:

- (3.1)  $\phi_{or}$  'jogado fora' +  $\phi_{on}$  'jogar fora'  
 (3.2)  $\phi_{or}$  'cheio' +  $\phi_{ãn}$  'encher'  
 (3.3)  $\phi_{un\phi_{ur}}$  'poeira' +  $\phi_{un\phi_{un}}$  'fazer poeira'  
 (3.4)  $kan_{er}$  'liso' +  $kan_{ãn}$  'alisar'

Além dos exemplos acima, consideremos os dados abaixo:

- |                          |                       |
|--------------------------|-----------------------|
| a. formas neutras        | b. formas ativas      |
| (3.5) $kar$ 'pronto'     | $kãn$ 'aprontar'      |
| (3.6) $k_{iwar}$ 'livre' | $k_{iwãn}$ 'libertar' |

(3.7)	kəŋer	'pintado'	kəŋan	'pintar'
(3.8)	kur	'roupa'	kun	'vestir roupa'
(3.9)	kutar	'apertado'	kutān	'apertar'
(3.10)	kuyer	'estendido'	kuyen	'estender'
(3.11)	mɾer	'molhado'	mɾān	'molhar'
(3.12)	nor	'buraco'	nən	'abrir'
(3.13)	nōr	'dormir'	nōn	'fazer alguém dormir'
(3.14)	ter	'morrer'	ten	'matar'
(3.15)	wir	'dado, colocado (pl.)'	win	'dar, colocar (pl.)'
(3.16)	tinir	'moído'	tinín	'moer'
(3.17)	kiw	'cortado'	kim	'cortar'
(3.18)	kōw	'buraco na terra'	kōm	'cavar'
(3.19)	ŋow	'quebrado'	ŋām	'quebrar ovo'
(3.20)	row	'aberto'	rom	'abrir-se'
(3.21)	kēy	'cesto'	kēŋ	'carregar no cesto'
(3.22)	ney	'cozido'	neŋ	'cozinhar'
(3.23)	ŋoy	'água'	ŋoŋ	'dar água'
(3.24)	roy	'cabelo curto'	rop	'cortar curto o cabelo'
(3.25)	tey	'comprido'	tēŋ	'encompridar'
(3.26)	yoy	'risco'	yoŋ	'riscar'
(3.27)	košín	'criança'	košín	'dar à luz'
(3.28)	kron	'beber'	kron	'dar de beber'
(3.29)	men	'esposo'	men	'desposar'
(3.30)	yēn	'comer' (intrans.)	yēn	'dar de comer'
(3.31)	praŋ	'brasa'	prāŋ	'arder'
(3.32)	kiwɛŋ	'sangue'	kiwɛŋ	'sangrar'
(3.33)	tāŋ	'gordo'	tāŋ	'engordar'
(3.34)	maŋ	'grande'	məŋ	'fazer maior'
(3.35)	ɸo	'pus'	ɸom	'criar pus'
(3.36)	paɸa	'mamar'	paɸām	'amamentar'
(3.37)	kutē	'cair'	kutēm	'derrubar'

(3.38)	ša	'pendurado'	šam	'pendurar'
(3.39)	qe	(entrar (pl.))'	qem	'fazer entrar (pl.)'
(3.40)	?e	'muito)	?em	'multiplicar-se'
(3.41)	we	'ver'	wen	'mostrar'
(3.42)	φi	'semente'	φin	(semear'
(3.43)	karã	'suor'	karãn	(suar'
(3.44)	ke	'resto, o que sobrou'	ken	'tratar com comi da'
(3.45)	kírũ	'moço'	kírũn	'ficar moço'
(3.46)	kíyo	'magro'	kíyon	'emagrecer'
(3.47)	ro	'cansado'	ron	'cansar'
(3.48)	koφa	'velho'	koφãn	'tornar-se velho'
(3.49)	rã	'maduro'	rãn	'amadurecer'
(3.50)	kri	'cabeça'	krin	'influenciar'
(3.51)	ma	'carregando coisa cur ta'	mãn	'carregar coisa curta'
(3.52)	pa	'sair' (pl.)'	pan	'fazer sair (pl.)'
(3.53)	pano	'torto'	panon	'entortar'
(3.54)	pãte	'atrás'	pãten	'ultrapassar'
(3.55)	še	'preto'	šen	'pretejar'
(3.56)	ši	'velho'	šin	'tornar-se velho'
(3.57)	pãφi	'pilha'	pãφin	'empilhar'
(3.58)	ši	'pequeno'	šin	'fazer pequeno'
(3.59)	tĩ	'andar'	tin	'fazer andar'
(3.60)	yaqφi	'acne'	yaqφin	'ter acne'
(3.61)	yikre	'pensamento'	yikren	'pensar'
(3.62)	kutu	'surdo'	kutun	'estar surdo'
(3.63)	mũ	'ir (pl.)'	mũn	'mover (pl.)'
(3.64)	nifē	'fechado'	nifēn	'fechar'
(3.65)	yaqφe	'ninho'	yaqφen	'fazer um ninho'
(3.66)	kokre	'podre com mal cheiro'	kokrãn	'apodrecer com mau cheiro'
(3.67)	φa	'amargo'	φãn	'amargar'
(3.68)	kaqa	'doente'	kaqãn	'fazer alguém adoecer'

(3.69)	kɨ	'fedido'	kɨŋ	'feder'
(3.70)	krɛ̃	'ovo, filhote'	krɛ̃ŋ	'botar ovo'
(3.71)	kuprã	'vazio'	kuprãŋ	'esvaziar'
(3.72)	kupri	'branco'	kupriŋ	'branquear'
(3.73)	kurã	'dia'	kurãŋ	'fazer dia'
(3.74)	kuša	'frio'	kušaŋ	'esfriar'
(3.75)	ŋrã	'assado'	ŋrãŋ	'assar carne'
(3.76)	ŋru	'aceso'	ŋruŋ	'acender'
(3.77)	pã	'embrulhado'	pãŋ	'embrulhar'
(3.78)	yɛ̃	'em pé'	yɛ̃ŋ	'levantar'

Para os dados acima podemos postular um sufixo -n 'ativo', que se acrescenta sem outras alterações às raízes terminadas em vogais orais altas e em vogais nasais:

(3.79)	ši	'velho'	šin	'tornar velho'
(3.80)	ɸi	'semente'	ɸin	'semear'
(3.81)	kutu	'surdo'	kutun	'estar surdo'
(3.82)	tĩ	'andar'	tĩn	'fazer andar'
(3.83)	mũ	'ir (pl.)'	mũn	'mover (pl.)'
(3.84)	karã	'suor'	karãn	'suar'

As raízes terminadas em vogais orais, não altas serão tratadas adiante. Antes, porém, tratemos daquelas que terminam em consoantes. As que terminam na forma neutra em consoante nasal apresentam essa mesma consoante na forma ativa, sem nenhuma alteração aparente, como:

(3.85)	košin	'filho'	košin	'dar à luz'
(3.86)	kron	'beber'	kron	'dar de beber'
(3.87)	kɨwɛŋ	'sangue'	kɨwɛŋ	'sangrar'
(3.88)	məŋ	'grande'	məŋ	'tornar maior'

Admitimos que nestes casos o /n/ do sufixo terá sido eliminado sistematicamente após consoante nasal, por uma regra assim:

R.46, simplificação de seqüência de nasais diante de pausa.

$$\begin{bmatrix} + \text{cns} \\ + \text{nas} \end{bmatrix} + \emptyset / \begin{bmatrix} + \text{cns} \\ + \text{nas} \end{bmatrix} \longrightarrow \#$$

(uma consoante nasal cai entre outra consoante nasal e pausa).

Por essa regra, que contribuirá também para dar conta de outros casos abaixo<sup>3</sup>, as derivações de *košin* 'dar à luz' e *məŋ* 'tornar maior' são as seguintes:

<p>(3.89) /# košin + n # /</p> <p style="padding-left: 40px;">košinn</p> <p style="padding-left: 40px;">košin</p>	<p>/# məŋ + n # /</p> <p style="padding-left: 40px;">məŋn</p> <p style="padding-left: 40px;">məŋ (R.46)</p>
---	---

Agora, consideremos que também há formas neutras terminadas em aproximantes, às quais correspondem formas ativas terminadas nas consoantes nasais homorgânicas daquelas aproximantes, como:

- |  |   |
|--|---|
| (3.90) <i>wir</i> 'dado, colocado (pl.)' | (3.90) <i>win</i> 'dar, colocar (pl.)'    |
| (3.91) <i>tɨnɨr</i> 'moído'              | (3.91) <i>tɨnɨn</i> 'moer'                |
| (3.92) <i>nõr</i> 'dormir'               | (3.92) <i>nõn</i> 'fazer dormir'          |
| (3.93) <i>kɛy</i> 'cesta'                | (3.93) <i>kɛŋ</i> 'carregar em cesta'     |
| (3.94) <i>roy</i> 'cabelo curto'         | (3.94) <i>roŋ</i> 'cortar curto o cabelo' |
| (3.95) <i>kɨw</i> 'cortado'              | (3.95) <i>kɨm</i> 'cortar'                |
| (3.96) <i>kõw</i> 'poeira'               | (3.96) <i>kõm</i> 'fazer poeira'          |



Para esses casos admitimos que a aproximante final da forma neutra se nasaliza diante do sufixo -n e que, a seguir, este /n/ é eliminado pela aplicação da R.46. A nasalização da consoante final diante do sufixo -n obedece à seguinte regra:

R.47, nasalização de segmento assilábico final diante de sufixo nasal:

$$\begin{bmatrix} - \text{sil} \\ - \text{nas} \end{bmatrix} + [+nas] / \text{---} + \begin{bmatrix} + \text{cns} \\ + \text{nas} \end{bmatrix}$$

(um segmento assilábico final nasaliza-se diante de juntura morfêmica seguida de consoante nasal).

As derivações de formas ativas como win 'dar, colocar (pl.)' e kɨm 'cortar' são as seguintes:

(3.97)	/ # wir + n # /	/ # kɨw + n # /	
	wɨrn	kɨwn	
	winn	kɨmn	(R.47)
	win	kɨm	(R.46)

Voltando a atenção às formas neutras terminadas em vogal, verificamos que entre elas há muitas cujas correspondentes formas ativas terminam em consoantes nasais diferentes de /n/, como:

(3.98)	să 'pendurado'	šam 'pendurar'
(3.99)	ŋe 'entrar(pl.)'	ŋem 'fazer entrar(pl.)'
(3.100)	nɨŋe 'fechado'	nɨŋɛŋ 'fechar'
(3.101)	ŋru 'aceso'	ŋruŋ 'acender'
(3.102)	krɛ 'ovo'	krɛŋ 'botar ovos'

Para esses casos vamos admitir a existência, na representação fonológica dessas palavras, de

uma consoante final surda, que é nasalizada pela R.47 com subsequente eliminação do /n/ pela R.46. Assim, as derivações de  $\eta\text{em}$  'fazer entrar (pl.)' e de  $k\text{r}\tilde{\text{e}}\eta$  'botar ovos' são as seguintes:

(3.103) / # $\eta\text{ep} + \text{n}$ # / $\eta\text{epn}$ $\eta\text{emn}$ $\eta\text{em}$	/ # $k\text{r}\tilde{\text{e}}\text{k} + \text{n}$ # / $k\text{r}\tilde{\text{e}}\text{kn}$ $k\text{r}\tilde{\text{e}}\eta\text{n}$ (R.47) $k\text{r}\tilde{\text{e}}\eta$ (R.46)
---	--

Embora a solução acima aumente o grau de abstração da análise, é interessante observar que essa alternativa se relaciona facilmente à ausência de segmentos assilábicos surdos finais no Kaingãng. Pode-se supor que essa restrição sistemática de ocorrência de segmentos assilábicos surdos em posição final decorra de um processo histórico que haja eliminado todos os segmentos dessa natureza que tenham existido em fase anterior da língua<sup>4</sup>.

A regra de eliminação de consoante surda final seria:

R.48, eliminação de consoante surda final:

$$\left[ \begin{array}{l} + \text{cns} \\ - \text{nas} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \text{————} \#$$

(um segmento consonantal oral, que é por definição surdo, cai diante de pausa)

Esta regra permite derivar as formas neutras dos exemplos (3.98) - (3.102) a partir das seguintes representações fonológicas: / #  $\text{ʒap}$  # /, / #  $\eta\text{ep}$  # /, / #  $\text{n}\tilde{\text{i}}\eta\text{e}\text{ʃ}$  # /, / #  $\eta\text{ruk}$  # / e / #  $k\text{r}\tilde{\text{e}}\text{k}$  # /.

Consideremos agora os casos em que se verifica alternância vocálica entre a forma neutra e a forma

neutra e a forma ativa, como:

(3.104)	pâte	'atrás'	pâteɛn	'ultrapassar'
(3.105)	nĩɸe	'fechado'	nĩɸɛɾ	'fechar'
(3.106)	koɣɛɾ	'pintado'	koɣan	'pintar'
(3.107)	pãno	'torto'	pãnoɛn	'entortar'
(3.108)	ɸo	'pus'	ɸom	'criar pus'
(3.109)	ɸoɾ	'jogado fora'	ɸon	'jogar fora'
(3.110)	ɣoy	'água'	ɣoɾ	'dar água'
(3.111)	mɾɛɾ	'molhado'	mɾãɛn	'molhar'
(3.112)	ma	'carregando coisa curta'	mãɛn	'carregar coisa curta'
(3.113)	ɸoɾ	'cheio'	ɸãɛn	'encher'
(3.114)	ɣow	'quebrado'	ɣãm	'quebrar'

Num estudo dessas alternâncias, Rodrigues (1981) diz: "os dados do Kaingãng sugerem que a conversão de, p. ex., e em a e de a em ã é um processo único, que situa ã como uma etapa extrema num contínuo de "abertura" ou de ampliação da caixa de ressonância:

ressonância média na cavidade bucal	e
ressonância máxima na cavidade bucal	a
ressonância oral máxima ampliada pela suplementação da caixa de ressonância nasal	ã."

E Rodrigues observa que "tanto a ampliação da caixa de ressonância oral quanto a adição da ressonância nasal contribuem, do ponto de vista acústico, para a maior compacidade das vogais." Ele opta, então, pelo uso da propriedade "compacto", atribuindo a cada vogal nasalizada "coeficiente de compacidade um número maior que o da vogal oral correspondente", sugerindo para as vogais do Kaingãng a seguinte escala de compacidade:



Com respeito a formas como  $\phi o/\phi om$ , que, além de apresentar alternância vocálica, terminam em vogal na forma neutra e têm na forma ativa uma consoante nasal diferente de /n/, é preciso admitir, também, a presença de uma consoante final na representação fonológica, a qual, com a aplicação da R.47; dê conta do ponto de articulação da nasal final da forma ativa. Mas há uma disparidade entre um caso como  $\eta e/\eta em$ , para o qual propusemos a representação fonológica / $\eta ep$ /, com uma consoante oclusiva surda, e o par  $\phi o/\phi om$  (para o qual poderíamos propor a representação fonológica / $\phi op$ /), visto que só neste último se dá a alternância vocálica. Sugerimos que a diferença se deva a uma diversidade entre as consoantes finais, isto é, que num dos casos a consoante final da representação fonológica não fosse uma oclusiva surda. Como a alternância vocálica ocorre também em casos em que não há nenhuma consoante final na representação fonológica, como / $pãte$ /, / $pãno$ /, / $\eta ow$ /, / $\eta oy$ /, / $\phi or$ /, etc., optamos por considerar que a consoante oclusiva desfavorece a aplicação da R.49, ao contrário das aproximantes e de zero, que a favorecem. Por essa razão, propomos que formas com alternância vocálica, como  $\phi o/\phi om$  sejam derivadas de uma representação fonológica com uma consoante final mais aparentada às aproximantes (e talvez a "zero"), a qual seria uma fricativa surda, que compartilha com essas a propriedade [+contínuo].

De acordo com isso, as derivações de  $\phi om$  'criar pus',  $n\acute{i}\phi\epsilon\eta$  'fechar' e  $\phi\tilde{a}\eta$  'amargar' são as seguintes:<sup>5</sup>

(3.117) /## $\phi o\phi +n$ ##/	/## $n\acute{i}\phi\epsilon\check{s} +n$ ##/	/## $\phi\tilde{a}h +n$ ##/	
$\phi o\phi n$	$n\acute{i}\phi\epsilon\check{s}n$	$\phi\tilde{a}hn$	(R.49)
$\phi omn$	$n\acute{i}\phi\epsilon\eta n$	$\phi\tilde{a}\eta n$	(R.47)
$\phi om$	$n\acute{i}\phi\epsilon\eta$	$\phi\tilde{a}\eta$	(R.46)

Como se depreende da discussão acima, a regra de compactação vocálica de Rodrigues não se aplica indistintamente nestas derivações, mas está sujeita a restrições que precisam ser especificadas para o processo de derivação que estamos discutindo. Uma restrição é de natureza gramatical: a regra só se aplica diante do sufixo -n 'ativo' e de outros sufixos (vide 3.1.2, 3.1.3 e 3.2.1). Outra restrição é de natureza fonológica: a regra não se aplica quando a vogal que precede o sufixo -n 'ativo' é seguida de uma consoante não contínua.

A forma definitiva da regra de compactação será então:

R.50, regra de compactação

$$\left[ \begin{array}{l} V \\ -nas \\ n > 1 \text{ comp} \\ <3 \text{ comp}> \end{array} \right] \left( \left[ \begin{array}{l} C \\ +cnt \end{array} \right] \right) \neq \rightarrow \left[ \begin{array}{l} n + 1 \text{ comp} \\ <+ \text{ pos}> \end{array} \right]$$

Com o intuito de observar o processo de ativação no Kaingãng de São Paulo, preparamos amplo material para eliciação de tais formas, mas encontramos só poucos casos de sua ocorrência nesse dialeto:

A. formas neutras	B. formas ativas
(3.118) yɔpɛr 'molhado'	yɔpɛn 'molhar'
(3.119) kɨw 'cortado, picado'	kɨm 'cortar'
(3.120) ney 'cozido'	nɛɲ 'cozinhar'
(3.121) ʧəʧə 'preto'	ʧəʧɛn 'pretejar'
(3.122) koɸa 'velho'	koɸãn 'ficar velho'
(3.123) kuka 'magro, osso'	kukãn 'emagrecer'
(3.124) paɸa 'mamar'	peɸãm 'amamentar'
(3.125) pã 'embrulhado'	pãɲ 'embrulhar'

Isto pode dever-se à situação precária em que

se usa a língua, o que restringiu bastante a coleta de dados. Mas pode dever-se também à aparente preferência por construções ativas analíticas, formadas com o verbo *han* 'fazer', como nos exemplos seguintes:

- (3.126) (a) *kočín wē nōr ni<sup>6</sup>* (Kg-PR *nūr* 'dormir')  
 criança suj.:dormir part.aspectual  
 'A criança está dormindo.'
- (3.126) (b) *ti nē wē nōr ti han* (Kg-PR *nūn* 'fa-  
 dele-mãe suj. dormir ele fazer zer dormir')  
 'A mãe dele o fez dormir.'
- (3.127) (a) *ip wē yēnō yakew kukūn* (Kg-PR *φo* 'pus')  
 eu suj.: pus precisar limpar  
 'Eu preciso limpar o pus.'
- (3.127) (b) *ip kre wē yēnō han* (Kg-PR *φom* 'criar  
 minha perna suj.: pus fazer pus')  
 'Minha perna criou pus.'
- (3.128) (a) *ip kočínφi wē konkon ηrēφt mǎn ya wɪr* (Kg-PR *krē*  
 minha-filha-ela suj.: galinha ovo carregar para foi ovo')  
 'Minha filha foi buscar ovo.'
- (3.128) (b) *konkon wē rēkete ηrēφt han* (Kg-PR *krēn* 'bo-  
 tar ovo')  
 galinha suj. ontem ovo fazer  
 'A galinha botou ovo ontem.'
- (3.129) (a) *φi kočín wē yaqrē* (Kg-PR *košin* 'filho')  
 dela filho suj.: bonito  
 'O filho dela é bonito.'

- (3.129) (b)  $\phi$ i wã rēkete kočín ũpir han (Kg -PR košín 'dar à  
 ela suj. ontem filho um fazer luz')  
 'Ontem ela teve um filho.'

### 3.1.2. A formação do plural verbal

O Kaingãng apresenta um grande número de verbos que distinguem duas formas aqui chamadas de singular e plural. Nos verbos intransitivos essas formas indicam a singularidade ou a pluralidade do sujeito, ao passo que nos verbos transitivos indicam singularidade ou pluralidade do objeto (p.ex., nūr 'dormir uma pessoa', nūqnūr 'dormirem várias pessoas' e k+m 'cortar um objeto', k+kim 'cortar mais de um objeto').

Consideremos os seguintes dados:<sup>7</sup>

a. singular	b. plural	
(3.130) kam	kre	'cortar em partes longas'
(3.131) kãqmī	kuqmī	'pegar, segurar'
(3.132) (a) kútē	(1) pa	'sair, cair'
	(2) war	'cair'
(3.132) (b) kutēm	(1) pan	'fazer sair, derrubar'
	(2) wan	'derrubar (fruta da árvore)'
(3.134) mǎn	ŋe	'carregar (coisa curta)'
(3.135) nī	nātī/nētī	'estar na posição de'
(3.136) (a) nīw	wir	'estar dada (coisa curta)'
(3.136) (b) nīm	win	'dar (coisa não comprida)'
(3.137) pūn	kupcūn	'queimar'
(3.138) (a) rǎ	ŋe	'entrar'
(3.138) (b) rǎŋ	ŋem	'fazer entrar, guardar'
(3.139) tǎnŋ±n	yǎnŋ±n	'erguer'



(3.140)	tāprí	yānpri/yāpri	'subir'
(3.141) (a)	tere	re	'descer'
(3.141) (b)	terem	rem	'fazer descer'
(3.142)	tī	mū	'ir'
(3.143)	tu	rīn	'carregar, usar (roupa)'
(3.144) (a)	wa	?	'estar carregando (coi sa comprida)'
(3.144) (b)	wān	ɲɛn	'carregar (coisa compri da)'
(3.145)	wēnwɔ	pɛtē	'correr'
(3.146)	kɔɾ	kɔɾɔɾ	'sombrear'
(3.147)	ɸɔn	ɸunɸɔn	'jogar fora'
(3.148) (a)	ɸɔɾ	ɸunɸɔɾ	'cheio, estar cheio'
(3.148) (b)	ɸān	ɸɔnɸān	'encher'
(3.149)	ɸɛy	ɸinɸɛy ɸɛnɸɛy	'brotar, folha'
(3.150) (a)	ɸɔ	ɸunɸɔ	'ter pus, pus'
(3.150) (b)	ɸɔm	ɸunɸɔm	'criar pus'
(3.151) (a)	hə	həŋhə	'feito, bem'
(3.151) (b)	han	hɪnhan	'fazer, sarar'
(3.152)	hɔɾ	hunhɔɾ	'abandonado'
(3.153)	kankan ke	kɪnkɪn ke	'mastigar (coisa dura)'
(3.154) (a)	kanir	kaninɲir	'brincando'
(3.154) (b)	kanin	kaninɲin	'brincar'
(3.155)	kar	kankar	'pronto'
(3.156) (a)	kawey	kawinɲey	'estar sujo'
(3.156) (b)	kawɛn	kawinɲɛn	'sujar'
(3.157)	kāmun	kāmunmun	'medir'
(3.158)	kānyen	kaɲyinyen	'fazer massagem'
(3.159) (a)	kɪw	kɪkɪw	'cortado'
(3.159) (b)	kɪm	kɪkɪm	'cortar'
(3.160)	kɪɲnē	kɪɲnēɲnē	'errar'
(3.161)	kōm	kōmkōm	'cavar'
(3.162)	kɔkɪr	kɔkɪnkɪr	'com fome'

(3.163)	kəp̄p̄ēn	kəp̄p̄ēŋp̄ēn	'dobrar roupa'
(3.164) (a)	kəŋur	kəŋunŋur	'murcho'
(3.164) (b)	kəŋun	kəŋunŋun	'murchar'
(3.165)	kəreŋ	kəriŋreŋ	'ser mau, podre'
(3.166)	kron	kronkron	'beber'
(3.167)	krom	krokrōm	'fazer caber, ajustar'
(3.168)	kroy	kronkroy	'ser fraco'
(3.169)	kun	kunkun	'vestir roupa'
(3.170)	kurāŋ	kurāŋrāŋ	'amanhecer'
(3.171)	kušāŋ	kušāŋšāŋ	'esfriar, resfriar'
(3.172)	mē	mēŋmē	'sentir, tocar, cheirar, ouvir'
(3.173)	mrān	mrānmrān	'molhar'
(3.174)	mro	mroŋmro	'tomar banho'
(3.175) (a)	mrəy	mrəp̄mrəy	'quebrado'
(3.175) (b)	mrəp̄	{ mrəŋp̄mrəp̄ mrəŋp̄mrəp̄	'quebrar'
(3.176)	mur	munmur	'nascido'
(3.177) (a)	nār	nāŋnār	'estar boiando'
(3.177) (b)	nān	nāŋnān	'boiar'
(3.178)	nē, nā	nēŋnē/nāŋnā	'estar deitado'
(3.179)	ne	neŋne/niŋne	'esconder na terra'
(3.180)	nēm	nēm̄nēm	'cortar com tesoura'
(3.181)	nī	nīŋnī	'sentar'
(3.182) (a)	nor	noŋnor	'ter buraco'
(3.182) (b)	nōn	nuŋnōn	'abrir'
(3.183)	nūr	nūr̄nūr	'dormir'
(3.184)	ŋəŋ	ŋəŋŋəŋ	'assar carne na bra- sa'
(3.185)	ŋren	ŋrinŋren	'dançar'
(3.186)	ŋun	ŋunŋun	'engolir'
(3.187)	ŋur	ŋurŋur	'fincar'

(3.188)	oŋ	oŋ-oŋ	'tomar líquido'
(3.189)	ɔn	ɔn-ɔn	'mentir'
(3.190)	ɔr	ɔn-ɔr	'pisar na lama'
(3.191)	pɔm	puŋpɔm	'cortar pedaço de pau com machado'
(3.192)	pɔw	puŋpɔw	'dividido'
(3.193)	prɛŋ	prɛŋmɛŋ	'falquejar'
(3.194)	prẽr	prẽnprẽr	'chamar'
(3.195)	pũr	pũnpũr	'queimando'
(3.196)	raŋ	riŋraŋ	'afastar-se'
(3.197)	rɛn	rɛnrɛn	'escrever'
(3.198)	rɛy	raŋrɛy	'derrubar cerca'
(3.199)	ri	riŋri	'rachado'
(3.200) (a)	row	roŋrow	'aberto, furado'
(3.200) (b)	rɔm	ruŋrɔm/roŋrɔm	'abrir-se'
(3.201) (a)	row	roŋrow	'dividido'
(3.201) (b)	rãm	rɔnrãm	'dividir'
(3.202)	ša	{ šɛŋša šɛŋša	'pendurar'
(3.203)	šam	šɛŋšam	'pendurar'
(3.204)	še	šɛŋše	'atar'
(3.205)	šɔr	šunšɔr	'ser colina'
(3.206)	tam	tɛŋtam	'cobrir de repente'
(3.207)	tãn	tãŋtãn	'endurecer, engomar'
(3.208) (a)	tẽ, tẽw	tẽŋtẽ, tẽŋtẽw	'voar'
(3.208) (b)	tẽm	tẽŋtẽm	'fazer voar'
(3.209) (a)	tɛy	tɛŋtɛy	'sair do ovo, brotar, nascer'
(3.209) (b)	tɛŋ	tɛŋtɛŋ	'abrir para sair'
(3.210)	tɛŋ	tɛŋtɛŋ	'cantar'
(3.211) (a)	tow	toŋtow	'estourado'
(3.211) (b)	tɔm	tuŋtɔm	'estourar (pipoca)'

(3.212) (a)	toy	tuŋtoy/toŋtoy	'fissura'
(3.212) (b)	toŋ	tuŋtoŋ	'partir'
(3.213)	tɔn	tuŋtɔn	'esquentar-se (no fogo)'
(3.214)	toŋ	tuŋtoŋ	'secar'
(3.215)	war	wɛnwar/wanwar	'enchente'
(3.216)	wākre	wākrikre	'fazer dieta'
(3.217)	wākɪn	wākɪnkɪn	'tocar instrumento'
(3.218)	wām	wɔŋwām	'abrir animal para limpar a carne'
(3.219)	wām	wāwām	'jogar fora várias coisas'
(3.220)	wāšān	wāšānšān	'forçar, esforçar-se'
(3.221)	we	wiŋwe	'ver'
(3.222)	wīrɪn	wīrɪrɪn	'virar-se, tornar, rodear'
(3.223)	yə	yəŋyə	'espinhar'
(3.224)	yəŋ	yəŋyəŋ	'urinar'
(3.225)	yɛr	yɛnyɛr	'estourada (pipoca)'
(3.226)	yēmī	yēmīmī	'apalpar'
(3.227) (a)	yēnŋə	yēnŋɪŋə	'churrasco'
(3.227) (b)	yēnŋəŋ	yēnŋɪŋəŋ	'fazer churrasco'
(3.228) (a)	yoy	yonyoy	'riscado'
(3.228) (b)	yɔŋ	yuyɔŋ	'riscar'
(3.229)	yun	yunyun	'chegar, alcançar'
(3.230)	yū	yūŋyū	'bravo, valente, zangado'
(3.231)	ɸa	kɪŋɸa	'lavar roupa'
(3.232)	ɸā	kɪŋɸā	'chorar'
(3.233)	ɸɛn	kɪŋɸɛn	'fiar'
(3.234)	ɸɪ	kɪŋɸɪ	'trançar'
(3.235)	nɛŋ	kɪŋnɛŋ	'cozinhar'
(3.236)	rɛn	kɪŋrɛn/kunrɛn	'surrar'
(3.237)	rɪŋ	kɪŋrɪŋ	'esquentar'
(3.238)	rūm	yɔŋrūm	'mexer (sg.), sacudir (pl.)'

(3.239) (a)	ter	kaŋten	'morrer'
(3.239) (b)	ten	pāŋten	'matar'
(3.240)	tu	pāŋtu	'carregar (coisa com prida)
(3.241) (a)	ŋa	koŋa	'ter caruncho, com carunchos'
(3.241) (b)	ŋān	koŋān	'carunchar'
(3.242)	ŋon	pāŋon	'dar água'
(3.243)	ŋow	koŋow	'quebrado'
(3.244)	ŋrīn	kuŋrīn tuŋrīn	'enrolar'
(3.245)	pra	kīpra	'morder'
(3.246)	prō	kīprō	'ter esposa'
(3.247)	šīn	kāšīn	'tornar pequeno'
(3.248)	ḡānān	ḡāŋnān	'quase gastar tudo'
(3.249) (a)	kaḡā	kīŋḡā	'ser companheiro'
(3.249) (b)	kaḡān	kīŋḡān	'emparelhar'
(3.250)	kaḡān	kīŋḡān	'descascar milho'
(3.251)	kaŋye	kīŋye	'atar, dar nó'
(3.252)	kayām	kīŋyām	'pagar, comprar'
(3.253) (a)	kawsey	kīŋwsey	'sujo'
(3.253) (b)	kawɛɲ	kīŋwɛɲ	'sujar'
(3.254)	kāŋmī	kuŋmī	'pegar'
(3.255)	kāwi	kāŋwi	'estender roupa'
(3.256) (a)	kəne	kəŋne	'muito magro'
(3.256) (b)	kənən	kəŋnən	'emagrecer muito'
(3.257)	kipe	kīŋpe	'lavar'
(3.258)	kitun	kīŋtun	'ter berne'
(3.259)	kiwān kawān	kīnwān	'libertar, soltar'
(3.260)	košīn	kuŋyīn	'dar à luz'
(3.261)	kuḡēn	kuŋḡēn	'descascar'
(3.262)	kupe	kuŋpe	'lavar'
(3.263) (a)	kyrīy	kuŋrīy	'direito'
(3.263) (b)	kurīɲ	kuŋrīɲ	'endireitar'



tow	həɹ	kəɹur	mɹɛy	kun	tən	toy	kawɛɲ	wāšān	kɾəm	wām
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
owtow	həɹhəɹ	kəɹurɹur	mɹɛymɹɛy	kunkun	təntən	toytoy	kawɛɲwɛɲ	wāšānšān	kɾəmkrəm	wāmwām
owqtow	həɹqhəɹ	kəɹurqɹur	mɹɛyqɹmɹɛy	kunqkun	tənqtən	toyqttoy	kawɛɲqwɛɲ	wāšānqšān	kɾəmqkrəm	wāmqwām
-	hurqhəɹ	-	-	-	tunqtən	-	kawiqwɛɲ	-	(excetua-se)	-
omqtow	hunqhəɹ	kəɹunqɹur	mɹɛɲqɹmɹɛy	-	-	tənqttoy	-	-	-	-
oqtow	-	-	-	-	-	-	-	-	kɾəŋkrəm	wāmwām
toq'towu]	hunhəɹ	kəɹunɹur	mɹɛɲmɹɛy	kunkun	tunqtən	toqtoy	-	-	-	-
	[hud' hɔɹɔ]	[kəɹɲɲud' ɲɲurɔ]	[mɹɛɲ' mɹɛyɔ]	[kud' kudɲ]	[tunq' tɔɲɲ]	[toq' toyu]	-	-	-	-
							kawiqwɛɲ	wāšānšān	-	-
							[kawiqɲɲ' wɛɲɲ]	[wāšānɲ' šān]	-	-
									kɾɔkrəm	wāwām
									[kɾɔ' kɾɔbm]	[wā' wām]

(3.264) (a)	kurĩr	kuŋrĩr	'costura'
(3.264) (b)	kurẽn	kuŋrẽn	'costurar'
(3.265)	kuše	kuŋye	'beliscar'
(3.266)	kušin	kuŋyin	'assar no fogo'
(3.267)	kušon	kuŋyon	'furar'
(3.268)	kuyey	kuŋyey	'nervo, veia'
(3.269)	kuyen	kuŋyen	'estender'
(3.270)	kuyẽn	kuŋyẽn	'derramar'
(3.271)	nĩfẽr	nĩŋfẽr	'fechar'
(3.272)	nĩpe	nĩŋpe	'lavar mão'
(3.273) (a)	paḥa	piŋḥa/piŋḥa	'estar mamando'
(3.273) (b)	paḥãm	piŋḥãm/piŋḥãm	'amamentar'
(3.274)	paša	piŋša	'passear'
(3.275)	petẽm	piŋtẽm	'alcançar'
(3.276)	peyu	piŋyu	'roubar'
(3.277)	rĩra	rĩŋra	'arredar'
(3.278) (a)	tārĩy	tāŋrĩy	'fino'
(3.278) (b)	tārĩr	tāŋrĩr	'afinar, ficar fino'
(3.279)	towār	toŋwār	'deixar'
(3.280)	toŋḥĩn	tuŋḥĩn	'atar, amarrar'
(3.281)	toton	toŋton	'fritar, fazer farinha'
(3.282)	wāḥa	wāŋḥa	'lavar roupa'
(3.283)	wāḥen	wāŋḥen	'fiar'
(3.284)	wāḥĩ	wāŋḥĩ	'trança, trançar'
(3.285)	wāḥor	wāŋḥor	'perdido'
(3.286)	(wẽr)peti	(weŋ)piŋti	'sonho, sonhar'
(3.287)	yakayẽn	yakiŋyẽn	'virar de dentro para fo- ra'
(3.288)	yāḥa	yāŋḥa	'defecar'
(3.289)	yāti	yāŋti	'sonhar'
(3.290)	yāwo	yāŋwo	'pedra, atirar flexas/pe- dras'
(3.291)	yupun	yuŋpun	'pendão do milho'



- (3.292) yiwēn yiqwēn 'aconselhar'  
 (3.293) yāyən yāqyən 'pendurar'  
 (3.294) yēnē yēqnē 'mandar'  
 (3.295) yētēn yēqtēn 'martelar'  
 (3.296) yiyin yiqyin 'nomear, dar nome'  
 (3.297) yiyin yiqyin 'nomear, dar nome'  
 (3.298) (a) yurīr yurīr 'aguçado (dente)'  
 (3.298) (b) yurīn yurīn 'aguçar (dente)'  
 (3.299) yuyān yuyān 'fazer tala'  
 (3.300) ke ke 'ficar, dizer'  
 (3.301) kun kun 'enfiar'  
 (3.302) pā pā 'embrulhar'  
 (3.303) pāq pāq 'embrulhar'  
 (3.304) tinīr tinīr 'moer'

A análise do corpus acima nos mostra a existência de alguns processos morfológicos para a formação do plural verbal nessa língua, os quais são apresentados segundo sua ocorrência, individual ou cumulativamente, em diferentes conjuntos de verbos:

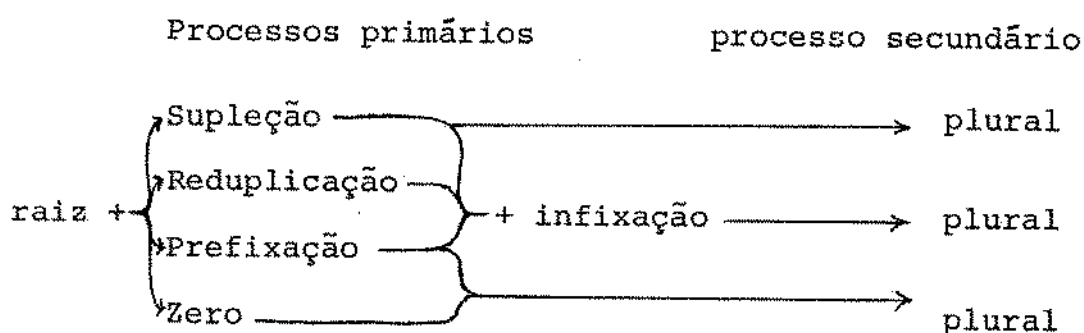
	Supleção	Redupli- cação	prefi- xação	infi- xação	exemplos	casos
Plural	+	-	-	-	3.130-3.146	21
	-	+	-	+	3.147-3.230	102
	-	-	+	+	3.231-3.244	16
	-	-	+	-	3.245-3.248	4
	-	-	-	+	3.249-3.299	61
	-	-	-	-	3.300-3.304	a maioria dos verbos da língua
Casos	21	102	20	179		

Dos processos de pluralização verbal, a supleção é o mais complexo, uma vez que se caracteriza pela total alteração da forma, não suscetível de reduzir-se a nenhuma regra fonológica (vide exemplos 3.130, 3.131, 3.132 (a,b), 3.134, 3.135, 3.136 (a,b)). Consideramos também como supleção casos em que, embora não haja alteração total da forma, a modificação parcial observável é única (vide exemplos 3.319-3.345). O nº 3.146, sg. *kər*, pl. *kərər* 'sombrear', aparenta ser um caso de reduplicação, mas será um caso único, que exigiria uma regra específica de reduplicação, diferente daquela que adiante é formulada para os demais casos de reduplicação (R.51).

No extremo contrário de uma escala de complexidade fonológica situam-se os verbos que apresentam uma só forma para o singular e o plural, aqueles dos quais podemos dizer que têm no plural a marca zero. Esses casos constituem a grande maioria dos verbos do Kaingãng; na lista acima foram incluídos apenas cinco deles (nºs 3.300-3.304), a título de exemplos.

Dos outros processos morfológicos indicados no quadro acima, a reduplicação e a prefixação são mutuamente exclusivas. Já a infixação pode coocorrer tanto com a reduplicação como a prefixação e a supleção e, ainda, independentemente das três. Na verdade, ela é de ocorrência obrigatória com a reduplicação, mas opcional com a prefixação, com a supleção e com a ausência de qualquer outro processo (zero). Embora o total de suas ocorrências seja substancialmente maior que o número de ocorrências de reduplicação e de prefixação, mas assim mesmo

altamente restrito em relação a zero (este é o processo mais universal, com inventário aberto), vamos considerar a inflexão como um processo secundário, no sentido de que seria introduzido na derivação do plural por uma regra de aplicação posterior à das regras de reduplicação e prefixação. Distinguimos quatro processos primários de pluralização, mutuamente exclusivos, que são a supleção, a reduplicação, a prefixação e zero, e um processo secundário, a inflexão, que pode somar-se aos processos primários (só há um caso documentado de supleção + inflexão, exemplo nº 3.140):



Trataremos primeiramente da reduplicação. Todos os casos de reduplicação do Kaingãng podem ser explicados pela R.51 abaixo, e os temas verbais a que se aplica a regra de reduplicação deverão ser marcados no léxico como [+ Reduplicação].

R.51, regra de reduplicação:

$$(S) \$ C_1(r) V_1(C_2) \neq + \text{Red} \rightarrow (S) \$ C_1(r) V_1(C_2) \$ C_1(r) V_1(C_2) \neq \text{plural}$$

(nos casos de reduplicação, repete-se a última sílaba do tema verbal).

Exemplos:

(3.305) kôm + kômbôm 'cavar'

(3.306) kun → kunkun 'vestir roupa'

- (3.307) hɔɾ → hɔɾhɔɾ 'estar abandonado'  
 (3.308) pɾɛɾ → pɾɛɾpɾɛɾ 'chamar'  
 (3.309) rəy → rəyrəy 'derrubar cerca'  
 (3.310) tɛw → tɛwtɛw 'voar'  
 (3.311) kɪŋnɛ → kɪŋnɛŋnɛ 'errar'  
 (3.312) kãŋyɛn → kãŋyɛnyɛn 'fazer massagem'  
 (3.313) yɛnŋaŋ → yɛnŋaŋaŋ 'fazer churrasco'

Quanto à prefixação no Kaingãng, observamos a existência de sete prefixos, todos de padrão silábico CV; redomina neles a ocorrência de /k/ na posição (C) e de (±) na posição /V/; há, entretanto, casos em que outras vogais se associam com /k/, assim como verbos em que o prefixo tem outra consoante:

prefixo	exemplos
kɪ-	3.231-3.237, 3.245-3.246
kã-	3.239 (a,b), 3.247
kɔ-	3.241 (a,b), 3.243
ku-	3.236, 3.244
pã-	3.240, 3.242
tu-	3.244
yɔ-	3.238

Embora a prefixação tenha uma característica geral que é o seu padrão silábico, a variedade de realizações nas posições /C/ e /V/ e o reduzido número de casos a que se aplica cada realização tornam pouco econômica a formalização de regras para dar conta desse fenômeno. Em consequência disso, os temas verbais que derivam o plural por meio da prefixação deverão ter no léxico a especificação da forma particular dos prefixos que lhes cor-

respondem.

O segundo processo morfológico mais produtivo na pluralização verbal em Kaingãng é o da inflexão. Essa inflexão consiste na inserção do segmento  $\eta$  diante da última sílaba do tema verbal plural, seja este um produto dos processos de reduplicação ou prefixação, ou não. Tal processo pode ser formalizado do seguinte modo:

R.52, regra de inflexão:

$$\emptyset \rightarrow \left[ \begin{array}{l} + \text{cns} \\ + \text{nas} \\ - \text{ant} \end{array} \right] / \text{_____ } S \neq \text{ [plural}$$

(insere-se um infixo diante da última sílaba do tema verbal plural)

Exemplos:

- (3.314) kuyen → ku $\eta$ yen 'estender'  
 (3.315) paša → pa $\eta$ ša 'passear'  
 (3.316) peti → pe $\eta$ ti 'sonhar'  
 (3.317) yāti → yā $\eta$ ti 'sonhar'

A inflexão pode ocorrer como processo morfológico único na formação do plural verbal (vide os exemplos acima), ou em combinação com outros processos primários de pluralização. Com a reduplicação ela é obrigatória:

- (3.318) ho $\eta$ ho $\eta$  → ho $\eta$ qho $\eta$  'estar abandonado'  
 (3.319) kōmkōm → kōmqkōm 'cavar'  
 (3.320) kunkun → kunqkun 'vestir roupa'  
 (3.321) mromro → mroqmro 'esconder na terra'  
 (3.322) nūr $\eta$ nūr → nūrqnūr 'dormir'  
 (3.323) p $\eta$ r $\eta$ p $\eta$ r $\eta$  → p $\eta$ r $\eta$ qp $\eta$ r $\eta$  'chamar'  
 (3.324) r $\eta$ y $\eta$ r $\eta$  → r $\eta$ y $\eta$ qr $\eta$ y 'derrubar cerca'

- (3.325) tēwtēw → tēwqtēw 'voar'  
 (3.326) kānyenyen + kānyennyen 'fazer massagem'  
 (3.327) kīqnēqnē → kīqnēqqnē 'errar'  
 (3.328) kōrpēnpēn → kōrpēnqpēn 'dobrar roupa'  
 (3.329) yēnqanqan → yēnqanqan 'fazer churrasco'

Com a prefixação coocorre a infixação na maioria dos casos:

- (3.330) φē → kīφē → kīqφē 'chorar'  
 (3.331) nēn → kīnēn → kīqnēn 'cozinhar'  
 (3.332) ter → kāter → kāqter 'morrer'  
 (3.333) tu → pātu → pāqtu 'carregar coisa comprida em pē/deitada'

Só há três casos de prefixação sem infixação:

- (3.334) pra → kīpra 'morder'  
 (3.335) prō → kīprō 'ter esposa'  
 (3.336) šīn → kāšīn 'tornar pequeno'

Ocorre um único caso de infixação combinada com a supleção; para esse caso está documentada também uma forma alternativa sem infixação:

- (3.337) tāprī → yāqprī ou yāprī 'subir'

Embora a infixação seja um processo pouco comum nas línguas em geral e no Kaingáng este seja o único caso, e embora na maioria de suas ocorrências o elemento -ŋ- pudesse ser tratado como um prefixo (p.ex., kī-+ŋ- + φē) ou como um sufixo (p.ex., kānyen + -ŋ+ -yen), exemplos como kuyen → ku-ŋ-yen, peti → pe-ŋ-ti e, sobretudo, paša (do português passear [pa'sja]) deixam claro que se trata, realmente, de um infixos.

À inflexão está associado um processo fonológico de apofonia, que consiste na substituição das vogais orais baixas pelas suas correspondentes altas ( $\epsilon \rightarrow i$ ,  $a \rightarrow \text{ɨ}$ ,  $\text{o} \rightarrow u$ ). Não são afetadas pela apofonia nem as vogais orais altas nem as vogais nasais<sup>8</sup>, com cinco exceções, também as vogais orais médias<sup>9</sup>.

A seguinte regra dá conta desse processo.

R.53, regra de apofonia:

$$\begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ - \text{ alt} \\ + \text{ bai} \\ - \text{ nas} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{ alt} \\ - \text{ bai} \end{bmatrix} / [- \text{ sil}] \text{ — (C) + } \begin{bmatrix} + \text{ cns} \\ + \text{ nas} \\ - \text{ ant} \end{bmatrix} \text{ \$\$ } \neq \text{ [plural]}$$

(vogais baixas orais situadas na sílaba que precede o infixo de plural  $\eta$  tornam-se altas).

Exemplos:

(3.338)  $k\ddot{a}nyeny\epsilon n \rightarrow k\ddot{a}nyiny\epsilon n$  'fazer massagem'

(3.339)  $pe\eta ti \rightarrow pi\eta ti$  'sonhar'

(3.340)  $pe\eta yu \rightarrow pi\eta yu$  'roubar'

(3.341)  $ka\eta\phi\ddot{a}n \rightarrow ki\eta\phi\ddot{a}n$  'emparelhar'

(3.342)  $pa\eta\check{s}a \rightarrow pi\eta\check{s}a$  'passear'

(3.343)  $y\ddot{e}n\eta a\eta\eta a\eta \rightarrow y\ddot{e}n\eta i\eta\eta a\eta$  'fazer churrasco'

(3.344)  $h\epsilon\eta\eta\epsilon r \rightarrow hu\eta\eta\epsilon r$  'estar abandonado'

(3.345)  $tu\eta\phi\ddot{e}n \rightarrow tu\eta\phi\ddot{e}n$  'atar, amarrar'

Há, contudo, alguns temas verbais, que, apesar de possuírem vogais orais baixas, não se submetem à regra de apofonia, devendo, por conseguinte, ser marcados no léxico com a especificação [- Apofonia]. São eles:

(3.346)  $y\epsilon r \rightarrow y\epsilon ny\epsilon r$  'estar estourada (pipoca)'

- (3.347) kar → kankar 'estar pronto'  
 (3.348) kor → kōror 'sombrear'  
 (3.349) krom → kōkrom 'fazer caber, ajustar'  
 (3.350) kroj → irojkroj 'ser fraco'  
 (3.351) on → on-on 'mentir'  
 (3.352) or → non-or 'pisar na lama'  
 (3.353) row → rojrow 'estar dividido'  
 (3.354) toton → tojtton 'fritar, fazer farinha'

Além desses, os verbos  $\phi\epsilon y$  'brotar' e war 'ter enchente', ao lado do plural sem apofonia  $\phi\epsilon r\phi\epsilon y$  e wanwar, respectivamente, apresentam alternativamente as formas apofônicas:  $\phi i n\phi\epsilon y$  e wanwar; mas esta última forma é irregular, pois sua vogal não se torna alta, como requer a R.53, mas média, isto é, [-alta, -baixa].

Com a inserção do segmento  $\eta$  pela Regra 52, resultam grupos de segmentos assilábicos na margem final de sílaba, os quais contrariam o princípio desta língua segundo o qual as margens finais no interior das palavras só podem conter um elemento silábido (cf.R.1). Regras adicionais reduzem esses grupos assilábicos, em geral não de forma simples (eliminação pura e simples de um segmento), mas seguindo alguns princípios de assimilação de propriedades fonológicas.

A existência de formas como

	singular	plural	
(3.355)	šam	š $\eta$ šam	'pendurar'
(3.356)	tēw	tē $\eta$ tēw	'voar'
(3.357)	hōr	h $\eta$ hōr	'estar abandonado'
(3.358)	kun	k $\eta$ kun	'vestir roupa'
(3.359)	krom	kōkrom	'fazer caber, ajustar'



mostra que há casos de plurais reduplicados que em sua penúltima sílaba ostentam o segmento  $\eta$  em lugar do segmento assilábico final da raiz (3.355, 3.356); casos que conservam o segmento final da raiz naquela sílaba e não têm (3.357, 3.358), e casos em que o segmento final da raiz é eliminado sem que apareça o  $\eta$  (3.359). Aparentemente, *kunkun* poderia ser visto como produto da aplicação pura e simples da regra de reduplicação. O mesmo não se dá, entretanto, com *hunhor*, em que a substituição do segmento *r* pela consoante nasal homorgânica *n* sugere a presença de um fator de nasalização em algum momento do processo de derivação. Consideremos que esse fator seja a presença do segmento  $\eta$ , inserido pela R.53. Após essa inserção, tem aplicação a R.47, pela qual a aproximante é nasalizada, convertendo-se em consoante nasal:

(3.360) *hurŋhor* → *hunŋhor*

(3.361) *toyŋtoy* → *tōŋtoy*

(3.362) *towŋtow* → *tomŋtow*

A eliminação alternativa do  $\eta$  ou do segmento nasal que o precede está em consonância com o fato de não se encontrarem no Kaingãng seqüências de duas consoantes numa mesma sílaba no interior da palavra. Qual a consoante nasal que é eliminada depende de diversos fatores, que nos levam a distinguir diferentes situações:

a. as duas consoantes nasais são [-cor]:

a.1: a vogal precedente é oral:

(3.363) *krōmŋŋkrōm* → *krōŋŋkrōm*

(3.364) *simŋŋšam* → *sīŋŋšam*

(3.365) *tomŋŋtow* → *toŋŋtow*

(3.366) *tumŋŋtom* → *tūŋŋtom*

(3.367) *tugŋŋtoŋ* → *tūŋŋtoŋ*

a.2: a vogal precedente é nasal:

(3.368) nēmŋ̄nēm → nēm̄nēm

(3.369) wāmŋ̄wām → wām̄wām

b. a primeira consoante nasal é [+cor] e a segunda é[-cor],  
em raízes monossilábicas:

(3.370) hunŋ̄hɔɾ → hun̄hɔɾ

(3.371) ŋuɾŋ̄ŋuɾ → ŋuɾ̄ŋuɾ

(3.372) tɛ̄ŋŋ̄tɛ̄ŋ → tɛ̄ŋ̄tɛ̄ŋ

(3.373) tuŋŋ̄tɔŋ → tuŋ̄tɔŋ

c. a primeira consoante nasal é [+cor] e a segunda é[-cor]  
em raízes dissilábicas:

c.1. a sílaba reduplicada inicia-se por [+cor]:

(3.374) kaŋiŋ̄ŋin → kaŋin̄ŋin

(3.375) kaŋyiŋ̄ŋyɛŋ → kaŋyin̄ŋyɛŋ

(3.376) wāšānŋ̄šān → wāšān̄šān

c.2: a sílaba reduplicada inicia-se por [-cor]:

(3.377) kawɪŋ̄ŋwɛɾ → kawɪŋ̄wɛɾ

(3.378) koŋpɛ̄ŋ̄ŋpɛ̄ŋ → koŋpɛ̄ŋ̄pɛ̄ŋ

Na situação a. acima, ou seja, quando se chega, durante a derivação, a uma seqüência de duas consoantes nasais graves, a eliminação específica de uma destas está condicionada à vogal que a precede. Se essa vogal for oral (caso a.1), a consoante eliminada será a primeira do grupo, e se essa vogal for nasal (caso a.2), a consoante eliminada será a segunda. Assim:

V	C <sub>1</sub>	C <sub>2</sub>	+	V	C <sub>2</sub>
	[-cor]	[-cor]			[-cor]

como em:

(3.379) kɾɔŋŋ̄kɾɔŋ → kɾɔŋ̄kɾɔŋ

(3.380) šimŋšsam → šimšsam  
etc..

e

$$\begin{array}{ccccc} \bar{v} & & C_2 & \rightarrow & \bar{v} \\ & C_1 & & & C_1 \\ & [-cor] & [-cor] & & [-cor] \end{array}$$

como em:

(3.381) nēmŋšnēm → nēmšnēm

(3.382) wāmŋšwām → wāmšwām

A regra que dá conta dessa eliminação de consoante nasal é a seguinte:

R.54, simplificação de seqüências de consoantes nasais graves:

$$\begin{array}{c} \left[ \begin{array}{c} - \text{sil} \\ + \text{nas} \\ - \text{cor} \end{array} \right] \rightarrow \emptyset / \neq \left( \left[ - \text{sil} \right] \right) \left\{ \begin{array}{l} \left( \begin{array}{c} \left[ \begin{array}{c} + \text{sil} \\ - \text{nas} \end{array} \right] \text{ — } \left[ \begin{array}{c} - \text{sil} \\ + \text{nas} \\ - \text{cor} \end{array} \right] \\ \left[ \begin{array}{c} + \text{sil} \\ + \text{nas} \end{array} \right] \left[ \begin{array}{c} - \text{sil} \\ + \text{nas} \\ - \text{cor} \end{array} \right] \text{ — } \end{array} \right\} \begin{array}{l} \$ \\ \\ \\ \text{[plural]} \end{array}$$

(uma consoante nasal não coronal cai quando - em seqüências de consoantes nasais não coronais situadas no final da primeira sílaba de temas verbais plurais - estiver precedida de vogal oral; caso contrário, ou seja, quando essa seqüência estiver precedida de consoante nasal, cairá a segunda consoante não coronal).

Pode-se desprender dessa regra que o princípio geral envolvido é a eliminação da primeira consoante nasal [-cor] e que esse princípio deixa de ser obser-

vado quando essa primeira consoante nasal é, por assim dizer, reforçada pela contigüidade com uma vogal nasal; nesse caso, elimina-se a segunda consoante nasal. Constitui exceção dessa regra o tema tẽw 'voar', que, apesar de possuir vogal nasal, elimina a primeira consoante nasal da seqüência mŋ . Note-se que nesta seqüência m é produto da aplicação da R.47, enquanto que nos temas kõm e nẽm , o m já se encontra na representação básica.

Na situação b. temos uma seqüência de consoantes nasais [+cor] [-cor] no final da sílaba. Aqui o fator condicionante da eliminação de uma delas é a "gravidade" da consoante inicial da sílaba<sup>10</sup>. Se esta consoante for [-cor] (isto é, [+grave] , a consoante [-cor] (isto é, [+grave] do grupo será eliminada, e vice-versa. Ocorre, então, aqui um processo de dissimilação, uma vez que o resultado será uma sílaba constituída de C V C, e

[-cor] [+cor]

vice-versa. Visualizemos o processo:

C	V	C	C	+	C	V	C
[-cor]		[+cor]	[-cor]		[-cor]		[+cor]

como em:

(3.383) kunŋ\$kun      kun\$kun

(3.384) funŋ\$foŋ      fun\$foŋ

e

C	V	C	C	+	C	V	C
[+cor]		[+cor]	[-cor]		[+cor]		[-cor]

como em:

(3.385) nonŋ\$noŋ      noŋ\$noŋ

(3.386) tunŋ\$ton      tuŋ\$ton

A seguinte regra dará conta dessa simplificação:

R.55, regra de simplificação, por dissimilação, de seqüências de consoantes nasais com gravidades opostas:

$$\begin{bmatrix} -\text{sil} \\ +\text{nas} \\ -\alpha \text{ cor} \end{bmatrix} + \emptyset / \neq \begin{bmatrix} -\text{sil} \\ -\alpha \text{ cor} \end{bmatrix} \vee \left\{ \begin{array}{l} \begin{bmatrix} -\text{sil} \\ +\text{nas} \\ +\alpha \text{ cor} \end{bmatrix} \\ \begin{bmatrix} -\text{sil} \\ +\text{nas} \\ +\alpha \text{ cor} \end{bmatrix} \end{array} \right\} \$$$

[plural]

(uma consoante nasal coronal cai, quando em seqüências de consoantes nasais com coronalidades opostas situadas no final da primeira sílaba de temas verbais plurais - a primeira consoante da sílaba for coronal e vice-versa, ou seja, se essa consoante inicial da sílaba for não coronal, cairá a consoante não coronal da seqüência).

Há cinco temas verbais monossilábicos que não se submetem à R.55; deverão ser marcados no léxico com a especificação [¬R.55]. São eles:

- (3.387)  $r\acute{e}n \rightarrow r\acute{e}nr\acute{e}n$  (cp.  $t\acute{o}n \rightarrow t\acute{u}y\eta t\acute{o}n$ )  
 (3.388)  $r\acute{e}y \rightarrow r\acute{e}nr\acute{e}y$  (cp.  $r\acute{a}n \rightarrow r\acute{a}nr\acute{a}n$ )  
 (3.389)  $\acute{s}or \rightarrow \acute{s}un\acute{s}ir$  (cp.  $n\acute{e}r \rightarrow nu\eta n\acute{e}r$ )  
 (3.390)  $y\acute{e}r \rightarrow y\acute{e}ny\acute{e}r$  (cp.  $n\acute{a}r \rightarrow n\acute{a}qn\acute{a}r$ )  
 (3.391)  $uyn \rightarrow yunyun$  (cp.  $n\acute{o}n \rightarrow nu\eta n\acute{o}n$ )

Se a raiz verbal contiver mais de uma sílaba (caso c. acima), a eliminação de uma das consoantes do grupo estará associada a um processo de assimilação. A consoante que condiciona a eliminação é a primeira con-

soante da última sílaba da raiz. Se esta for [+cor] (caso c.1), a consoante a ser eliminada será a [-cor], resultando, então, uma seqüência de duas consoantes de mesma gravidade (C V C),

[+cor] [+cor]

e vice-versa (caso c.2). Esquemáticamente temos:

C V C C → C V C  
 [+cor] [+cor] [-cor] [+cor] [+cor]

como em:

(3.392) wãššãñššãñ → wãššãñššãñ

e

C V C C → C V C  
 [-cor] [+cor] [-cor] [-cor] [-cor]

como em:

(3.393) kašwijnšwɛɲ → kašwijnšwɛɲ

A regra que dará conta dessa simplificação é a seguinte:

R.56, regra de simplificação, por assimilação, de seqüências de consoantes nasais com gravidades opostas:

$$\begin{bmatrix} +\text{sil} \\ +\text{nas} \\ +\alpha \text{ cor} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \# \text{ S } \begin{bmatrix} -\text{sil} \\ -\alpha \text{ cor} \end{bmatrix} \text{ V } \left( \begin{array}{c} \begin{bmatrix} -\text{sil} \\ +\text{nas} \\ -\alpha \text{ cor} \end{bmatrix} \\ \begin{bmatrix} -\text{sil} \\ +\text{nas} \\ -\alpha \text{ cor} \end{bmatrix} \end{array} \right) \text{ \$ } \text{ [plural]}$$

(uma consoante nasal coronal - em seqüências de consoantes nasais com coronalidades opostas situadas no final da segunda sílaba de temas verbais plurais - cai quando a primeira consoante dessa sílaba for

não coronal e vice-versa, ou seja, se a primeira consoante dessa sílaba for coronal, a consoante nasal não coronal da seqüência é que cairá).

Os quatro temas abaixo, apesar de dissilábicos constituem exceções à R.56. Eles seguem a R.55, devendo, portanto, ser especificados como [+R.55]. Suas respectivas derivações são as seguintes:

(3.394) kāmun → kāmunmun → kāmungmun → kāmunmun

(3.395) kōkīr → kōkīrkīr → kōkīrḡkīr → kōkīnḡkīr → kōkīnkīr

(3.396) kōḡur → kōḡurḡur → kōḡurḡḡur → kōḡunḡḡur → kōḡunḡur

(3.397) wākīn → wākīnkīn → wākīnḡkīn → wākīnkīn

Consideremos ainda realizações fonológicas como kṛōkṛōm e wākriḡkre, plurais de kṛōm e wākre, respectivamente. As regras até aqui formuladas para a derivação do plural verbal nos permitiriam chegar apenas a kṛōḡkṛōm e wākriḡkre, pois:

(3.398) kṛōm+RED(R.49) → kṛōmkṛōm+INF(R.50) → kṛōmḡkṛōm+  
SIMPL(R.53) → kṛōḡkṛōm

e

(3.399) wākre + RED(R.49) → wākrekre + INF(R.50) → wākrenḡkre+  
APO(R.51) → wākriḡkre

Note-se que nos dois exemplos acima a R. 52 produziu uma seqüência de consoantes homorgânicas. Será necessário, portanto, postularmos uma regra que elimine uma consoante nasal seguida de uma consoante oral homorgânica. Trata-se aqui também de um princípio da língua segundo o qual tais seqüências não são permitidas, conforme a R.29 (aqui repetida para conveniência do leitor):

$$\left[ \begin{array}{c} -\text{sil} \\ \alpha \text{ ponto} \end{array} \right] \rightarrow \beta / \text{---} \$ \left[ \begin{array}{c} -\text{sil} \\ \alpha \text{ ponto} \end{array} \right]$$

Teremos assim:

(3.400)  $k\text{r}\text{ɔ}k\text{r}\text{ɔ}m \rightarrow [k\text{r}\text{ɔ}'k\text{r}\text{ɔ}bm]$

(3.401)  $w\check{a}k\text{r}\check{i}k\text{r}\check{e} \rightarrow [w\check{a}k\text{r}\check{i}'k\text{r}\check{e}]$

Vejamos a seguir um quadro de derivação de formas representativo de todos os tipos de pluralização verbal no Kaingãng do Paraná:



Quanto ao Kaingãng de São Paulo, encontramos em nossos dados apenas quatro exemplos que apresentam forma diferente no plural: dois casos de supleção (nºs 3.402 e 3.403 abaixo), um caso de reduplicação (nº 3.404) e um caso de prefixação (nº 3.405). A grande maioria dos verbos (vide nºs 3.406-3.420) faz o plural por meio da marca zero, incluídos aí diversos verbos que no dialeto do Paraná apresentam outros processos: reduplicação e inserção de  $\eta$  (nºs 3.406, 3.413 e 3.415) ou só inserção de  $\eta$  (nº 3.420).

Exemplos:

	singular	plural	
(3.402)	nĩ	nēti	'estar na posição de'
(3.403)	tĩ	mũ	'ir'
(3.404)	yun	yunyun	'chegar'
(3.405)	ter	kēter	'morrer'
(3.406)	hə	hə	'gostar de'
(3.407)	kəpĩr	kəpĩr	'brincar'
(3.408)	kəŋa	kəŋa	'doer'
(3.409)	kəyərɔ	kəyərɔ	'saber'
(3.410)	ko	ko	'comer'
(3.411)	kəŋur	kəŋur	'murchar'
(3.412)	kɾēn	kɾēn	'plantar'
(3.413)	nē	nē	'deitar'
(3.414)	tēm	tēm	'colher'
(3.415)	we	we	'ver'
(3.416)	wēŋpeti	wēŋpeti	'sonhar'
(3.417)	wēyŋtĩ	wēyŋtĩ	'dar risada'
(3.418)	wĩn	wĩn	'dar, repartir'
(3.419)	wĩr	wĩr	'ir - passado'
(3.420)	yēyən	yēyən	'pendurar, estender'
			etc..

Há, portanto, vestígios de três processos morfológicos usados ainda para a pluralização verbal no Kaingãng de São Paulo: supleção, reduplicação e prefixação. A existência de uma forma plural como yunyun (nº 3) sugere que o processo secundário de infixação verificado no dialeto do Paraná possa estar também presente no dialeto de São Paulo: yunyun deste dialeto poderia ser derivado como kunkun do dialeto do Paraná:

(3.421) yun + RED(R.51) → yunyun + INF(R.52) → yunnyun +  
SIMPL por diss. (R.55) → yunyun

Com base nos dados disponíveis para o Kaingãng de São Paulo, constatamos que este dialeto está reduzindo o uso dos processos morfológicos de pluralização do verbo, com a conseqüente ampliação do uso de plurais indiferenciados fonologicamente ("marca zero"), caso que, aliás, é majoritário também no dialeto do Paraná.

### 3.1.3. Alternância em certos temas verbais

No Kaingãng do Paraná alguns verbos têm até quatro formas alternantes, as quais ocorrem em vários ambientes como, por exemplo, fã ~ fa ~ fãñ ~ fãg 'quebrar milho' (Wiesemann 1971: 270-272 e 1972: 90-94). Wiesemann (1972) divide esses verbos em três subclasses, com base na ocorrência dos sufixos -ŋ -n ou -p: subclasse 1, nenhum sufixo; subclasse 2, apenas o sufixo -ŋ; subclasse 3, o sufixo -ŋ ou o sufixo -n ou o sufixo -p. São 176 os verbos que Wiesemann (1971) identificou como apresentando essa alternância.

Kindell (1981), tomando em consideração as diversas combinações de alomorfes e os respectivos contex

tos sintáticos, distingue cinco (sub)classes para os referidos verbos, apresentadas no seguinte quadro:

categoria sintática	1	2	3	4		
classe verbal	A	ko	ko		'comer'	
	B	we	we	wεη	'ver'	
	C	φã	φa	φãn	φãη	'quebrar milho'
	D	ri		riη	riη	'carregar,pl.'
	E		φi		φiη	'deitar'

As categorias sintáticas gerais que condicionam os alomorfes são:

- "(1) em final de sentença ou seguido de partículas atitudinais;
- (2) antes de pronome subjetivo sem partícula aspectual, ou antes de imperativo imediato;
- (3) precedendo partículas descritivas, 'tempo indefinido', imperativo, descritivos e a maioria dos verbos;
- (4) antes de partículas de estado, processo ou causativas, e de verbos negativos ou argumentativos." (Kindell 1981:7).

Embora não pretendamos discutir a fonologia do dialeto do Paraná a não ser quando haja casos paralelos no dialeto paulista - o que não se dá no presente caso, como se verá adiante -, parece oportuno determo-nos um pouco na discussão destas formas. Observamos que, se a forma 2 de Kindell for tomada como forma básica e, além disso, postularmos um sufixo (representado por /h/ também para a forma 1 de Kindell, atingiremos um maior grau de generalização que permitirá aplicar aqui as mesmas regras postuladas acima para a derivação das formas ativas (vide

3.1.1). Por outro lado, as cinco classes verbais se reduziriam a três, com duas subclasses cada uma: uma subclasse de temas que apresentam compactação da vogal e outra de temas que não apresentam esse fenômeno. Aqui também uma consoante subjacente surda não contínua (vide 3.1.1) bloquearia a compactação da vogal, e tanto ela quanto o /h/ postulado acima seriam eliminados por meio de regra durante a deviração das formas.

A análise que propomos é exemplificada no seguinte quadro (f.b. = forma básica, f.d. = forma derivada):

variantes						
classes		I	II	III	IV	
A	f.b.	/ke/	/keth/	/ketθ/	/ketθ/	'fazer, dizer'
	f.d.	ke	kε	ke	ke	
A'	f.b.	/ɲep/	/ɲep+h/	/ɲep+θ/	/ɲep+θ/	'entrar (pl.)'
	f.d.	ɲe	ɲe	ɲe	ɲe	
B	f.b.	/še/	/še+h/	/šetɲ/	/šetθ/	'atar'
	f.d.	še	še	šetɲ	še	
B'	f.b.	/ɲeC/	/ɲeC+h/	/ɲeC+ɲ/	/ɲeC+θ/	'levar (pl.)'
	f.d.	ɲe	ɲe	ɲeɲ	ɲe	
C	f.b.	/ɸa/	/ɸa+h/	/ɸa+ɲ/	/ɸa+ɲ/	'quebrar milho'
	f.d.	ɸa	ɸã	ɸãɲ	ɸã	
Ca	f.b.	/kret/	/kret+h/	/kret+ɲ/	/kret+ɲ/	'estaquear couro'
	f.d.	kre	kre	kreɲ	kreɲ	
Cb	f.b.	/ɲec/	/ɲect+h/	/ɲect+ɲ/	/ɲect+ɲ/	'carregar coisas compridas'
	f.d.	ɲe	ɲe	ɲeɲ	ɲeɲ	

Em resumo:

Forma I: não marcada

Forma II: +-h, +compactação

Forma III: classe A, + -∅  
 classes B e C, + -ŋ , + compactação

Forma IV: classes A e B, +-∅, + compactação  
 classe C, +-n, + compactação

Observemos que a caracterização do ponto de articulação da consoante surda subjacente será determinada tomando-se por base, nas classes A e B, o sufixo nasal da forma verbal ativa correspondente (nos casos em que esta ocorre) e na classe C será determinada a partir do sufixo nasal da forma IV.

Assim, a motivação para postularmos a forma básica /ŋep/ para ŋe 'entrar (pl.)', é a existência da forma ativa correspondente ŋem 'fazer entrar (pl.)': e as formas básicas /kɾɛt/ e /ŋɛc/ fundamentam-se na existência das formas IV kɾɛn e ŋɛn, respectivamente. Observemos que, nos casos em que não dispomos de tais informações, como, por exemplo, ao postularmos a forma básica de ŋe 'levar (pl.)', teremos apenas a indicação genérica de consoante surda (C); dada a impossibilidade de determinar o respectivo ponto de articulação<sup>11</sup>.

Observemos ainda que o /h/ (presente na forma básica da classe II) deverá ser eliminado antes da supressão da consoante surda, para não provocar compactação da vogal que precede essa consoante. Essa eliminação se dá mediante a aplicação da R.48 (aqui repetida para conveniência do leitor):

$$\left[ \begin{array}{l} -sil \\ -voz \end{array} \right] + \emptyset / \text{---} \neq \text{---} \quad (\text{recursiva})^{12}$$

Para ilustrar, derivemos as três formas acima que apresentam maior número de alternantes ou seja, as

da classe C

	I	II	III	IV	
(3.422) (a)	/ɸa/	/ɸa+h/	/ɸa+ŋ/	/ɸa+n/	
1.	-	ɸãh	ɸãŋ	ɸãn	(R.49)
2.	-	ɸã	-	-	(R.48)
	ɸa	ɸã	ɸãŋ	ɸãn	
(3.423) (b)	/krɛt/	/krɛt+h/	/krɛt+ŋ/	/krɛt+n/	
1.	-	-	-	-	(R.49)
2.	-	-	krɛnŋ	krɛnn	(R.47)
3.	-	-	krɛŋ	-	(R.55)
4.	-	-	-	krɛn	(R.46)
5.	-	krɛt	-	-	(R.48)
6.	krɛ	krɛ	-	-	(R.48-
	krɛ	krɛ	krɛŋ	krɛn	aplicação recursiva)
	I	II	III	IV	
(3.424) (c)	/ŋɛc/	/ŋɛc+h/	/ŋɛc+ŋ/	/ŋɛc+n/	
1.	-	-	-	-	(R.49)
2.	-	-	ŋɛpŋ	ŋɛpn	(R.47)
3.	-	-	ŋɛŋ	-	(R.55)
4.	-	-	-	ŋɛp	(R.46)
5.	-	ŋɛc	-	-	(R.48)
6.	ŋɛ	ŋɛ	-	-	(R.48-apl.
	ŋɛ	ŋɛ	ŋɛŋ	ŋɛp	recursiva)

Com o intuito de verificarmos a ocorrência desse jogo de alternâncias no Kaingãng de São Paulo, aplicamos questionários com enunciados que contivessem todos os contextos sintáticos apropriados para as diversas formas alternantes. Não conseguimos, porém, eliciar uma forma alternante sequer. Os exemplos abaixo o confirmarão:

(3.425) ko ra (Kg - PR ko)

comer IMP  
'Coma!'

(3.426) iŋ wē rēkstə ŋēr ko (Kg - PR ko)  
 eu Suj. ontem milho comer

'Ontem eu comi milho'

(3.427) ti we ra (Kg-PR we)

ele ver IMP

'Veja-o!'

(3.428) rēkstə iŋ nī kēčor we (Kg-PR we)

ontem eu ASP cachorro ver

'Ontem eu vi um cachorro'

(3.429) kēčor we tū (Kg-PR wεŋ)

cachorro ver não

'Não vejo o cachorro'

Por outro lado, no Kaingãng de São Paulo, os verbos correspondentes para 'quebrar milho', 'carregar, pl.' e 'deitar' são, respectivamente, tēm, win e nē e não φα, rī e φi do Kaingãng do Paranã, como mostra o quadro de exemplos de Kindell acima. E os verbos por nós eliciados no Kaingãng de São Paulo não apresentam forma alternante alguma.

### 3.2. O nome

#### 3.2.1. Alternância em substantivos e descritivos

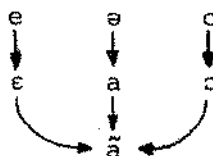
Além de verbos com formas alternantes como os acima considerados, há também no Kaingãng do Paranã certos substantivos e descritivos que apresentam mais de uma forma (cf. Wieseemann 1971: 266ss e 1972: 87ss; e Kindell 1981: 10-11).

Wieseemann (1971) apresenta uma relação de 90 substantivos e descritivos com variantes; todos terminam em vogal e apresentam duas variantes, uma das quais o

corre obrigatoriamente diante dos descritivos, dos indicadores de modo e do indicador de dúvida /ʔ/ e facultativamente diante de pronomes e de indicadores de circunstância. O exemplo que Wieseemann apresenta é kavkã 'árvore', que abaixo transcrevemos com renumeração nossa:

- (3.430) não especificado ka 'árvore'  
 (3.431) com descritivo kã mǎg 'árvore grande'  
 (3.432) com ind.de modo kã mē 'muitas árvores'  
 (3.433) com ind.de dúvida kã ʔ 'árvores, foi o que disse?'  
 (3.434) com pronome ka ti ou kã ti 'a árvore'  
 (3.435) com ind. de circ. ka ki ou kã ki 'dentro da árvore'

Kindell (1981) mostra a semelhança entre a alternância dos verbos e a dos nomes e descritivos, observando, no entanto, que o condicionamento sintático neste caso é bem mais restrito e que seu padrão de alteração vocálica é mais regular:



Já em 1980 Rodrigues havia mostrado que esse tipo de fenômeno ocorre no Kaingãng do Paraná, além das formas verbais e nominais tratadas por Kindell, também na derivação de verbos ativos a partir de verbos neutros e de descritivos (vide 3.1.1), e propôs uma explicação fonética para o mesmo (Rodrigues 1981).

Os contextos sintáticos em que a referida alternância é obrigatória nos nomes são, segundo Kindell:

- 1) antes de pronome sufixal ou partícula indicadora de dúvida (-ʔ);



2) antes de descritivo não sufixal e indicadores de modo.

Exceto o pronome sufixal, não mencionado por Wieseemann, estes são os mesmos contextos identificados por essa autora.

Os exemplos de Kindell são os seguintes (a renumeração é nossa):

- (3.436) re 'capim'  
 (3.437) ren 'capim-ele'  
 (3.438) re ši 'capim curto'  
 (3.439) ka 'árvore'  
 (3.440) kân 'árvore-ela'  
 (3.441) kã ši 'árvore pequena'

Observa ainda Kindell que essa alternância se torna opcional antes de pronomes não sufixais, locativos ou direcionais (com que confirma a descrição de Wieseemann), apresentando os exemplos abaixo:

- (3.442) re ti ~ re ti 'capim-ele'  
 (3.443) re kãmĩ ~ re kãmĩ 'no capim'

Quanto à verificação da ocorrência dessa alternância nos substantivos e descritivos do Kaingãng de São Paulo, procedemos da mesma forma como no caso dos temas verbais. Aplicamos questionários com enunciados que contivessem contextos sintáticos apropriados para as diversas formas alternantes. O resultado foi a constatação de que tal alternância não se manifesta no dialeto de São Paulo, como mostram os seguintes exemplos:

- (3.444) yakwe (Kg-PR yaŋɸe) 'ninho'  
 (3.445) yakwe miŋ (Kg-PR yaŋɸe meŋ) 'ninho grande'  
 (3.446) yakwe ?e (Kg-PR yaŋɸe ?e) 'muitos ninhos'

- (3.447) yakwe kēkē (Kg-PR yaŋɸe kākā) 'dentro do ninho'
- (3.448) iŋ hə (Kg-PR iŋ hə) 'corpo'
- (3.449) iŋ hə tey kamē (Kg-PR iŋ ha tey kamē) 'corpo grande'
- (3.450) iŋ hə ʔe (Kg-PR iŋ ha ʔe) 'muitos corpos'
- (3.451) nīŋe (Kg-PR nīŋe) 'mão'
- (3.452) nīŋe miŋ (Kg-PR nīŋā məŋ) 'mão grande'
- (3.453) niŋe ʔe (Kg-PR nīŋā ʔe) 'muitas mãos'
- (3.454) nīŋe kēkē (Kg-PR nīŋā kākā) 'dentro da mão'
- (3.455) kuka (Kg-PR kuka) 'osso'
- (3.456) kuka miŋ (Kg-PR kukā məŋ) 'osso grande'
- (3.457) kuka ʔe (Kg-PR kukā ʔe) 'muitos ossos'
- (3.458) pɔ (Kg-PR pɔ) 'pedra'
- (3.459) pɔ miŋ (Kg-PR pā məŋ) 'pedra grande'

## CAPÍTULO IV

### Ensaio de formalização dos processos fonéticos intrassegmentais do Kaingãng

#### 4.1. Subespecificação fonética de fonemas complexos

O Kaingãng apresenta segmentos fonológicos foneticamente complexos, isto é, unidades fonológicas constituídas não por apenas um feixe de articulações simultâneas (como é o caso mais freqüente), mas constituídas por seqüências de articulações. Em geral, apenas um elemento articulatório (responsável por uma propriedade ou traço) é modificado durante a realização do segmento fonológico, como o baixamento do véu palatino ou a vibração das cordas vocais. O caso mais familiar nas línguas do mundo é o dos segmentos ditos africados, os quais têm sido normalmente considerados fonologicamente unitários, embora comportem uma seqüência de articulações fonéticas (oclusiva + fricativa ou momentânea + contínua). Esse caso é tão familiar, que a fonologia gerativa standard quis tratá-lo também como foneticamente unitário, para o que teve, entretanto, de instituir uma propriedade fonológica ad hoc, "soltura retardada" (delayed release) (Chomsky e Halle, 1968: 318). O artificialismo desse tratamento não passou despercebido de outros fonólogos (veja-se, p. ex., Krohn, 1972: 217ss). O Kaingãng, como se verá adiante, apresenta outros casos de segmentos fonológicos complexos, aos quais não se aplica uma propriedade como "soltura retardada". O caso mais notável é o dos segmentos durante cuja realização alternam os valores positivo e negativo da propriedade [nasal] ou, em outras palavras,

em que o veu palatino é articulado entre as posições de fechamento e abertura da cavidade nasal. Nesse caso se incluem os segmentos chamados (em geral impropriamente) de pré-nasalizados e pós-nasalizados. O problema que estes colocam para a fonologia gerativa standard já foi discutido, p.ex., por Anderson (1974:272).

Tratamos a seguir dos vários segmentos complexos do Kaingãng de São Paulo.

Neste dialeto, como no do Paraná (cf. Weismann, 1972, e Kindell, 1972), encontram-se seqüências de fechamento-abertura-fechamento da passagem naso-faríngea na realização de um mesmo fonema, como evidenciam os seguintes exemplos (tomando-se as ocorrências do segmento velar /ŋ/ como representativas dos demais segmentos nasais):

(a) [ŋ] precedido por vogal nasal ou fronteira de palavra e seguido por fronteira de palavra ou vogal nasal:

- (4.1) /ẽŋ#/ → ẽŋ 'nós'  
 (4.2) /'tẽŋ#/ → ['tẽŋ] 'gordura'  
 (4.3) /# 'ŋẽr/ → 'ŋãr 'milho'  
 (4.4) /# nĩ'ŋrẽ/ → nĩ'ŋrẽ 'orelha'<sup>1</sup>

(b) [ŋg] precedido por vogal nasal e seguido por vogal oral:

- (4.5) /kẽ'ŋəw/ → kẽ'ŋgəw

(c) [ŋg] ~ [ŋŋ] ~ [ŋ] precedido por fronteira de palavra e seguido por vogal oral:

- (4.6) /#ŋa/ → [ŋga] ~ [ŋŋa] ~ [ŋa] 'terra'

(d) [gŋ] precedido por vogal oral e seguido por vogal nasal ou fronteira de palavra:

(4.7) /ya'ŋrẽ/ → ya'gŋrẽ 'bonito'

(4.8) /aŋ ≠ wẽ/ → agŋwẽ 'eles+indicador de sujeito'

(e) [gŋ] ~ [g] precedido por vogal oral e seguido por fronteira de enunciado:

(4.9) /'mæŋ ≠ ≠ / → ['mæŋŋ] ~ ['mæg] 'grande'

(f) [gŋg] precedido por vogal oral e seguido por vogal oral:

(4.10) /ka'ŋa/ → ka'gŋga 'dor'

(g) [ŋg] precedido por vogal nasal e seguido por consoante surda:

(4.11) /ẽŋ ≠ 'fẽ/ → ẽŋg'fẽ 'nosso coração'

(h) [g] precedido por vogal oral e seguido por consoante nasal:

(4.12) /'kræŋ ≠ mĩ/ → ['krægmi] 'porco'

(i) [g] precedido por vogal oral e seguido por consoante surda:

(4.13) /fɔŋ ≠ pi/ → fɔgpi 'pilha de rádio'

(4.14) /'mæŋhə/ → ['mæŋhə] 'grande'

As diversas realizações do fonema /ŋ/ (e, analogamente, dos fonemas /m/, /n/ e /ɲ/) mostram claramente que é necessário reconhecer a existência de segmentos que comportam uma seqüência de valores positivos e negativos de uma mesma propriedade, neste caso a propriedade [ $\pm$  nasal]. Já Anderson (1974: 271-272) o primeiro fonólogo que discutiu o problema posto por essa situação no Kaingãng, reconheceu que seria incorreto utilizar propriedades como [ $\pm$  pré-nasalizado] (proposta, por exemplo, por Ladefoged, 1972:35) e [ $\pm$  pós-nasalizado] (aventado pelo mesmo Anderson) para descrever os segmentos interdiariamente nasalizados (ou médio-nasais, termo de Anderson), mas que se deve admitir mais de uma especificação da mesma propriedade num só segmento. Segundo Anderson,

uma descrição natural dos tipos de segmentos encontrados no Kaingãng "would represent oral stops as [- nasal] throughout, and nasal stops as [+ nasal] throughout, but prenasalized stops as a sequence [+ nasal] [- nasal] realized on the same segment; postnasalized stops as [-nasal] [+ nasal] on the same segment and the Kaingãng medionasal stops as [-nasal] [+nasal] [-nasal] , all imposed on the same oral segmental articulation." (Anderson 1974: 272).

Convencionamos (Rodrigues e Cavalcane, 1982) representar as seqüências de especificações positivas e negativas da mesma propriedade num só segmento pela sucessão dos sinais apropriados dentro de um só par de colchetes: [ng] é [+nasal] , [gn] é [-+ nasal] e [gng] é [-+-nasal]. Esta convenção permite distinguir essas seqüências intrassegmentais de especificações das seqüências hetero-segmentais que ocorrem em outras línguas, como no inglês 'dressinggown' ['dresɪŋgaʊn] , em que [ng] representa uma seqüência de dois segmentos distintos e é, portanto, [+nasal] [-nasal] (e não [+nasal] [-nasal] ). De um ponto de vista puramente articulatorio não há diferença entre [+nasal] [-nasal] e [+nasal] [-nasal] ; a diferença não é fonética, mas fonológica: a distinção entre seqüências heterossegmentais e tautossegmentais de valores de uma mesma propriedade fonética é uma questão que se define ao nível da organização segmental de uma língua dada, tal como a colocação de fronteiras silábicas.

Nos segmentos ilustrados de (a) a (i) observa-se que sua estrutura interna é condicionada pela presença ou ausência de nasalidade e de voz nos segmentos

vizinhos. Tomando como ponto de partida para a análise o segmento de estrutura mais complexa, que é [gŋg], distinguimos nele três fases segundo as sucessivas especificações da propriedade [nasal]: a primeira fase é [-nasal], a segunda fase é [+nasal] e a terceira fase é [-nasal]. A primeira fase tem a mesma especificação do segmento imediatamente precedente e a terceira fase tem a mesma especificação do segmento imediatamente seguinte, ao passo que a segunda fase tem especificação independente do contexto. Esta última deve ser considerada a especificação própria do fonema em questão, enquanto que as especificações da primeira e terceira fases devem ser consideradas como resultantes da assimilação dessas fases à especificação dos segmentos contíguos. Assim, o fonema /ŋ/, que é [+nasal], é subespecificado em Kaingãng como [+++ nasal]. A segunda fase é considerada a fase nuclear do fonema, ao passo que a primeira e a terceira são fases periféricas. As três fases só se manifestam plenamente quando o fonema nasal se acha entre vogais orais como em /ka'ŋa/, numa realização [kagŋga], em que /ŋ/ é [-+-nasal]. Em outros contextos a primeira ou terceira fase, ou ambas, podem deixar de realizar-se, o que representamos pelo valor 0 nas especificações como em /'ŋa/, numa realização em que /ŋ/ é [0+-nasal], isto é, [ŋga]; ou em /ya'ŋrẽ /, em que /ŋ/ é [-+0 nasal], isto é, [ya'gŋrẽ], ou ainda, em /nĩ'ŋrẽ /, em que /ŋ/ é [0+0 nasal], isto é, [nĩ'ŋrẽ]. A fase nuclear nunca deixa de realizar-se ainda que, em certos contextos, possa perder a propriedade [+nasal], como, por exemplo, em /ko'f̄er # 'mɛŋ/, em que /m/ é [0-0 nasal], isto é, [ko'f̄erɛ'beg]. Assim, a substituição por 0 (Zeracão) da fase não realizada torna-se conveniente a fim de

manter-se a representação das três fases do fonema nasal em qualquer de suas realizações fonéticas.

Além da situação das consoantes nasais entre vogais orais, que constitui o argumento mais forte em favor da subespecificação de um segmento em três fases, há outras situações ainda às quais se aplica a distinção de fases:

- (a) os segmentos palatais: quando precedidos por V provocam a inserção automática de [y] entre si e a vogal precedente (cf. R.63), como em [kuy'čõ] 'vermelho', [čay'čə] 'preto', [kay'jɲiri] 'brincar', ['təyjn] 'verde'; pode, nessa situação, ser considerado uma fase vocálica do segmento palatal, representando uma assimilação parcial ao segmento vocálico precedente;
- (b) o segmento aproximante /r/: quando no início de palavra, provoca a inserção de [ə] à sua esquerda (cf. R. 66), como em [ə'roru] 'redondo', [ə'fẽ] 'sol'; [ə] pode, da mesma forma que [y] acima, ser considerado uma fase vocálica do segmento /r/, constituindo porém, neste caso, uma nova sílaba fonética;
- (c) os segmentos aproximantes /r/, /y/ e /w/: quando seguidos de fronteira de palavra, provocam a inserção, à sua direita, da vogal que os precede (cf. R.67), como em ['piri] 'um', ['feye] 'flor', [tɕŋg'tɕwɔ] 'vomitar', etc.; essa vogal copiada à direita desses segmentos (r, y, w) pode ser considerada uma fase vocálica dos mesmos, constituindo, com a aproximante precedente uma nova sílaba ao nível fonético;
- (d) os segmentos vocálicos: quando no início de palavra ou precedidos de vogal provocam a inserção automática de [ʔ] antes de si (cf. R.64), como em [ʔẽŋ] 'nós' e



- [hə'ʔə] 'não há de quê'; [ʔ] pode ser considerado, assim, uma fase consonantal do segmento vocálico;
- (e) os segmentos vocálicos: quando no final de palavra provocam seu prolongamento surdo opcionalmente, como em [ko'ʔaa] 'velho' e [ni'ŋruu] 'unha' (cf.R.65).

Poderíamos ainda associar o tratamento trifásico de um segmento às três fases identificadas por Saussure (1975: 64) na cadeia falada: a implosão ou fechamento, a tensão ou articulação sustentada e a explosão ou abertura, embora estivesse ele considerando grupos de consoantes como na seqüência appa, e não fases intrassegmentais como no nosso caso.

Seria interessante observar também que Mansur Guérios (1942: 159 ss) representou sons do Kaingãng de Palmas por meio de consoantes geminadas, como em ffan'chorar', niiápaiffá 'chaminê', ppã 'cobra', kékkêin-rum 'canoas', etc.. Poderíamos facilmente relacionar tais seqüências às nossas seqüências intrassegmentais acima e estender o tratamento fásico a todos os segmentos do Kaingãng.

#### 4.2. Os processos fonéticos intrassegmentais no Kaingãng de São Paulo.

Vimos acima, ao tratar da subespecificação de fonemas complexos no Kaingãng, que aí se verificam três processos fonéticos intrassegmentais: assimilação, zeração e silabificação das fases de um segmento.

Para representarmos adequadamente esses processos convém elaborar regras que operem sobre as fases dos segmentos complexos. Essas regras podem ser concebidas como análogas às regras de assimilação, deleção e inserção

segmental da fonologia gerativa padrão. Mas, ao contrário dessas, que operam sobre segmentos fonológicos, as regras aqui propostas, operam sobre subsegmentos - as fases de um segmento fonológico complexo - e podem ser chamadas, por isso, de intrassegmentais ou subsegmentais.

As regras intrassegmentais são as últimas a se aplicarem na derivação das formas. Portanto, elas só se aplicarão quando não couber a aplicação de nenhuma regra segmental. Este seria um primeiro princípio da aplicação de regras intrassegmentais.

Apresentamos a seguir os processos intrassegmentais, tomando por critério a natureza dos segmentos afetados, e consideraremos primeiramente o Kaingãng de São Paulo.

#### 4.2.1. Processos fonéticos que afetam os segmentos nasais

Como já foi observado acima, as fases periféricas de um segmento nasal podem tanto assimilar-se aos segmentos vizinhos, como deixar de realizar-se, ou seja, zerarem-se (vide 4.1). Trataremos a seguir da formalização desses processos.

##### 4.2.1.1. Assimilação intrassegmental

Cinco regras darão conta da assimilação que afeta as fases dos segmentos nasais:

R.57, desnasalização de fases intrassegmentais diante de obstruintes:

$$[[+ \text{nas}]] \rightarrow [[- \text{nas}]] / \text{—————} \begin{bmatrix} + \text{cns} \\ - \text{nas} \end{bmatrix} \text{ (recursiva)}^2$$

(uma fase intrassegmental nasal desnasalizar-se diante de consoantes não nasais)

R.58, desvozeamento de fases intrassegmentais diante de segmentos desvozeados ou diante de fronteira de palavra:

$$[[+voz]] \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} [[-voz]] \\ \langle \langle [[-voz]] \rangle \rangle \end{array} \right\} / \text{---} \left\{ \begin{array}{l} [-voz] \\ \langle \# \rangle \end{array} \right\} \text{ (recursiva)}$$

(uma fase intrassegmental vozeada desvozeia-se obrigatoriamente diante de segmento desvozeado, e opcionalmente diante de pausa).

R.59, desnasalização de nasais surdas:

$$\left[ \begin{array}{l} +nas \\ -voz \end{array} \right] \rightarrow [[-nas]] / \text{---} [-voz]$$

(uma fase intrassegmental nasal desvozeada desnasaliza-se diante de segmento desvozeado).

R.60, desnasalização das fases periféricas intrassegmentais em contigüidade com segmentos silábicos orais:

$$[[+nas]] \rightarrow [[-nas]] / (\#) \left[ \begin{array}{l} +sil \\ -nas \end{array} \right] (\#) \text{ (opcional e recursiva)}^3$$

(uma fase intrassegmental periférica desnasaliza-se em contigüidade com vogais orais).

R.61, desnasalização de fases intrassegmentais depois de

$$s: ^4 \left[ \begin{array}{l} -cns \\ -sil \\ +voz \\ -arr \\ -alt \end{array} \right] \text{---}$$

(uma fase intrassegmental nasal desnasaliza-se depois da aproximante *r*).

As R.57, R.58, R.59 e R.61 são regras que atuam mais restritamente que a R.60, e os exemplos abaixo mostram seu contexto de atuação:

(4.15) /tẽŋ'tõ/ 'três'

subespecificação do segmento /ŋ/ após a aplicação

da R.57:  $\left[ \begin{array}{l} ++-nas \\ +++voz \end{array} \right]$  tẽ[[ŋŋŋ]]tõ

aplicação  $\left[ \begin{array}{l} ++-nas \\ ++-voz \end{array} \right]$  tẽ[[ŋŋŋ]]tõ  
da R.58:

(4.16) /#aŋ#/ 'eles'

subespecificação do segmento /ŋ/ após a aplicação

reiterada da R.58:  $\left[ \begin{array}{l} +++nas \\ ---voz \end{array} \right]$  a[[ŋŋŋ]]

(4.17) /#aŋ#/ 'eles'

subespecificação do segmento /ŋ/ a aplicação reite-

rada da R.60:  $\left[ \begin{array}{l} ---nas \\ ---voz \end{array} \right]$  a[[gŋgŋ]]

(4.18) /ko'fɛr+'mɛŋ/ 'peixe grande'

subespecificação do segmento /m/ após a aplicação

recursiva da R.60:  $\left[ \begin{array}{l} -+-nas \end{array} \right]$  ko'fɛr[[bmb]]ɛŋ

aplicação da R.62:  $\left[ \begin{array}{l} ---nas \end{array} \right]$ :ko'fɛr[[bqb]]ɛŋ<sup>5</sup>

No exemplo acima(4.18) a R.60 aplicou-se à fase nuclear de /m/, pois  $\left[ \begin{array}{l} bmb \end{array} \right] \rightarrow \left[ \begin{array}{l} bbb \end{array} \right]$ . Isto nos leva a postular um segundo princípio quanto à aplicação das regras intrassegmentais:

Princípio II - se a fase periférica tiver sido alterada pela aplicação de uma regra, uma segunda re-

gra, que normalmente se aplica a fases periféricas poderá aplicar-se então à fase nuclear.

- (4.19) / $\phi\alpha\eta'pĩ$ / 'pilha de rádio'  
 subespecificação do  
 segmento / $\eta$ /: [[+++nas]]: $\phi\alpha$ [[ $\eta\eta\eta$ ]] $pĩ$   
 1<sup>a</sup> aplicação da R.57:  $\phi\alpha$ [[ $\eta\eta\eta$ ]] $pĩ$   
 2<sup>a</sup> aplicação da R.57:  $\phi\alpha$ [[ $\eta\eta\eta$ ]] $pĩ$  <sup>6</sup>

A R.60 tem aplicação opcional. Ela pode aplicar-se ou não a qualquer das duas fases periféricas do segmento, de modo que uma mesma ocorrência contextual deste pode ter diversas realizações fonéticas.

Como os segmentos nasais são subespecificados em três fases, podem ocorrer até quatro produtos opcionais da aplicação da R.60:

- (a) não aplicação à 1<sup>a</sup> fase nem à 3<sup>a</sup> fase: [[ $\eta\eta\eta$ ]]  
 (b) não aplicação à 1<sup>a</sup> fase, aplicação à 3<sup>a</sup> fase: [[ $\eta\eta\eta$ ]]  
 (c) aplicação à 1<sup>a</sup> fase, não aplicação à 3<sup>a</sup> fase: [[ $\eta\eta\eta$ ]]  
 (d) aplicação à 3<sup>a</sup> fase de (c): [[ $\eta\eta\eta$ ]]

A realização dessas quatro opções é possível no contexto  $\begin{bmatrix} +sil \\ -nas \end{bmatrix}$  —  $\begin{bmatrix} +sil \\ -nas \end{bmatrix}$ , em que há duas motivações para aplicação da R.60. Noutros contextos o número de opções é naturalmente menor.

Exemplos:

- (4.20) / $ka'\eta\alpha$ / 'dor'  
 subespecificação do  
 segmento / $\eta$ /: [[+++nas]]  $ka$ [[ $\eta\eta\eta$ ]] $a$   
 (a) [[+++nas]]:  $ka$ [[ $\eta\eta\eta$ ]] $a$   
 (b) [[++-nas]]:  $ka$ [[ $\eta\eta\eta$ ]] $a$   
 (c) [[-++nas]]:  $ka$ [[ $\eta\eta\eta$ ]] $a$   
 (d) [[-+-nas]]: [ $ka'\eta\eta\eta a$ ] <sup>7</sup>

(4.21) /# # 'na/ 'terra'

subespecificação do  
segmento /ŋ/ : [[+++nas]] [[ŋŋŋ]]a

(a) [[+++nas]]: [[ŋŋŋ]]a

(b) [[++-nas]]: [[ŋŋg]]a

(4.22) /aŋ # #/ 'eles'

subespecificação do  
segmento /ŋ/: [[+++nas]] a[[ŋŋŋ]]

(a) [[+++nas]]: a[[ŋŋŋ]]

(c) [[-++nas]]: a[[gŋŋ]]

(4.23) /təŋ # #/ 'verde/azul'

subespecificação do  
segmento /p/ após a aplicação da R.60: [[-++nas]]  
aplicação da R.70: [[--+nas]] ['təyʝŋ] <sup>8</sup>

(4.24) /ya'ŋrẽ/ 'bonito'

subespecificação do  
segmento /ŋ/: [[+++nas]] ya[[ŋŋŋ]]rẽ

(a) [[+++nas]]: ya[[ŋŋŋ]]rẽ

(c) [[-++nas]]: ya[[gŋŋ]]rẽ

(4.25) /kẽ'ŋəw/ 'foram embora'

subespecificação do  
segmento /ŋ/ : [[+++nas]] kẽ[[ŋŋŋ]]əw

(a) [[+++nas]]: kẽ[[ŋŋŋ]]əw

(b) [[++-nas]]: kẽ[[ŋŋg]]əw

(4.26) /aŋ # wẽ/ 'eles + indicador de sujeito'

subespecificação do  
segmento /ŋ/ : [[+++nas]] a[[ŋŋŋ]]wẽ

(a) [[+++nas]]: a[[ŋŋŋ]]wẽ

(c) [[-++nas]]: a[[gŋŋ]]wẽ

- (4.27) /'krəŋ # mɛ/ 'porco'  
 subespecificação do  
 segmento /ŋ/ : [[++nas]] krə[[ŋŋŋ]]mɛ  
 (a) [[++nas]]: krə[[ŋŋŋ]]mɛ  
 (c) [[-++nas]]: krə[[gŋŋ]]mɛ

Conforme o contexto em que ocorra o segmento subespecificado, não há mais que uma realização possível:

- (4.28) /# # 'ŋɛr/ 'milho'  
 subespecificação do  
 segmento /ŋ/: [[++nas]] [[ŋŋŋ]]ɛr  
 (a) [[++nas]]: [[ŋŋŋ]]ɛr
- (4.29) /'tɛŋ # #/ 'gordura'  
 subespecificação do  
 segmento /ŋ/: [[++nas]] tɛ[[ŋŋŋ]]  
 (a) [[++nas]]: tɛ[[ŋŋŋ]]
- (4.30) /nĩ'ŋrɛ/ 'orelha'  
 subespecificação do  
 segmento /ŋ/: [[++nas]] nĩ[[ŋŋŋ]]rɛ  
 (a) [[++nas]] : nĩ[[ŋŋŋ]]rɛ
- (4.31) /#ŋ'pĩ/ 'pilha de rádio'  
 subespecificação do  
 segmento /ŋ/ após a aplicação reiterada da R.57:  
 [[+--nas]] #ŋ[[ŋŋŋ]]pĩ  
 (c) [[---nas]]:#ŋ[[gŋŋ]]pĩ

#### 4.2.1.2 Zeração

A esses produtos da aplicação (ou não aplicação) da R.60 pode aplicar-se a R.62, que simplificará se qüências de fases idênticas:

R.62, zeração das fases periféricas de segmentos:

$$\left\{ \begin{array}{l} [[\alpha \text{ propr.}]] \\ \langle \left[ \begin{array}{l} +\text{cns} \\ +\text{nas} \end{array} \right] \rangle \end{array} \right\} \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \emptyset \\ \langle \langle \emptyset \rangle \rangle \end{array} \right\} / [[\alpha \text{ propr.}]]$$

(uma fase intrassegmental desaparece obrigatoriamente diante de outra fase intrassegmental idêntica e, opcionalmente, quando se tratar de fase intrassegmental nasal).

Essa regra é obrigatória quando de sua primeira aplicação. Se o resultado comportar nova aplicação, no caso das consoantes nasais, esta segunda aplicação será opcional.

A aplicação de R.62 aos resultados não finais da aplicação de R.60 produz até quatro resultados:

(4.32) /ka'ŋa/ 'dor'

- (1) 1<sup>a</sup> aplicação da R.62 a (a): [[∅++nas]] [ka'ŋŋa]<sup>9</sup>
- (2) 2<sup>a</sup> aplicação da R.62 a (a): [[∅+∅nas]] [ka'ŋa]
- (3) aplicação da R.62 a (b): [[∅+-nas]] [ka'ŋga]
- (4) aplicação da R.62 a (c): [[-+∅nas]] [ka'gŋa]

(4.33) /# # 'ŋa/ 'terra'

- (1) 1<sup>a</sup> aplicação da R.62 a (a): [[∅++nas]] ['ŋŋa]
- (2) 2<sup>a</sup> aplicação da R.62 a (a): [[∅+∅nas]] ['ŋa]
- (3) aplicação da R.62 a (b): [[∅+-nas]] ['ŋga]

(4.34) /'ŋa# #/ 'eles'

- (1) 1<sup>a</sup> aplicação da R.62 a (a): [[∅++nas]]a [[ŋŋ]]
- (2) 2<sup>a</sup> aplicação da R.62 a (a): [[∅+∅nas]]a [[ŋ]]
- (3) 3<sup>a</sup> aplicação da R.62 a (c): [[-+∅nas]] ['aŋŋ]

(4.35) /ya'ŋrẽ/ 'bonito'

- (1) 1<sup>a</sup> aplicação da R.62 a (a): [[∅++nas]] ya'[[ŋŋ]]rẽ
- (2) 2<sup>a</sup> aplicação da R.62 a (a): [[∅+∅nas]] ya'[[ŋ]]rẽ
- (3) aplicação da R.62 a (c): [[-+∅nas]] ya'[[gŋ]]rẽ



- (4.36) /kẽ'ŋəw/ 'foram embora'
- (1) 1ª aplicação da R.62 a (a): [[∅++nas]] kẽ[[ŋŋ]]əw
  - (2) 2ª aplicação da R.62 a (a): [[∅+∅nas]] kẽ[[ŋ]]əw
  - (3) aplicação da R.62 a (b): [[∅+-nas]] kẽ'[[ŋg]]əw
- (4.37) /ãŋ ≠ wã/ 'eles + indicador de sujeito'
- (1) 1ª aplicação da R.62 a (a): [[∅++nas]] aŋŋwã
  - (2) 2ª aplicação da R.62 a (a): [[∅+∅nas]] aŋwã
  - (3) aplicação da R.62 a (c): [[-+∅nas]] aŋŋwã
- (4.38) /'krəŋ ≠ mĩ/ 'porco'
- (1) 1ª aplicação da R.62 a (a): [[∅++nas]] 'krə[[ŋŋ]]mĩ
  - (2) 2ª aplicação da R.62 a (a): [[∅+∅nas]] 'krə[[ŋ]]mĩ
- (4.39) /'ŋẽr/ 'milho'
- (1) 1ª aplicação da R.62 a (a): [[∅++nas]] '[[ŋŋ]]ẽr
  - (2) 2ª aplicação da R.62 a (a): [[∅+∅nas]] '[[ŋ]]ẽr
- (4.40) /'tẽŋ/ 'gordura'
- (1) 1ª aplicação da R.62 a (a): [[∅++nas]] 'tẽ[[ŋŋ]]
  - (2) 2ª aplicação da R.62 a (a): [[∅+∅nas]] ['tẽŋ]
- (4.41) /nĩ'ŋrẽ/ 'orelha'
- (1) 1ª aplicação da R.62 a (a): [[∅++nas]] nĩ[[ŋŋ]]rẽ
  - (2) 2ª aplicação da R.62 a (a): [[∅+∅nas]] nĩ'[[ŋ]]rẽ
- (4.42) /ko'fɛr + 'məŋ/ 'peixe grande'
- subespecificação do segmento /m/ após a aplicação (recursiva) de R.60 e de R.61: [[---nas]] ko'fɛr[[bbb]]əŋ
- (1) 1ª aplicação da R.62: [[∅--nas]] ko'fɛr[[bb]]əŋ
  - (2) 2ª aplicação da R.62: [[∅-∅nas]] ko'fɛr[[b]]əŋ
- (4.43) /fɔŋ'pĩ/ 'pilha de rádio'
- subespecificação do segmento /ŋ/ após a aplicação de R.60: [[---nas]] fɔ[[ggg]]pĩ
- (1) 1ª aplicação da R.62: [[∅--nas]] 'fɔ[[gg]]pĩ
  - (2) 2ª aplicação da R.62: [[∅-∅nas]] 'fɔ[[g]]pĩ

#### 4.2.2. Processos fonéticos que afetam os segmentos palatais:

##### 4.2.2.1. Assimilação intrassegmental

Quando os segmentos consonantais palatais /č/ e /ɲ/ ocorrem após um segmento vocálico, a realização fonética das seqüências /Vč/ e /Vɲ/ vem a ser /Vyč/ e /Vyɲ/, respectivamente, com aparente inserção de uma aproximante palatal entre o segmento vocálico e o consonantal. Essa inserção é sistemática e, portanto, automática, podendo ser correlacionada com a propriedade [+palatal] das consoantes /č/ e /ɲ/. Para o foneticista, esse fenômeno pode ser visto como o resultado de um processo de "transição" articulatória, bastante natural, mas não tanto a ponto de ocorrer necessariamente em qualquer língua. Por essa razão, ele deixa de ser puramente fonético e deve ser considerado como pertencente à fonologia da língua em que ocorre, devendo ser descrito em correlação com os demais princípios que caracterizam essa fonologia específica. No presente caso, como a fonologia do Kaingãng de São Paulo apresenta situações que só podem ser adequadamente descritas como casos de assimilação de fases intrassegmentais de segmentos fonológicos complexos - como os segmentos nasais -, também os segmentos consonantais palatais devem ser encarados como sendo complexos e comportando três fases. Em vez de inserção de [y] o que se dá, nas seqüências /Vč/ e /Vɲ/ é a assimilação da primeira fase da consoante palatal ao segmento [-cns] precedente, o que se dá com respeito à propriedade [-sil]: V é [-consonantal], [č] e [ɲ] são [+consonantal], ou seja, distinguindo as três frases, [[+++consonantal]]. Em contacto com o segmento [-consonantal] V, a primeira fase se torna [-consonantal] donde a subespecificação da consoante pala-

tal passa a ser  $[-++\text{consonantal}]$ , o que corresponde foneticamente a  $[[y\check{c}\check{c}]]$  ou  $[[y\eta\eta]]$ .

A seguinte regra de assimilação dá conta da pré-vocalização das consoantes palatais no Kaingãng de São Paulo:

R.63, assimilação de fase periférica de segmentos palatais:

$$\left[ \begin{array}{l} [-\text{sil}] \\ [+pal] \end{array} \right] \rightarrow [[-\text{cns}]] / [-\text{cns}] \text{ ———}$$

(uma fase intrassegmental palatal torna-se  $[-\text{consonantal}]$  depois de vogal).

Exemplos:

(4.44) /ku'čõ/ 'vermelho'

subespecificação do segmento /č/:  $\left[ \begin{array}{l} +++\text{cns} \\ ---\text{sil} \\ +++\text{ant} \\ +++\text{cor} \\ +++\text{alt} \end{array} \right] \text{ku}[[\check{c}\check{c}]]\text{õ}$

aplicação de R.63:  $[[-\text{++cns}]]$ : ku $[[y\check{c}\check{c}]]\text{õ}$

(4.45) /'təp # #/ 'azul/verde'

subespecificação do segmento /p/:  $\left[ \begin{array}{l} +++\text{cns} \\ ---\text{sil} \\ +++\text{ant} \\ +++\text{cor} \\ +++\text{alt} \end{array} \right] \text{tə}[[\eta\eta\eta]]$

aplicação de R.63:  $[[-\text{++cns}]]$  tə $[[y\eta\eta]]$

#### 4.2.2.2. Zeração

Aos produtos da aplicação da R.63 aplica-se a R.62, ou seja, zeração de fases periféricas.

Assim:

(4.46) kuyččõ 'vermelho' (/ku'čõ/ após aplicação de R.63)

subespecificação do segmento /č/:  $[[+\text{--voc}]]$  ku $[[y\check{c}\check{c}]]\text{õ}$

aplicação da R.62:  $[[+\text{--}\emptyset\text{voc}]]$  [ku'yččõ]

- (4.47) tɛyɲɲ 'verde' (/tɛyɲ/ após aplicação de R.63)  
 subespecificação do segmento /ɲ/: [[+-voc]] tɛ[[ɲɲ]]  
 aplicação da R.62: [[+-∅voc]] 'tɛyɲ

#### 4.2.3. Processos fonéticos que afetam as vogais

No Kaingãng de São Paulo as vogais iniciais são precedidas sistematicamente por oclusão glotal e as vogais finais acentuadas são seguidas sistematicamente por fricção glotal. Esses dois fenômenos podem ser considerados como casos de assimilação parcial ao silêncio próprio da pausa contígua às fronteiras de palavra. A pausa, como vimos (1.1.1) é [-cns] e [-sil] ; conseqüentemente é também [-voz]. Tanto a oclusão quanto a fricção glotal são também [-cns] e [-sil] , diferindo entre si apenas por ser a primeira [-cnt] e a segunda [+cnt] . Além disso, têm a propriedade [-voz].

Se considerarmos que cada segmento vocálico é constituído de três fases, podendo ser subespecificado como [[VWV]] , podemos interpretar tanto a oclusão quanto a fricção glotal como modificações assimilatórias das fases periféricas:

$$\begin{aligned} \# [[VW]] &\rightarrow \#[[?W]] \\ [[VW]]\# &\rightarrow [[Vh]] \# \end{aligned}$$

##### 4.2.3.1. Assimilação intrassegmental

As duas regras abaixo (R.64 e R.65) dão conta da assimilação de fases periféricas das vogais:

R.64, glotalização da primeira fase de vogais iniciais:

$$[[+sil]] \rightarrow \left[ \begin{array}{l} -sil \\ -cns \\ -cnt \end{array} \right] \left\{ \begin{array}{l} \# \\ [+sil] \end{array} \right\} \text{ ——— } [+sil]$$

(a primeira fase intrassegmental de uma vogal inicial torna-se uma oclusiva glotal).

Exemplos:

(4.48) /# # aŋ/ 'eles'

subespecificação do segmento /a/:  $\left[ \begin{array}{l} \text{---cns} \\ \text{+++sil} \\ \text{+++voz} \\ \text{+++cnt} \end{array} \right] \left[ \left[ \text{aaa} \right] \right]_{\eta}$

aplicação da R.64:  $\left[ \begin{array}{l} \text{---cns} \\ \text{---sil} \\ \text{---voz} \\ \text{---cnt} \end{array} \right] : \left[ \left[ \text{?aa} \right] \right]_{\eta}$

(4.49) /he' # ã/ 'não há de quê!'

subespecificação do segmento /ã/:  $\left[ \begin{array}{l} \text{---cns} \\ \text{+++sil} \\ \text{+++voz} \\ \text{+++cnt} \end{array} \right] \text{he}' \left[ \left[ \text{ããã} \right] \right]$

aplicação da R.64:  $\left[ \begin{array}{l} \text{---cns} \\ \text{---sil} \\ \text{---voz} \\ \text{---cnt} \end{array} \right] : \text{he}' \# \left[ \left[ \text{?ãã} \right] \right]$

R.65, desvozeamento da terceira fase de vogais finais acentuadas:

$$\left[ \begin{array}{l} \text{+sil} \\ \text{+voz} \end{array} \right] \rightarrow \left[ \begin{array}{l} \text{-sil} \\ \text{-voz} \end{array} \right] / \frac{\text{---}}{\text{[+ace.]}} \# \#$$

(a terceira fase intrassegmental de uma vogal final torna-se desvozeada).

Exemplo:

(4.50) /'ka# #/ 'árvore'

subespecificação do segmento /a/:  $\left[ \begin{array}{l} \text{+++sil} \\ \text{+++voz} \end{array} \right] \text{'k} \left[ \left[ \text{aaa} \right] \right]$

aplicação de R.65:  $\left[ \begin{array}{l} \text{+---sil} \\ \text{++-voz} \end{array} \right] : \text{k} \left[ \left[ \text{aaa} \right] \right]$

#### 4.2.3.2. Zeração

Aos resultados da aplicação de R.64 e R.65 também se aplicará a zeração das fases periféricas (R.62):

Assim:

- (4.51) ?aaŋ 'eles' (/# #aŋ/ após a aplicação de R.64)  
 subespecificação do segmento /a/:  $\left[ \begin{array}{l} -++sil \\ -++cnt \end{array} \right]$   
 aplicação da R.62:  $\left[ \begin{array}{l} -+\emptyset sil \\ -+\emptyset cnt \end{array} \right] : [[?a]]\eta$
- (4.52) hɛ'ʔɛɛ 'não há de quê!' (/hɛ # 'ɛ/ após a aplicação da R.62)  
 subespecificação do segmento /ɛ/:  $\left[ \begin{array}{l} -++sil \\ -++cnt \end{array} \right]$   
 aplicação da R.62:  $\left[ \begin{array}{l} -+\emptyset sil \\ -+\emptyset cnt \end{array} \right] [hɛ'ʔɛ]$
- (4.53) kaaa 'árvore' (/ 'ka# # / após aplicação da R.65)  
 subespecificação do segmento /a/:  $\left[ \begin{array}{l} ++-sil \\ ++-voz \end{array} \right]$   
 aplicação da R.62:  $\left[ \begin{array}{l} \emptyset+-sil \\ \emptyset+-voz \end{array} \right] : ['kaa]$

#### 4.2.4. Processos fonéticos que afetam os aproximantes:

##### 4.2.4.1. Silabificação

Subespecificaremos igualmente as aproximantes em três fases, pois como vimos em exemplos acima (1.1.4.5), uma aproximante r inicial pré-vocaliza-se, e as aproximantes finais (r, y, w) pós-vocalizam-se, provocando o aparecimento de uma sílaba fonética adicional. Trata-se, portanto, de um processo de silabificação intrasgmental:

$$\begin{array}{l} \# [[GGG]] \rightarrow \# [[VGG]] \\ [[GGG]] \# \rightarrow [[GGV]] \# \end{array}$$

Verificam-se, então, dois tipos de silabificação no Kaingãng de São Paulo:

(a) silabificação do *r* inicial

e

(b) silabificação das aproximantes finais, caso em que ocorre cópia simultânea da vogal que os precede. Temos, portanto, dois processos simultâneos: silabificação e assimilação das propriedades vocálicas:

A seguinte regra dá conta do primeiro tipo de silabificação (tipo (a) acima):

R.66, silabificação de *r* inicial:

$$\left[ \begin{array}{l} \text{---cns} \\ \text{---sil} \\ \text{+++voz} \\ \text{---arr} \\ \text{333alt} \end{array} \right] \rightarrow [[+\text{---sil}]] / \# \# \text{ ---}$$

(a primeira fase intrassegmental de uma a aproximante *r* inicial torna-se silábica).

Exemplo:

(4.54) / # # 'rẽ/ 'sol'

subespecificação do segmento /r/:  $\left[ \begin{array}{l} \text{---sil} \\ \text{+++voz} \\ \text{---arr} \\ \text{333alt} \end{array} \right] [[r r r]] \tilde{e}$

aplicação da R.66:  $[[+\text{---sil}]]: [[\text{e}' r r]] \tilde{e}$

A regra que dá conta do tipo (b) de silabificação no Kaingãng de São Paulo é a seguinte:

R.67, silabificação de aproximante e cópia simultânea de vogal:

$$\begin{bmatrix} \text{---cns} \\ \text{---sil} \\ \text{+++voz} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} \text{---cns} \\ \text{---+sil} \\ \text{[---][\alpha\text{timbre}]} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} \text{+sil} \\ \alpha\text{timbre} \end{bmatrix} \text{ ---} \#^{10}$$

(a última fase intrassegmental de uma aproximante silabifica-se, tornando-se idêntica à vogal que precede essa aproximaimante).

Exemplos:

- (4.55)  $\eta\tilde{e}r$  'milho' (/  $\eta\tilde{e}r \#$  / após a aplicação de R.60 e R.62)

subespecificação do segmento /r/:  $\begin{bmatrix} \text{---sil} \\ \text{+++voz} \\ \text{---arr} \\ \text{333alt} \end{bmatrix} \eta\tilde{e}[[r r r]]$

aplicação da R.67:  $\begin{bmatrix} \text{[---+sil]} \\ \text{[---][\alpha\text{timbre}]} \end{bmatrix} \eta\tilde{e}[[r r \tilde{e}]]$

- (4.56) /  $\phi e y \#$  / 'flor'

subespecificação do segmento /y/:  $\begin{bmatrix} \text{---sil} \\ \text{+++voz} \\ \text{---arr} \\ \text{555alt} \end{bmatrix} \phi e[[y y y]]$

aplicação da R.67:  $\begin{bmatrix} \text{[---+sil]} \\ \text{[---][\alpha\text{timbre}]} \end{bmatrix} \phi e[[y y e]]$

- (4.57)  $k\tilde{e}'\eta\omega$  'foram embora' (/  $k\tilde{e}'\eta\omega \#$  / após a aplicação de R.58 e R.60)

subespecificação do segmento /w/:  $\begin{bmatrix} \text{---sil} \\ \text{+++voz} \\ \text{+++arr} \\ \text{555alt} \end{bmatrix} k\tilde{e}'\eta\omega[[w w w]]^{11}$

aplicação da R.67:  $\begin{bmatrix} \text{[---+sil]} \\ \text{[---][\alpha\text{timbre}]} \end{bmatrix} k\tilde{e}'\eta\omega[[w w \omega]]$



4.2.4.2. Zeração

Aqui também a zeração (R.62) simplificará as fases iguais das aproximantes.

Assim:

- (4.58)  $\text{ẽ'ĩĩĩ}$  'sol' (/rĩ# / após a aplicação de R.64 e R.65)

subespecificação do segmento /r/:  $\left[ \begin{array}{l} +--\text{sil} \\ +++\text{voz} \\ ---\text{arr} \\ 333\text{alt} \end{array} \right] [\text{ẽ'ĩĩĩ}]$

aplicação da R.62:  $[[+-\emptyset\text{sil}]] [\text{ẽ'ĩĩĩ}]$

- (4.59)  $\text{'ŋĩĩĩĩ}$  'milho' (/ŋĩr# / após a aplicação de R.64 e R.65)

subespecificação do segmento /r/:  $\left[ \begin{array}{l} --+\text{sil} \\ +++\text{voz} \\ ---\text{arr} \\ 333\text{alt} \end{array} \right] \text{ŋĩ}[\text{ĩĩĩ}]$

aplicação da R.62:  $[[\emptyset--+\text{sil}]] [\text{'ŋĩĩĩĩ}]$

- (4.60)  $\text{'feyye}$  'flor' (/fey# / após a aplicação da R.65)

subespecificação do segmento /y/:  $\left[ \begin{array}{l} --+\text{sil} \\ +++\text{voz} \\ ---\text{arr} \\ 555\text{alt} \end{array} \right]$

aplicação da R.62:  $[[\emptyset--+\text{sil}]] [\text{'feyye}]$

- (4.61)  $\text{kĩ'ŋəwə}$  'foram embora' (/kĩ'ŋəw# / após a aplicação da R.67)

subespecificação do segmento /w/:  $\left[ \begin{array}{l} --+\text{sil} \\ +++\text{voz} \\ +++\text{arr} \end{array} \right]$

aplicação da R.62:  $[[\emptyset--+\text{sil}]] [\text{kĩ'ŋəwə}]$

- (4.62)  $\text{w̃w̃w̃ẽ}$  'indicador de sujeito' (/w̃ẽ/ após a aplicação da R.67)

subespecificação do segmento /w/:  $\left[ \begin{array}{l} ---\text{sil} \\ +++\text{voz} \\ +++\text{arr} \\ +++\text{nas} \end{array} \right]$

aplicação reiterada da R.62:  $[[\emptyset-\emptyset\text{sil}]] [[\text{w̃ẽ}]]$

- (4.63) 'ÿÿÿã'mãe' (/yã/ após a aplicação da R.67)  
 subespecificação do segmento /y/: [[+++nas]].  
 aplicação da R.62: [[∅+∅nas]] ]'ÿã]

#### 4.3. Os processos fonéticos intrassegmentais no Kaingãng do Paraná

Consideremos a seguir o Kaingãng do Paraná, utilizando, também para este capítulo, dados retirados de Wieseemann (1971 e 1972) e Kindell (1972). A apresentação dos processos intrassegmentais para este dialeto também terá por critério a natureza dos segmentos afetados. Temos assim:

##### 4.3.1. Processos fonéticos que afetam os segmentos consonantais nasais:

###### 4.3.1.1. Assimilação intrassegmental

Para dar conta deste processo no Kaingãng de São Paulo formulamos cinco regras (vide 4.2.1.1). Para o dialeto do Paraná, deveremos eliminar uma delas, a R.51, uma vez que aí não foi registrada desnasalização de fases intrassegmentais depois de /r/. Das demais regras, a R.57 (desnasalização de fases intrassegmentais diante de obstruintes) e a R.58 (desvozeamento de fases intrassegmentais diante de segmentos desvozeados) aplicar-se-ão sem restrições, e a R.60 (desnasalização das fases periféricas intrassegmentais em contigüidade com segmentos silábicos orais) deverá aplicar-se obrigatoriamente neste dialeto, passando a ser:

R.68, desnasalização das fases periféricas intrassegmentais em contigüidade com segmentos silábicos orais:

[[+nas]] → [[-nas]] / ( # )  $\begin{bmatrix} +sil \\ -nas \end{bmatrix}$  ( # )

(uma fase intrassegmental periférica nasal desnasaliza-se em contigüidade com vogais orais)

Exemplicação para R.57 e R.58:

(4.64) /tãŋ'tõ/ 'três'

subespecificação do segmento /ŋ/ após a aplicação

de R.57 e R.62: [[∅++voz]] tã[[ŋg]]tõ

aplicação da R.58: [[∅+-voz]] [tãŋg'tõ]

(4.65) /kɛŋ'pe/ 'lavar(pl.)'

subespecificação do segmento /ŋ/: [[+++nas]] kɛ[[ŋŋŋ]]pe

1ª aplicação da R.57: kɛ[[ŋŋg]]pe

2ª aplicação da R.57: kɛ[[ŋgg]]pe

(4.66) /kam'ke/ 'quebrar'

subespecificação do segmento /m/: [[+++nas]] ka[[mmm]]ke

1ª aplicação da R.57: ka[[mmb]]ke

2ª aplicação da R.57: ka[[mbb]]ke

Quanto à R.68 acima, lembremos que é uma regra obrigatória no dialeto do Paraná, com conseqüente diminuição dos produtos fonéticos resultantes de sua aplicação. Por exemplo, formas como [ka'ŋa] ou [ka'ŋga] não foram registradas para este dialeto. Observemos os exemplos abaixo:

(4.67) /ka'ŋa/ 'dor'

subespecificação do segmento /ŋ/: [[+++nas]] ka[[ŋŋŋ]]a

(c) [[-++nas]]: ka[[gŋŋ]]a<sup>12</sup>

(d) [[-+-nas]]: [ka'gŋga]

(4.68) /# #ŋe/ 'também'

subespecificação do segmento /ŋ/: [[+++nas]] [[ŋŋŋ]]e

(b) [[++-nas]]: [ŋŋg]]e

- (4.69) /'puŋ # # / 'fazer cabo'  
 subespecificação do segmento /ŋ/:[[+++nas]] pu[[ŋŋŋ]]  
 (c) [[-++nas]] : pu[[gŋŋ]]
- (4.70) /ku'ŋẽ/ 'empurrar'  
 subespecificação do segmento /ŋ/:[[+++nas]] ku[[ŋŋŋ]]ẽ  
 (c) [[-++nas]]: ku[[gŋŋ]]ẽ
- (4.71) /rã'ŋrɔ/ 'feijão'  
 subespecificação do segmento /ŋ/:[[+++nas]] rã[[ŋŋŋ]]rɔ  
 (b) [[++-nas]] : rã[[ŋŋg]]rɔ
- (4.72) /aŋ# wẽ/ 'eles + indicador de sujeito'  
 subespecificação do segmento /ŋ/:[[+++nas]] a[[ŋŋŋ]]wẽ  
 (c) [[-++nas]] : a[[gŋŋ]]wẽ
- (4.73) /kuŋ'mre/ 'raspar'  
 subespecificação dos segmentos /ŋ/ e /m/:  
 [[+++nas]] ku[[ŋŋŋ]] [[mmm]]re  
 (c) [[-++nas]] ku[[gŋŋ]] [[bmm]]re
- (4.74) /# # 'ŋãr / 'milho'  
 subespecificação do segmento /ŋ/:[[+++nas]] [[ŋŋŋ]]ãr  
 (a) [[+++nas]]: [[ŋŋŋ]]ãr
- (4.75) /'prẽŋ # #/ 'fome'  
 subespecificação do segmento /ŋ/:[[+++nas]] prẽ[[ŋŋŋ]]  
 (a) [[+++nas]] : prẽ[[ŋŋŋ]]
- (4.76) /kã'ŋõ/ 'apertar'  
 subespecificação do segmento /ŋ/:[[+++nas]] kã[[ŋŋŋ]]õ  
 (a) [[+++nas]]: kã[[ŋŋŋ]]õ
- (4.77) /kɪŋ'pe/ 'lavar (pl.)'  
 subespecificação do segmento /ŋ/:[[+-nas]] (/kɪŋ'pe/  
 após aplicação reiterada de R.57):  
 (c) [[---nas]] : kɪ[[ggg]]pe

4.3.1.2. Zeração

A esses produtos da aplicação da R.67 aplicar-se-á a R.69:

R.69, zeração das fases periféricas de segmentos:

[[αpropr.]] + ∅ / [[αpropr.]]

(recursiva)

(uma fase periférica intrassegmental desaparece obrigatoriamente quando contígua a outra fase intrassegmental idêntica).

Notemos que esta regra é mais simples para o Kaingãng do Paraná, pois não ocorrem, neste dialeto, formas com consoantes duplas, tais como ['ŋŋa] ou [ka'ŋŋa], que foram encontradas por nós no dialeto de São Paulo.

Assim:

(4.78) /# #ŋe/ 'também'

aplicação da R.69 a (b): [[∅+-nas]] [ŋe]

(4.79) /'puŋ# #/ 'fazer cabo'

aplicação da R.69 a (c): [[-+∅nas]] ['puŋŋ]

(4.80) /ku'ŋẽ/ 'empurrar'

aplicação da R.69 a (c): [[-+∅nas]] [ku'gŋẽ]

(4.81) /rã'ŋrɔ/ 'feijão'

aplicação da R.69 a (b): [[∅+-nas]] rã[[ŋg]]rɔ

(4.82) /aŋ# wẽ/ 'eles + indicador de sujeito'

aplicação da R.69 a (c): [[-+∅nas]] a[[gŋ]]wẽ

(4.83) /kuŋ'mre/ 'raspar'

aplicação da R.69 a (c): [[-+∅nas]] [kuŋŋ'bmre]

(4.84) /# #ŋãr/ 'milho'

(1) 1ª aplicação da R.69 a (a): [[∅++nas]] [[ŋŋ]]ãr

(2) 2ª aplicação da R.69 a (a): [[∅+∅nas]] [[ŋ]]ãr

(4.85) /'pɾɛ̃ŋ/ 'fome'

(1) 1ª aplicação da R.69 a (a):[[∅++nas]] 'pɾɛ̃[[ŋŋ]]

(2) 2ª aplicação da R.69 a (a):[[∅+∅nas]] ['pɾɛ̃ŋ]

(4.86) /kã'ŋõ/ 'apertar'

(1) 1ª aplicação da R.69 a (a):[[∅++nas]] kã[[ŋŋ]]õ

(2) 2ª aplicação da R.69 a (a):[[∅+∅nas]] [kã'ŋõ]

(4.87) /kɛ̃ŋ'pe/ 'lavar (pl.)'

(1) 1ª aplicação da R.69 a (c):[[∅--nas]] kɛ̃[[gg]]pe

(2) 2ª aplicação da R.69 a (c):[[∅-∅nas]] kɛ̃[[g]]pe

#### 4.3.2. Processos fonéticos que afetam os segmentos palatais:

##### 4.3.2.1. Assimilação intrassegmental

A pré-vocalização de consoantes palatais incide apenas sobre as consoantes nasais no Kaingãng do Paraná, o que nos leva a restringir o âmbito de aplicação da R.60, resultando a seguinte regra:

R.70, assimilação de fase periférica de segmentos palatais

$$\left[ \begin{array}{l} -\text{sil} \\ +\text{nas} \\ +\text{pal} \end{array} \right] + [[-\text{cns}]] / [[-\text{cns}]] \text{ ———}$$

(uma fase intrassegmental nasal palatal torna-se [-consonantal] depois de uma vogal).

Exemplo:

(4.88) /kaŋ'kã / 'cêu'

subespecificação do segmento /ŋ/:  $\left[ \begin{array}{l} +++\text{cns} \\ -\text{sil} \\ +++\text{nas} \\ +++\text{ant} \\ +++\text{cor} \\ +++\text{alt} \end{array} \right]$  ka[[ŋŋ]]kã

aplicação da R.70: [[-++cns]] ka[[yŋŋ]]kã

4.3.2.2. Zeração

Aos produtos da aplicação da R.70 aplicar-se-á a R.69, ou seja, zeração das fases periféricas de segmentos.

Assim:

(4.89) ka[[yŋŋ]]kã 'céu' (/kaŋ'kã/ após aplicação de R.70 subespecificação do segmento /ŋ/:[[+--sil]] ka[[yŋŋ]]kã aplicação da R.69: [[+-Øsil]] ka[[yŋ]]kã

4.3.3. Processos fonéticos que afetam as vogais:4.3.3.1. Assimilação intrassegmental

Vimos que no Kaingãng de São Paulo dois processos assimilatórios afetam as vogais: a glotalização da primeira fase de vogais iniciais e o desvozeamento da terceira fase de vogais acentuadas finais. No Kaingãng do Paraná registrou-se apenas a glotalização, e a regra que dá conta desse processo é a R.64, ou seja, glotalização da primeira fase de vogais iniciais.

Exemplos:

(4.90) /# #aŋ/ 'eles'

subespecificação do segmento /a/:  $\left[ \begin{array}{l} ---cns \\ +++sil \\ +++voz \\ +++cnt \end{array} \right] \left[ [aaa] \right] \eta$   
 aplicação da R.64:  $\left[ \begin{array}{l} -++sil \\ -++cnt \end{array} \right] \left[ [ ?aaŋ ] \right]$

(4.91) /# #ε'e/ 'vomitar'

subespecificação do segmento /V/:  $\left[ \begin{array}{l} ---cns \\ +++sil \\ +++voz \\ +++cnt \end{array} \right] \left[ [εεε'eee] \right]$   
 aplicação da R.64:  $\left[ \begin{array}{l} -++sil \\ -++cnt \end{array} \right] \left[ [ ?εε' ?ee ] \right]$

4.3.3.2. Zeração

Aos resultados da aplicação da R.64 também se aplicará a zeração de fases periféricas, ou seja, a R.69.

Assim:

(4.92) [[?aa]]<sub>η</sub> 'eles' (/≠≠ a<sub>η</sub>/ após aplicação de R.64)

subespecificação do segmento /a/:  $\left[ \begin{array}{l} -++sil \\ -++cnt \end{array} \right]$

aplicação da R.69:  $\left[ \begin{array}{l} -+∅sil \\ -+∅cnt \end{array} \right]$  [[?a]]<sub>η</sub>

(4.93) [[?εε'εe]] 'vomitar' (/≠≠ ε'e/ após aplicação de R.64)

subespecificação do segmento /V/:  $\left[ \begin{array}{l} -++sil \\ -++cnt \end{array} \right]$

aplicação da R.69:  $\left[ \begin{array}{l} -+∅sil \\ -+∅cnt \end{array} \right]$  [?ε'ε]

4.3.4. Processos fonéticos que afetam as aproximantes4.3.4.1. Silabificação

Assim como no Kaingãng de São Paulo, há também dois tipos de silabificação no Kaingãng do Paraná:

(a) silabificação do r inicial

e

(b) silabificação das aproximantes finais, caso em que ocorre cópia simultânea da vogal que os precede. As regras formuladas acima para dar conta desses processos no Kaingãng de São Paulo aplicar-se-ão ao dialeto do Paraná sem quaisquer restrições (cf. regras R.66 e R.67).

Exemplos:

(4.94) /≠≠ rã/ 'sol'

subespecificação do segmento /r/:  $\left[ \begin{array}{l} ---sil \\ +++voz \\ ---arr \\ ---alt \end{array} \right]$  [[r r r]]ã



aplicação da R.66: [+--sil] [[ərɾ]]ã

- (4.95) 'ŋār 'milho' (/ 'ŋār ≠ / após aplicação de R.68 e 69)

subespecificação do segmento /r/:  $\left[ \begin{array}{l} ---sil \\ +++voz \\ ---arr \\ ---alt \end{array} \right]$

aplicação da R.67:  $\left[ \begin{array}{l} --+sil \\ --][\alpha\text{propr.}] \end{array} \right]$  ŋã[[rã]]

- (4.96) / 'tɛy ≠ / 'comprido'

subespecificação do segmento /y/:  $\left[ \begin{array}{l} ---sil \\ +++voz \\ ---arr \\ +++alt \end{array} \right]$  tɛ[[yy]]

aplicação de R.67:  $\left[ \begin{array}{l} --+sil \\ --][\alpha\text{propr.}] \end{array} \right]$  ŋɔ[[wɔ]]

#### 4.3.4.2. Zeração

Aqui também a zeração (R.69) simplificará as fases iguais das aproximantes.

Assim:

- (4.97) ŋã[[rã]] 'milho' (/ 'ŋār ≠ / após aplicação de R.67)

subespecificação do segmento /r/:  $\left[ \begin{array}{l} --+sil \\ +++voz \\ ---arr \\ ---alt \end{array} \right]$

aplicação da R.69: [[∅-+sil]] ['ŋãã]

- (4.98) tɛ[[yɛ]] 'comprido' (/ 'tɛy ≠ / após aplicação de R.67)

subespecificação do segmento /y/:  $\left[ \begin{array}{l} --+sil \\ +++voz \\ ---arr \\ +++alt \end{array} \right]$

aplicação da R.69: [[∅-+sil]] ['tɛyɛ]

- (4.99) ŋɔ[[wɔ]] (/ 'ŋɔw ≠ / após aplicação de R.67)

subespecificação do segmento /w/:  $\left[ \begin{array}{l} --+sil \\ +++voz \\ +++arr \end{array} \right]$

aplicação da R.69: [[∅--+sil]] ['ŋgɔwɔ]

#### 4.4. Derivações intrassegmentais

A seguir apresentamos alguns exemplos de derivações intrassegmentais no Kaingãng de São Paulo.

(4.100)	/'tɛŋ/	
	(a)	(b)
	subespecificação de /ŋ/: tɛ[[ŋŋŋ]]	
R.60	tɛ[[yŋŋ]]	tɛ[[ŋŋŋ]]
R.58	————	tɛ[[yŋŋ̣]]
R.58'	————	tɛ[[yŋŋ̣̣]]
R.58''	————	tɛ[[yŋŋ̣̣̣]]
R.59	————	tɛ[[ỵŋ̣̣̣]]
R.63 (+Princípio II)	tɛ[[ỵŋ̣̣̣]]	————
R.62	————	tɛ[[ỵ̣̣̣]]
Representação fonética	['tɛỵŋ̣̣̣]	['tɛỵ̣̣̣]
(4.101)	/tɛŋ'tõ/	
	subespecificação de /ŋ/: tɛ[[ŋŋŋ]]tõ	
R.57	tɛ[[ŋŋŋ̣]]tõ	
R.57'	tɛ[[ŋŋŋ̣̣]]tõ	
R.57''	tɛ[[ŋŋŋ̣̣̣]]tõ	
R.59	tɛ[[ŋ̣ŋ̣̣̣]]tõ	

R.62						tẽ[[ŋg]]tõ
Representação fonética						[tẽŋg'to]
(4.102)						/ko'f̥er 'mɛŋ/
subespecificação de /r/ /m/ e /ŋ/:						kof̥ɛ[[rrr]] [[mmm]] ɛ[[ŋŋŋ]]
R.60						kof̥ɛ[[rrr]] [[bmm]] ɛ[[gŋŋ]]
R.60'						kof̥ɛ[[rrr]] [[bmb]] ɛ[[gŋŋ]]
R.61						kof̥ɛ[[rrr]] [[bbb]] ɛ[[gŋŋ]]
R.67						kof̥ɛ[[rrɛ]] [[bbb]] ɛ[[gŋŋ]]
R.62						kof̥ɛ[[rɛ]] [[bb]] ɛ[[gŋ]]
R.62'						kof̥ɛ[[rɛ]] [[b]] ɛ[[gŋ]]
Representação fonética						[ko'f̥ɛrɛ'bɛŋ] <sup>13</sup>
(4.103)						/'f̥ɔŋ'pĩ/
Subespecificação de /ŋ/:						f̥ɔ[[ŋŋŋ]]pĩ
R.58						f̥ɔ[[ŋŋŋ]]pĩ
R.58'						f̥ɔ[[ŋŋŋ]]pĩ
R.58''						f̥ɔ[[ŋŋŋ]]pĩ
R.59						f̥ɔ[[gŋŋ]]pĩ
R.62						f̥ɔ[[gŋ]]pĩ
R.62'						f̥ɔ[[g]]pĩ
Representação fonética						['f̥ɔŋ'pĩ]
(4.104)						/ka'ŋa/
Subespecificação	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	
de /ŋ/:	ka[[ŋŋŋ]]a	ka[[ŋŋŋ]]a	ka[[ŋŋŋ]]a	ka[[ŋŋŋ]]a	ka[[ŋŋŋ]]a	
R.60	ka[[gŋŋ]]a	ka[[gŋŋ]]a	-	-	-	

R.60'	ka[[gŋg]]a	-	ka[[ŋg]]a	-	-
R.62	-	ka[[gŋ]]a	ka[[ŋg]]a	ka[[ŋŋ]]a	ka[[ŋŋ]]a
R.62'	-	-	-	-	ka[[ŋ]]a

Repres. fonética [ka'gŋga] [ka'gŋa] [ka'ŋga] [ka'ŋŋa] [ka'ŋa]

(4.105)

ya'ŋrẽ<sup>14</sup>

(a)

(b)

Subespecificação de /ŋ/:	ya[[ŋŋŋ]]rẽ	ya[[ŋŋŋ]]rẽ
R.60	ya[[gŋŋ]]rẽ	-
R.62	ya[[gŋ]]rẽ	ya[[ŋŋ]]rẽ
R.62'	-	ya[[ŋ]]rẽ
Representação fonética	[ya'gŋrẽ]	[ya'ŋrẽ]

(4.106)

/kẽ'ŋəw/

Subespecificação de /ŋ/ e /w/:	kẽ[[ŋŋŋ]]ə[[www]]
R.60	kẽ[[ŋŋg]]ə[[www]]
R.67	kẽ[[ŋŋg]]ə[[wwe]]
R.62	kẽ[[ŋg]]ə[[wə]]

Representação fonética

[kẽ'ŋgəwə]

(4.107)

/aŋ#wẽ/

Subespecificação de /a/ e /ŋ/:	[[aaa]][[ŋŋŋ]]wẽ
R.60	[[aaa]][[gŋŋ]]wẽ
R.64	[[?aa]][[gŋŋ]]wẽ
R.62	[[?a]][[gŋ]]wẽ

Representação fonética

[?aŋŋwẽ]

(4.108)

/'krəŋ#mĩ/

Subespecificação de /ŋ/ e /m/:	krə[[ŋŋŋ]][[mmm]]ĩ
R.60	krə[[gŋŋ]][[mmm]]ĩ
R.62	krə[[gŋ]][[mm]]ĩ
R.62'	krə[[g]][[m]]ĩ

Representação fonética	['kræg'mɛ]		
		/'ŋa/	
(4.109)	(a)	(b)	(c)
Subespecificação de /ŋ/:	[[ŋŋŋ]]a	[[ŋŋŋ]]a	[[ŋŋŋ]]a
R.60	[[ŋŋŋ]]a	-	-
R.62	[[ŋŋ]]a	[[ŋŋ]]a	[[ŋŋ]]a
R.62'	-	-	[[ŋ]]a
Representação fonética	['ŋga]	['ŋŋa]	['ŋa]
(4.110)		/aŋ/	
	(a)	(b)	
Subespecificação de /a/ e /ŋ/:	[[aaa]][[ŋŋŋ]]	[[aaa]][[ŋŋŋ]]	
R.58	-	[[aaa]][[ŋŋŋ]]	
R.58'	-	[[aaa]][[ŋŋŋ]]	
R.58''	-	[[aaa]][[ŋŋŋ]]	
R.59	-	[[aaa]][[gŋŋŋ]]	
R.60	[[aaa]][[gŋŋ]]	-	
R.64	[[ʔaa]][[gŋŋ]]	[[ʔaa]][[gŋŋŋ]]	
R.62	[[ʔa]][[gŋ]]	[[ʔa]][[gŋŋ]]	
R.62'	-	[[ʔa]][[g]]	
Representação fonética	['ʔaŋ]	['ʔaŋ]	
(4.111)		/ku'čõ/	
Subespecificação de /č/:		ku[[ččč]]õ	

R.63	ku[[yčč]]ō
R.62	ku[[yč]]ō
Representação fonética	[kuy'čō]
(4.112)	'ŋēf̄ 14
Subespecificação de /ŋ/ e /r/:	[[ŋŋŋ]]ē[[r̄r̄r̄]]
R.67	[[ŋŋŋ]]ē[[r̄r̄ē]]
R.62	[[ŋŋ]]ē[[r̄ē]]
R.62'	[[ŋ]]ē[[r̄ē]]
Representação fonética	['ŋēf̄ē]
(4.113)	/'tēŋ/
Subespecificação de /ŋ/:	tē[[ŋŋŋ]]
R.62	tē[[ŋŋ]]
R.62'	tē[[ŋ]]
Representação fonética	['tēŋ]
(4.114)	nī'ŋf̄ē 14
Subespecificação de /n/ e /ŋ/:	[[nnn]]ī[[ŋŋŋ]]f̄ē
R.62	[[nn]]ī[[ŋŋ]]f̄ē
R.62'	[[n]]ī[[ŋ]]f̄ē
Representação fonética	[nī'ŋf̄ē]
(4.115)	/hə#ə/
Subespecificação de /ə/:	hə[[ə̄ə̄ə̄]]
R.64	hə[[?ə̄ə̄]]
R.62	hə[[?ə̄]]
Representação fonética	[hə'?ə̄]
(4.116)	/'ka/
Subespecificação de /a/:	k[[aaa]]
R.65	k[[aaä]]

R.62	k[[a <sub>ə</sub> ]]
Representação fonética	['kaa]
(4.117)	'rē <sup>14</sup>
Subespecificação de /r/:	[[r̄r̄r̄]]ē
R.66	[[ə̄r̄r̄]]ē
R.62	[[ə̄r̄]]ē
Representação fonética	[ə̄'r̄ē]

## CONCLUSÃO

Ao concluir este estudo consideramos apropriado destacar duas ordens de fatos: (a) a relação que se pode estabelecer entre alguns dos fenômenos que diferenciam o dialeto de São Paulo do dialeto do Paraná e o estado de obsolescência em que se encontra o primeiro; (b) os fatos fonológicos que nos levaram a desenvolver no capítulo 4 deste estudo um tratamento não ortodoxo dos segmentos complexos da língua Kaingãng.

A. O dialeto Kaingãng de São Paulo difere do dialeto do Paraná em vários aspectos. Correspondências fonêmicas segmentais foram indicadas por Wieseemann (1978) em seu estudo comparativo preliminar dos dialetos Kaingãng com o Xoklêng. O que aqui pretendemos pôr em relevo não são as diferenças de substância fonológica, mas as de forma, tanto fonológica como morfológica, que resultam do confronto entre os capítulos 2 e 3:

1. O Kaingãng de São Paulo apresenta numerosos casos de flutuação ou variação livre de condicionamento fonológico em situações em que o Kaingãng do Paraná não apresenta nenhuma flutuação perceptível. A realização fonética dos fonemas no Kaingãng de São Paulo revala, assim, um desempenho muito mais difuso que o que se dá no Paraná, o qual se caracteriza como mais puntual. No caso das vogais a oscilação entre as realizações fonéticas de alguns fonemas articulatoriamente vizinhos (p.ex., /i/ e /e/) chega a produzir a sobreposição (overlapping) desses fonemas no dialeto paulista. Uma hipótese que podemos levantar com base na observação dessa diferença de comporta



mento articulatório entre os dois dialetos comparados é a de que no Kaingãng do Paraná manifesta-se um bom (provavelmente normal) monitoramento da realização fonética, ao passo que o Kaingãng de São Paulo apresenta um monitoramento menos preciso. A causa dessa diferença no monitoramento da produção fonética pode ser associada à situação de franca obsolescência em que se encontra o dialeto paulista: os poucos falantes que subsistem numa comunidade cujos membros em sua grande maioria agora só falam o Português, língua que eles mesmos têm de usar para falar com a maioria, têm consideravelmente reduzidas suas oportunidades de ouvir a língua nativa e, conseqüentemente, dispõem de pouca retroalimentação (feed-back) para controlar eventuais desvios articulatórios, os quais, nessas circunstâncias, tendem a avolumar-se e a ampliar-se.

Para conveniência do leitor, resumimos aqui os casos de flutuação fonética descritos para o Kaingãng de São Paulo:

- a) consoantes nasais entre vogais orais: [kagŋga] ~ [kagga] ~ [kaŋga] ~ [kaŋa] (Kg.do Paraná só [kagŋga]);
- b) consoantes nasais entre pausa e vogal oral: [ndo] ~ [nno] ~ [no] (Kg.do Paraná só [ndo]);
- c) consoantes nasais entre vogal oral e pausa: [hadn] ~ [haɔ] (Kg.do Paraná só [hadn]);
- d) vogais orais átonas em qualquer ambiente: i ~ ɪ, ɛ ~ ɛ̃, u ~ u, e ~ ɛ̃, o ~ u, ə ~ ʌ, æ ~ ɛ, a ~ ʌ (no Kg.do Paraná só e ~ ɛ̃ e o ~ u, só em sílabas átonas finais).

2. Em confronto com o dialeto do Paraná, o Kaingãng de São Paulo se caracteriza também pela redução

ou pela ausência dos processos morfológicos:

- a) para poucos verbos o Kaingãng de São Paulo apresenta a derivação de uma forma ativa; para outros, que no Paraná têm a forma ativa, este dialeto emprega uma construção analítica com o auxílio do verbo han 'fazer' (cf. págs. 57-58):  
 Paraná nūr 'dormir', nūn 'fazer dormir'  
 São Paulo nōr 'dormir', nōr han 'fazer dormir';
- b) também são muito poucos os casos de derivação de formas plurais no Kaingãng de São Paulo; para muitos verbos que no dialeto do Paraná têm formas plurais, o dialeto paulista apresenta uma só forma (cf. págs. 81-82):  
 Paraná nē 'deitar sg.', nēḡnē 'deitar pl.'  
 São Paulo nē 'deitar (sg.e pl.)';
- c) todos os muitos verbos que no dialeto do Paraná apresentam diversas formas temáticas mostram-se invariáveis no Kaingãng de São Paulo (cf. págs. 86-87):  
 Paraná we, we, weḡ 'ver'  
 São Paulo we 'ver'
- d) semelhantemente, os nomes que no Kaingãng do Paraná têm duas formas temáticas, apresentam uma só no dialeto de São Paulo (cf. págs.89-90):  
 Paraná pō, pā 'pedra'  
 São Paulo pō 'pedra'

No caso a) acima vê-se que o dialeto de São Paulo apresenta apenas resíduos de um processo que provavelmente teve maior extensão nele, como ainda tem no dialeto do Paraná. Para os casos b), c) e d) é possível que o dialeto de São Paulo tenha tido anteriormente os três processos morfológicos ainda presentes no dialeto do Para

nã, mas que os tenha eliminado, generalizando completamente o emprego de uma só forma. Essa generalização do uso de uma única forma nos vários contextos apropriados às diversas formas pré-existentes corresponde a uma simplificação morfológica que poderia originar-se na baixa frequência de uso da língua, com a conseqüente redução de feedback, que caracteriza hoje o dialeto de São Paulo.

B. Outro ponto que queremos destacar ao concluir este trabalho é o tratamento que propusemos e desenvolvemos, no capítulo 4, para os segmentos complexos do Kaingãng. A fonologia gerativa standard não dispõe de recursos adequados para tratar esses segmentos, como já em 1974 havia reconhecido Anderson. Este autor, em artigo posterior (1976), após discutir e rejeitar as propostas anteriores para tratamento dos segmentos pré-nasalizados, concluiu que é necessário decidir-se ou pela renúncia a um princípio central da teoria fonética - o de que, num sistema de propriedades fonéticas, propriedades independentes devem corresponder a mecanismos articulatórios e/ou acústicos independentes -, ou então pela renúncia à abstração do segmento homogêneo, reconhecendo-se algum meio de codificar diretamente os fatos referentes à seqüência temporal e à estrutura intrassegmental (Anderson 1976: 333). Anderson declara:

"If we are to recognize a single parameter [nasal]" (em contraste com a proposta de dois parâmetros, [nasal] e [pós-nasal], como em Ladefoged 1971:35), "with the articulatory and acoustic correlates of nasality, it is clearly necessary for us to allow this parameter to shift in value with the scope of a single segment. ... In

this case, we would be recognizing a violation of the segmental abstraction: a single segment would be characterized, at least in some cases, by a sequence of specifications for the same feature, rather than by a single homogeneous feature". (Anderson 1976: 333).

A seguir (333ss.), o mesmo autor mostra a analogia que existe entre os segmentos nasais complexos e os tons de contorno, os quais podem ser analisados como constituindo nova seqüência de níveis numa só sílaba ou num só segmento vocálico. Essa analogia leva Anderson a concluir que a nasalidade tem um status peculiar no inventário de propriedades fonéticas: "Though generally considered on a par with other features of manner of articulation, it is in some ways a suprasegmental, on a par with features of pitch. As a result, the nasal consonants most generally found in the languages of the world are most naturally treated as oral stops on which a nasal pattern is realized: if the stop is nasal throughout, we get the common primary nasals, while 'contour' nasality patterns give rise to pre-and postnasalized stops. The result is a theory of phonological and phonetic representation in which the segmental idealization is no longer quite so pervasive, since segments have internal structure which may be manipulated by rules. But the full scope of this phenomenon cannot be assessed until similar possibilities have been investigated in other domains" (Anderson 1976: 343).

No capítulo 4 desta tese procuramos desenvolver um meio de representar a estrutura interna dos segmentos nasais e formular regras que permitam manipular essa estrutura. Não

o fizemos com base na analogia com os fenômenos suprasegmentais de tons de contorno, lembrada por Anderson, mas em analogia com os próprios fenômenos segmentais. Tratamos a estrutura interna de um segmento nasal como consistente de subsegmentos, a que demos o nome de fases. Regras análogas às que operam sobre os segmentos simples manipulam as fases, alterando o valor da propriedade [nasal] ou de outras propriedades, como [vozeado], [silábico] e [contínuo]. Não só as consoantes nasais puderam ser tratadas como segmentos trifásicos, mas também as aproximantes, as vogais e as consoantes palatais. Estas últimas, entretanto, poderiam ter sido encaradas como difásicas, mas optamos por dar-lhes o mesmo tratamento apropriado aos segmentos mais complexos. A organização interna dos fonemas do Kaingãng em três fases é um fato específico desta língua, pois outras línguas apresentam apenas duas fases e muitas outras só têm fonemas monofásicos, isto é, fonemas simples, homogêneos, cujas propriedades fonéticas só têm valores constantes. Por ser a organização trifásica específica de certa(s) língua(s), as regras que a manipulam são verdadeiras regras fonológicas e não meras expressões de fenômenos coarticulatórios automáticos.

NOTASINTRODUÇÃO

1. Sobre os índios de São Paulo e particularmente sobre os de Vanuïre, veja-se: Melatti 1976, Borelli et al. 1984.

CAPÍTULO 1

1. Chomsky e Halle utilizaram inicialmente a propriedade [vocálico] (1968: 299, 302 e 303), mas a substituíram depois pela propriedade [silábico], considerada mais adequada para dar conta de determinados fenômenos lingüísticos (1968: 302, nota 7, e 353-354). Também no Kaingãng a propriedade [silábico] permite melhor caracterização de certos processos, como, p.ex., o comportamento dos segmentos /r/, /y/ e /w/ (vide R.13).
2. Embora Chomsky e Halle (1968:302) definam os sons consonantais como "produzidos com obstrução radical na região médio-sagital do tubo vocal", mostram-se inconsistentes com essa definição ao forçar a inclusão dos sons[r] linguais na categoria das consoantes, mediante a afirmação de que, na produção desses sons, a língua levantada estreita suficientemente a passagem para produzir obstrução consonantal, mesmo quando ela não faz contato completo com o céu da boca" (págs.302-303; os sublinhados são nossos).
3. "But Chomsky and Halle's physiologically based definition leads to glottal stops and voiceless vowels being classified as sonorants, which is counterintuitive to say the least."
4. "The laryngeal glides h and? have an unclear status; they

have generally been treated as sonorants in this work, although we suspect that they are better described as nonsonorants."

5. "It should, however, be noted that although Chomsky and Halle (1968:303) characterize voiceless vowels (and presumably voiceless liquids, glides and nasals), as [+sonorant] , they are probably best seen as [-sonorant] , that is, as obstruents in the case of  $\underset{\cdot}{L}$ ,  $\underset{\cdot}{G}$  and  $\underset{\cdot}{N}$ . This includes /h/, which Chomsky and Halle consider to be a voiceless glide and [+sonorant]."
6. Em Kaingãng ocorre também a oclusiva glotal [ʔ], que não foi incluída no inventário fonêmico segmental da língua porque suas ocorrências em parte são predizíveis ao nível segmental (cf. pág.24) e em parte integram o sistema intonacional de natureza suprasegmental (cf. nota 7).
7. O segmento [ʔ] também pode ocorrer em final de sílaba, mas só quando é manifestação do morfema de interrogação, superposto não a uma palavra em particular, mas a todo o enunciado interrogativo (p.ex.,  $\text{ẽ 'krĩ mẽ kaŋa?}$  'sua cabeça está doendo?' X  $\text{iŋ krĩ wẽ kaŋa tĩ}$  'minha cabeça está doendo.'), razão por que deverá, neste caso, com maior propriedade ser tratado como elemento intonacional.
8. Trataremos das matrizes para o Kaingãng do Paraná no próximo capítulo.
9. Nas derivações, formas entre / / são representações fonológicas subjacentes, formas entre [ ] são produtos finais das derivações, ao passo que formas sem barras nem colchetes são etapas intermediárias, decorrentes da aplicação de uma ou mais regras, mas não ainda de todas as regras.
10. Wieseemann (1964) apontou esse fato no Kaingãng do Paraná, denominando-o de "-Rv syllable types" e descreveu da seguinte maneira: "the coda of these -Rv syllable types consists of three consonants, r w or j (represented by R) followed by a short vowel (symbolized by v)

- which normally has the quality of the nucleus vowel."
11. A classificação das regras aqui utilizada foi-nos sugerida por Aryon D. Rodrigues.
  12. 'čoro' e as sete formas seguintes já são produtos da apliação da R.24, cópia de vogal, que se encontra adiante, por uma questão de classificação. O mesmo ocorrerá com as formas tōŋg'tōwō (R.19), nī,ŋeped'kaɾɐ (R.20 e 21), yɔ'pəɾə e as três formas seguintes (R.21).
  13. O símbolo  $\sim$  é usado aqui para indicar duas ou mais realizações fonéticas alternativas em relação à representação fonológica.
  14. R.15 e R.19 refletem flutuação entre sons. Não devemos rejeitar para casos de flutuação a possibilidade de um condicionamento estilístico. Nossos dados, contudo, não nos permitem comprová-lo.
  15. Optamos pelo uso de coeficientes numéricos na matriz fonética (cf. pág.28) para dar conta dos vários graus de altura e posterioridade das vogais do Kaingãng, o que não conseguiríamos por meio de propriedades binárias. Não obstante isso, essas propriedades são tratadas binariamente nas regras fonológicas e, por consequência, na matriz fonológica.
  16. Optamos por usar o símbolo  $?$  em vez de especificação por meio de propriedades, por não termos incluído a oclusiva glotal na matriz fonológica da língua. Foneticamente a oclusiva glotal se caracteriza como: [-cns, -voc, -sil, -son, -nas, -cnt].
  17. Talvez ocorra também assimilação de n a r. Não encontramos, porém, evidência em nossos dados.

## CAPÍTULO 2

1. Conservamos a grafia usada por Wieseemann.
2. Em Wieseemann y representa  $\dot{y}$ . A renumeração dos exemplos é nossa.
3. "die Silbengrenzen sind nicht immer klar erkennbar;man



chmal ist es unmöglich, den genauen Grenzpunkt zwischen Silben zu bestimmen."

4. Estes exemplos estão escritos na ortografia prática utilizada por Wieseemann, na qual *g* representa o fonema /ŋ/, *à* corresponde ao fonema /ə/ e *ò* é a representação do fonema /o/.
5. Ortografia prática como em 4.a.
6. Wieseemann (1972) inclui ? no inventário fonêmico do Kaingãng do Paraná, o que não foi feito por nós. (Vide nota 6 do capítulo 1).
7. Esta regra só se aplica a consoantes alveopalatais nasais no Kaingãng do Paraná.

### CAPÍTULO 3

1. Utilizaremos para nossa análise dados do Kaingãng do Paraná (retirados de Wieseemann 1971 e 1972 e suplementados por alguns verbos retirados de Mullen 1966), dialeto em que esses processos ainda ocorrem normalmente. Wieseemann usa uma ortografia prática em seu dicionário do Kaingãng do Paraná (Wieseemann 1971). Utilizamos, entretanto, para todos os dados a escrita fonêmica, baseada na análise fonêmica apresentada por Kindell apud Wieseemann 1972.
2. Para a distinção entre verbos estativos ('Zustandsverben') e verbos ativos ('Handlungsverben') vide Wieseemann 1972: 90-94.
3. Veja-se adiante a eliminação do sufixo -n da variante IV da classe C de temas verbais que apresentam alternância (págs.82ss).
4. Para o Proto-Jê Davis (1966) reconstrói p, t, k finais. Se sua hipótese de que \*tyk 'preto' é o étimo do Kaingãng (ku)ty 'escuro, noite' for correta, aí temos uma corroboração da reconstrução interna de uma forma kutyk a que nos leva o verbo kutyŋ 'escurecer, anoitecer' (de /kutyk + n/).

5. *roy/roŋ* 'cabelo curto/cortar curto o cabelo' e *təy/təŋ* 'comprido/encompridar' são os dois únicos casos encontrados no Kaingãng do Paraná aos quais não se aplica a regra de compactação. A solução será considerá-los como exceções.
6. A letra a) corresponde à forma neutra e a letra b) à forma ativa.
7. Vide nota 1.
8. Conhecemos apenas um caso de alternância com vogal nasal: *kāŋmī* → *kuŋmī* 'pegar'.
9. Os casos de apofonia com vogal média são os seguintes: *ɸo* → *ɸuŋɸo* 'ter pus, pus'; *še* → *šiŋše* 'atar'; *toy* → *tuntoy* ~ *toŋtoy* 'fissura'; *wākre* → *wākrikre* 'fazer dieta'; *we* → *wiŋwe* 'ver'; *yēnŋaŋ* → *yēnŋiŋaŋ* 'fazer churrasco'.
10. A propriedade [-cor] implica a propriedade [+grave]. Em princípio seria mais econômico usar a propriedade [grave], pois evitaria a inclusão na matriz da propriedade redundante [-cor] para caracterizar *ŋ* e *k*. Preferimos usá-la, contudo, para mantermos as propriedades de Chomsky e Halle (cf. nota 1 do capítulo 2).
11. Há dois verbos para os quais propomos duas variantes temáticas: /*we*/ ~ /*wet*/ 'ver' e /*ša*/ ~ /*šap*/ 'pender'. As variantes terminadas em vogal servem de base para a derivação das formas II, III e IV, ao passo que as variantes terminadas em consoante oclusiva servem de base para derivar a forma ativa:
- /*we*/: I.*we*, II.*wə*, III.*wəŋ*, IV.*we*  
 /*wet*/: neutro *wə*, ativo *wən*;  
 /*ša*/: I.*ša*, II.*šā*, III.*šāŋ*, IV.*ša*  
 /*šap*/: neutro *ša*, ativo *šam*.
12. A R.46 deve ser considerada recursiva a fim de eliminar consecutivamente o *h* e a consoante surda final, e não simultaneamente.

#### CAPÍTULO 4

1. A aproximante *r* é transparente em relação à propriedade

- [<sup>+</sup>nasal] e por isso não interfere nos processos de assimilação dessa propriedade.
2. Os colchetes duplos indicam que a operação se efetua dentro do próprio segmento, isto é, intrassegmentalmente.
  3. A ocorrência opcional de fronteiras de palavra ( $\neq$ ) no ambiente da R.60 significa que o contexto para sua aplicação pode restringir-se ao âmbito da palavra.
  4. Encontramos apenas um exemplo no nosso corpus para essa regra. Não obstante é lícito supor que o mesmo fenômeno recorra num corpus maior, eventualmente também quando o segmento nasal for de outro ponto de articulação. Como processo assimilatório, a R.61 é em si mesma bastante plausível. Ela lembra, além disso, a desnasalização de /m/ após /r/ e /β/, registrada em línguas da família Tupi-Guarani, como o Guarani Antigo e o Tupinambã (comunicação pessoal de A.Rodrigues): Guarani Antigo /-ayír mén/ → ayírβén → ayíβén → [ãɲĩβẽ] 'filha-marido', isto é, 'genro'.
  5. Regras adicionais deverão incidir sobre formas como essa para chegarmos à realização fonética final, como veremos adiante (cf. pág.105).
  6. Poderíamos também indicar a segunda aplicação da R.57 por meio de R.57'.
  7. As letras entre parênteses referem-se às situações de aplicação da R.60 acima especificadas.
  8. Vide o segundo princípio que rege a aplicação das regras intrassegmentais, na pág.100.
  9. Note-se que no caso de segmento subespecificado como [[+++nas]] é, em princípio, indiferente que a primeira aplicação da R.62 incida sobre a primeira ou a terceira fase; entretanto, consideramos mais natural que a primeira aplicação incida sobre a primeira fase, o que corresponde ao sentido da produção linear dos segmentos.
  10. Usamos o termo timbre para reunir as propriedades vocálicas de altura, posterioridade, arredondamento e nasalida

de, que caracterizam cada vogal da língua Kaingãng.

11. Outro input para R.67 seria kēŋgə[[www]].
12. As letras entre parênteses correspondem aos produtos da aplicação de R.60.
13. Outra realização fonética seria [ko'f̄ərə'bəg] , numa derivação paralela à de ['təy̆j] acima, para chegar-se a [g] em vez de [g̃] antes de fronteira de palavra.
14. Esta forma já sofreu aplicação da R.13 (nasalização de r, y e w).

BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Stephen R. (1974) - The Organization of Phonology. New York: Academic Press.
- (1976) - "Nasal Consonants and the Internal Structure of Segments". Language, vol.52, nº 2 (1976). Baltimore.
- BALDUS, Herbert (1935) - "Sprachproben des Kaingang von Palmas". Anthropos XXX, págs. 191-202. Wien.
- (1947) - "Vocabulário Zoológico Kaingang". Arquivos do Museu Paranaense, vol. VI, págs.149-160. Curitiba.
- (1952) - "Terminologia de Parentesco Kaingang". Sociologia XIV, nº 1, págs. 76-79. São Paulo.
- (1953) - "Sinopse da História dos Kaingang Paulistas". São Paulo em Quatro Séculos. Obra comemorativa organizada pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. I, São Paulo, págs. 313-320.
- BORBA, Telêmaco Morosini (1882) - "Breve Notícia sobre os Índios Caingangs Acompanhada de um Pequeno Vocabulário da Língua dos mesmos Indígenas e da dos Cayguas e Chavantes". Revista Mensal da Secção da Sociedade de Geographia de Lisboa no Brasil, vol.2, págs. 20-36. Rio de Janeiro.
- (1904) - "Observações sobre os Indígenas do Estado do Paraná". Revista do Museu Paulista, vol.6, págs. 52-62. São Paulo.
- (1908) - Actualidade Indígena. Curitiba. (171 págs. in 89, 5 pranchas).

- BORELLI, S.H. Simões et al. (1984) - Índios no Estado de São Paulo: Resistência e Transfiguração. S.Paulo: Yan katu Editora e Comissão Pró-Índio de S.Paulo.
- CHOMSKY, Noam and Morris Halle (1968) - The Sound Pattern of English. New York: Harper & Row.
- DAVIS, Irvine (1966) - "Comparative Jê Phonology". Estudos Lingüísticos: Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada, vol.I, nº 2, págs. 10-24. São Paulo.
- GUÉRIOS, Rosário F. Mansur (1942) - "Estudos sobre a Língua Caingangue. Notas Histórico-Comparativas". Arquivos do Museu Paranaense II, págs. 97-177. Curitiba.
- HENRY, Jules (1935) - "A Kaingang Text". International Journal of American Linguistics, vol.8, págs. 172-218. New York, Baltimore.
- (1941) - Jungle People (a Kaingang Tribe of the Highlands of Brazil). New York.
- (1948) - "The Kaingang Language". International Journal of American Linguistics, vol.14, págs. 194-204. New York.
- ISTRE, Giles Lothar (1980) - Fonologia Transformacional e Natural. Uma Introdução Crítica. Ensaios de Lingüística da UFSC. Núcleo de Estudos Lingüísticos. Florianópolis.
- KINDELL, Gloria (1981) - "Alternation of some noncontrastive Sounds of Kaingãng". Manuscrito.
- KROHN, Robert (1972) - "Underlying Vowels in Modern English". Glossa, vol.56, nº 2, págs. 203-24.

- LADEFOGED, Peter (1972) - Preliminaries to Linguistic Phonetics. Chicago: University of Chicago Press.
- MULLEN, Paul (1966) - Verb Pluralization in Kaingãng. Arquivo Lingüístico nº 159. Brasília, D.F.: Summer Institute of Linguistics.
- RODRIGUES, Aryon D. (1981) - "Abertura e Ressonância". Ensaio de Lingüística 4, págs. 324-33. Araraquara.
- 
- \_\_\_\_\_ e Marita P. CAVALCANTE (1982) - "Assimilação intrassegmental em Kaingãng". 34<sup>a</sup> Reunião da SBPC. Campinas.
- RODRIGUES, Aryon D. (1983) - "Silêncio, Pausa e Nasalização". VIII Encontro Nacional de Lingüística. Rio de Janeiro.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1975) - Curso de Lingüística Geral. (Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger). São Paulo: Editora Cultrix (7<sup>a</sup> ed., trad.).
- VALFLORIANA, Mansueto Barcatta de (1920) - "Diccionarios Kainjgang - Português e Português - Kainjgang". Revista do Museu Paulista XII, págs. 1-392. São Paulo.
- WIESEMANN, Ursula (1964) - "Phonological Syllables and Words in Kaingãng". Völkerkundliche Abhandlungen. Band I - Beiträge zur Völkerkunde Südamerikas. Hannover.
- 
- \_\_\_\_\_ (1971) - Dicionário Kaingãng - Português Português - Kaingãng. Rio de Janeiro: Summer Institute of Linguistics/Fundação Nacional do Índio.
- 
- \_\_\_\_\_ (1972) - Die Phonologische und Grammatische Struktur der Kaingãng - Sprache. The Hague/Paris:

Mouton & Co., printers.

---

(1978) - "Os Dialetos da Língua Kaingãng e o Koklêng". Arquivos de Anatomia e Antropologia 3, págs. 197-217. Rio de Janeiro.

---

(1980) - "Events and Non-Events in Kaingãng Discourse". Wege zur Universalienforschung: Sprachwissenschaftliche Beiträge zum 60. Geburtstag von Hans Jakob Seiler (Gunter Brettschneider and Cristian Lehmann, eds.), págs. 419-33. Tübingen: Narr.